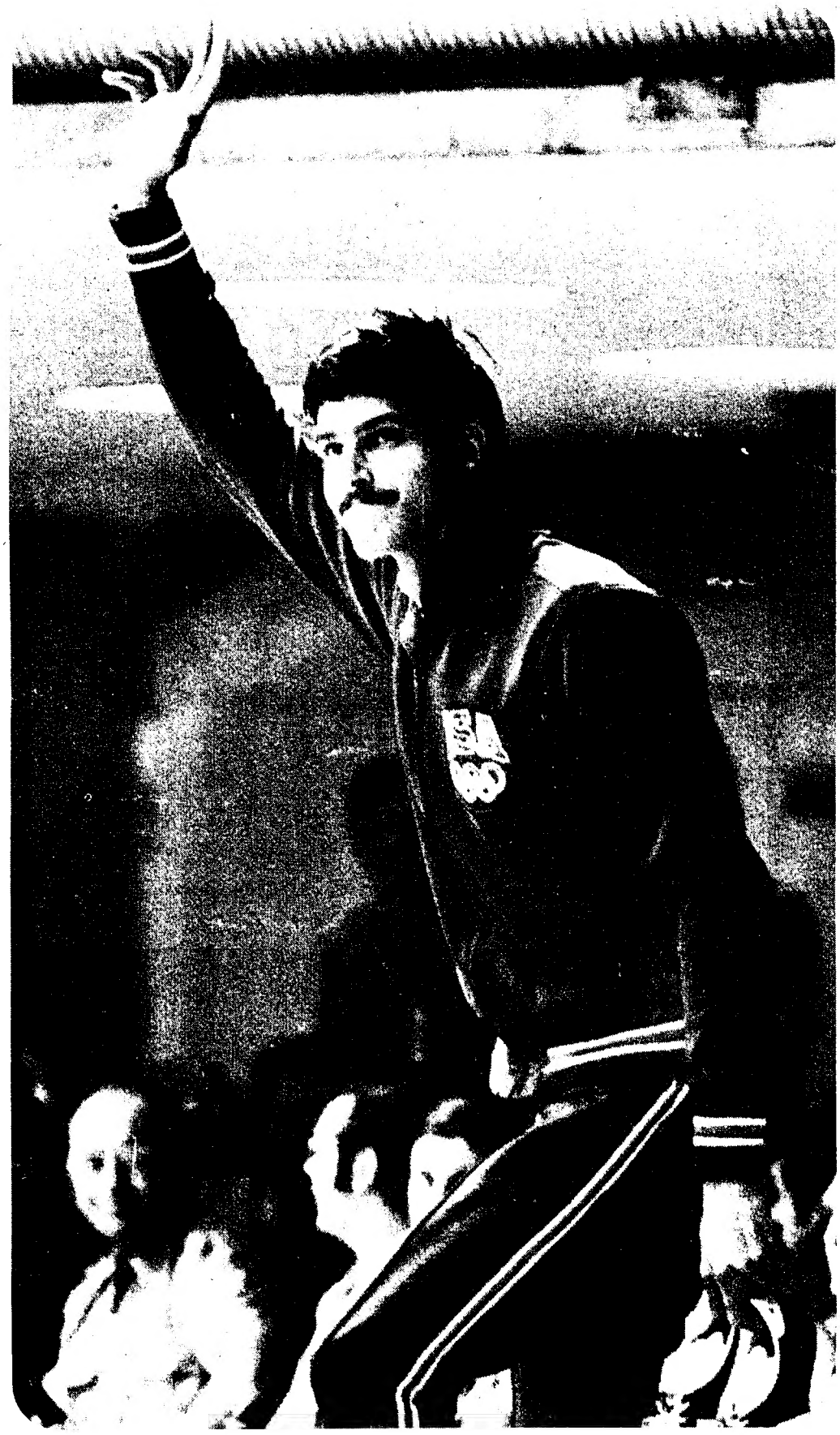
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 3 DE SETEMBRO DE 1972-N.º 17852-ANO 52.º-PREÇO 1$50

AS OLIMPÍADAS DO AMOR

Heidi Schueller conquistou o coração de Mark Spitz



Spitz quer voltar com as medalhas e uma esposa alemã

MUNIQUE 72

Pelo nosso enviado NEVES DE SOUSA

Ela chama-se Heidi Schueller: foi a jovem atleta e estudante de Munique escolhida para prestar o juramento das Olimpíadas. Ele é Mark Spitz, o sensacional recordista norte-americano de natação que foi a Munique coleccionar medalhas de ouro. Neves de Sousa, enviado especial do DL, manda dizer da Alemanha que os dois estão apaixonados e que Heidi deixou para trás as dezenas de jovens que suspiravam pelo assombroso atleta. (DL/Desportos)

HOJE 28 PÁGINAS

O FILHO QUE MARX DETESTAVA

PÁGINAS CENTRAIS

LÁGRIMAS DE RAINHA

Isabel Margarida fungou, limpou lágrima e sorriu. Acabava de ser eleita Rainha das Festas das Vindimas em Palmela. Com 15 anos, agradeceu os aplausos do milhar de pessoas que enchiam o cine-teatro São João e disse ao repórter do DL: «Ganhar é bom, mas não sei se isto vai modificar alguma coisa na minha vida. Eu nunca tinha sido eleita rainha de nada». As festas prosseguem e hoje deverão atrair a Palmela milhares de forasteiros. (PÁG. 8/9)

MANOLETE MORREU HÁ 25 ANOS

PÁGINA 28

AS OLIMPÍADAS DE BRANDT

O ministro francês dos Estrangeiros Maurice Schumann foi recebido pelo chanceler federal Willy Brandt a fim de preparar a próxima cimeira europeia de Outubro. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

A República Federal Alemã assiste «olìmpicamente» à fusão discreta da euforia dos Jogos «mais esplendorosos das Olímpiadas Modernas» no limiar da atmosfera eleitoral, em que socialistas e cristãos-democratas começam a definir com grandes rasgos os seus programas de Governo. A primeira tomada de posição face às próximas eleições, antecipadas para Novembro, foi assumida pela social-democracia através do chanceler Willy Brandt. Prevê o chefe do Governo federal uma intensificação das reformas socialistas que inclui nomeadamente: a eliminação dos abusos do poder económico privado e o respeito pela economia do mercado, mas com uma intervenção crescente do Estado. Por «intensificação da democracia social» entende o chanceler uma realização efectiva do direito de co-gestão na indústria privada e uma assistência social mais eficiente. «Para se poder garantir a segurança do futuro, é necessário lutar pelas reformas sociais no presente», acrescentou Brandt. Para evitar possíveis especulações, sobretudo dos aliados liberais, o dirigente socialista apressou-se a explicar que, apesar de existirem largas diferenças em pontos essenciais na generalidade da coligação governamental, os pontos comuns em problemas-chave são tantos que é possível antever uma actuação fecunda do Governo. De resto, numa comunicação recente, o chanceler foi muito mais claro ao expor o balanço da sua **Ostpolitik** aos deputados do Partido social-democrata. **«A nossa política, de uma maneira geral, é perfeitamente aceitável», começou por afirmar Willy Brandt. De facto, tudo leva a crer que sim.**

Vejamos: Durante o mandato de Willy Brandt ficou definitivamente assente a ratificação dos tratados de Moscovo e de Varsóvia e foram restabelecidas as relações diplomáticas com a Polónia que culminaram com a assinatura do protocolo final ao pôr em vigor os acordos de Berlim concluídos no ano passado; Andrey Gromiko fez a sua primeira visita à capital federal: «Nós já não somos inimigos», teria dito o ministro soviético dos Estrangeiros durante a visita que Bona classificou de «acontecimento histórico». Entretanto estão em vias de ser normalizadas as relações da República Federal com a Checoslováquia, a Hungria e a Bulgária. Está prestes a concretizar-se um acordo geral com a República Federal Alemã, facto que, embora cristalize indefinidamente a divisão da Alemanha, segundo Walter Schell, «desembaraçará Bona de um grande obstáculo» nas relações internacionais. Está ainda assegurado, ao que parece, o desejo expresso frequentemente pelos dirigentes alemães, de uma Alemanha «reconciliada» com a URSS e conservando os laços de amizade com os Estados Unidos — uma posição privilegiada para desempenhar um papel decisivo no futuro da Europa. Parece ter sido grande a surpresa de Willy Brandt quando Gromyko, durante a sua visita a Bona, confirmou abertamente o que tinha começado a constar após o encontro Nixon-Brejnev: «Nós não pretendemos sabotar as posições americanas na Europa».

SEGUNDA-FEIRA

O ministro do Interior do Chile, Jaime Suarez, anunciou uma série de medidas para combater os «delitos económicos e políticos de carácter subversivo»: 1) Fechar a estação de Rádio Agricultura por repetidas incitações à subversão; 2) Expulsar do país vários estrangeiros, por contrabando e negócio de divisas, bem como participação em actos destinados a perturbar a ordem pública; 3) Modificar os regulamentos de permanência de estrangeiros no Chile, a fim de tornar mais rigoroso o controle das suas actividades; 4) Aplicação imediata da lei de segurança interna ao grupo da extrema-direita Pátria e Liberdade, bem como à brigada para-militar Rolando Marus (direita); 5) Dar instruções às forças da Polícia para empregar todos os meios ao seu alcance, a fim de evitar motins e actos de violência dos grupos sediciosos. O presidente Allende viria mais tarde a levantar o estado de emergência declarado para a província de Santiago do Chile, ao mesmo tempo que era decretada a mesma medida para a província de Bio-Bio para fazer frente a possíveis disturbios durante uma greve de comércio.

TERÇA-FEIRA

O presidente Nixon anunciou que projecta pôr termo ao serviço militar obrigatório a partir de 1 de Junho de 1973. Caso esta promessa venha a realizar-se, o presidente Nixon cumprirá assim uma promessa que fez na campanha eleitoral de 1968, ao declarar que «trabalharia para pôr termo ao serviço militar obrigatório e criar um Exército ùnicamente de voluntários». A decisão foi anunciada após conversações com o secretário da Defesa, Melvin Laird, acerca da presença de efectivos militares americanos no Vietname depois do dia 1 de Setembro. Melvin Laird apresentou um relatório sobre o progresso quanto a um Exército só de voluntários que, segundo o secretário da Defesa, estará destinado a tornar-se muitíssimo popular entre os milhões de jovens que votarão pela primeira vez nas eleições de Novembro. Entretanto está programado reduzir o número de efectivos americanos no Vietname para 39 000 homens a partir do dia 1 de Setembro e calcula-se que o presidente ordenará a retirada de mais 10 000 ou 15 000 soldados, ficando os restantes como uma força residual até Hanoi ter libertado todos os prisioneiros de guerra americanos.

QUARTA-FEIRA

Durante um discurso pronunciado numa assembleia de banqueiros de Wall Street, o candidato democrático George McGovern foi aplaudido quando falou no desaparecimento das despesas militares ocasionadas pela guerra do Vietname mas, pouco depois, foi encarado com cepticismo quando se referiu à eliminação das vantagens fiscais das empresas a fim de permitir ao Governo financiar despesas sociais suplementares num total de 30 milhões de dólares. Um economista afirmou que o discurso de McGovern tinha contribuído «muítissimo para acalmar os receios em Wall Street, apesar de não terem sido encontradas muitas pessoas que elogiassem as novas propostas. O plano económico revisto do candidato presidencial democrático prevê reduções de cerca de 30 milhões de dólares nas despesas militares e reformas de impostos. McGovern escolheu a Wall Street, que designa por «caverna do leão» para apresentar a nova versão dos seus planos económicos e sociais, depois de á primeira apresentação terem sido muito criticados por serem demasiado radicais. Eliot Janeway, antigo conselheiro económico do ex-presidente Truman observou: «O discurso de McGovern é uma potente medicina política mas ainda não faz sentido económicamente».

Decorreram numa atmosfera de «entendimento mútuo e amizade» as conversações que levaram Nixon ao Haway para conferenciar com o primeiro-ministro japonês Kakuei Tanaka. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

QUINTA-FEIRA

Iniciaram-se em Pyongyang os contactos entre as delegações da Cruz Vermelha das duas Coreias, cujo objectivo imediato é a aproximação das famílias afastadas há mais de vinte anos pela barreira política e militar que separa o Governo comunista da Coreia do Norte do Governo sulista-pró-americano. Parece atingir alguns milhões o número de pessoas cuja situação deu origem ás conversações entre as duas Coreias, consideradas como o primeiro passo para a reunificação nacional. «Este encontro é uma nova brecha na barreira que há um quarto de século separa o Norte e o Sul» — afirmou Kim Tai Hui, chefe da delegação norte-coreana. «As presentes conversações — acrescentou — são a prova real de que se aproxima o alvorecer de uma nova história da Coreia reunificada». Por sua vez, o chefe da delegação sul-coreana Lim Bom Sck, declarou: «A presença da nossa delegação na cidade de Pyongyang corresponde á solene aspiração do povo de que o país seja unificado e aos fervorosos desejos das famílias separadas». Depois de prestar homenagem á «calorosa hospitalidade» dos seus anfitriões, Lim Bom Sok prosseguiu: «Se fosse possível, o melhor seria desmantelar a barreira de um só golpe». Considerou, no entanto, que após 27 anos de separação seria preferível proceder por fases, «criando primeiro uma atmosfera de reconciliação». O chefe da delegação sul-coreana teve a preocupação de acentuar: «Somos nós e mais ninguém quem esta a escrever este novo capítulo da história da nossa nação».

SEXTA-FEIRA

O presidente Nixon e o primeiro-ministro japonês Kakuei Tanaka concordaram em Honolulu reduzir o «déficit» do comércio dos Estados Unidos com o Japão num período razoável de tempo. Como primeiro passo nesse sentido o Japão anunciou, num comunicado conjunto, divulgado no fim das conversações, que resolveu comprar cerca de 1.100 milhões de dólares de produtos norte-americanos, incluindo aviões de passageiros, produtos agrícolas e outras mercadorias dos Estados Unidos em transacções a efectuar no decorrer do próximo ano. No mesmo documento, o presidente Nixon manifesta a sua aprovação ao projecto do primeiro-ministro Tanaka se deslocar em breve á capital chinesa e associa-se ao dirigente japonês manifestando a sua esperança de que esta visita possa contribuir para o abrandamento da tensão na Ásia. O comunicado conjunto salienta ainda que os governos do Japão e dos Estados Unidos tencionam manter o Tratado de Segurança e reafirma a intenção dos dois países fazerem o possível para tornar esse acordo mais eficiente. O acordo nipo-americano provoca, contudo, uma certa inquietação nos meios económicos japoneses onde se receia que o iene venha num futuro próximo a acusar o aumento do volume de compras aos Estados Unidos.

CARLOS MORAIS

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

SÁBADO

Pouco depois do senador Edward Kennedy afirmar em Washington que vários prisioneiros americanos seriam libertados em breve, a agência noticiosa do Vietname do Norte divulgou um comunicado a anunciar que o Governo de Hanói decidira pôr em liberdade três prisioneiros de guerra. O comunicado de Hanói acrescentava que os três prisioneiros iriam ser postos em liberdade «de acordo com a política humanitária do Vietname do Norte» e que «todos os pilotos americanos terão a possibilidade de regressar rápidamente ao seio da família desde que o Governo americano dê uma resposta positiva ao programa em sete pontos do Governo Revolucionário do Vietname do Sul, pondo termo á guerra e fazendo com que a paz regresse ao Vietname». A decisão inesperada do Governo de Hanói coincide com as comemorações do 20.º aniversário da independência que, segundo o primeiro-ministro Pan Van Dong, decorre este ano «nas melhores condições de sempre». Durante uma recepção a jornalistas o primeiro-ministro afirmou: «Celebramos a nossa festa nacional com uma situação óptima ao Sul e em toda a Indochina em geral». Entretanto em Honolulu, o presidente Nixon, falando para 5.000 pessoas, afirmava que os Estados Unidos não tencionam diminuir o seu poder militar. «Nunca abandonaremos os nossos prisioneiros de geurra, nunca tentaremos impôr ao povo do Vietname do Sul um Governo contra a sua vontade e nunca mancharemos a honra dos Estados Unidos».

NUNO VIEIRA, ENVIADO ESPECIAL DO "DL", ESCREVE DE MUNIQUE

A ONU OLÍMPICA

MUNIQUE — Durante 16 dias, as Nações Unidas parecem ter-se mudado de Nova Iorque para a capital da Baviera, Munique, transformada em Babel, mas uma Babel organizada com a habitual eficiência alemã, que atinge nova dimensão com os preparativos para receber pelo menos dois milhões de visitantes até ao fim dos XX Jogos Olímpicos. Ouvem-se as mais variadas línguas, desde o inglês ao cambojano, e do norueguês ao paquistanês. Simultâneamente, mais de dois mil jornalistas estão presentes para cobrir um acontecimento que, graças à Mundovisão, quase um bilião de pessoas espalhadas pelo Globo podem acompanhar através da TV.

Para além do carácter universalista as Olimpíadas pretendem ter, elas salientam este ano, no entanto, uma nova imagem que a República Federal Alemã deseja mostrar aos outros povos. Uma imagem não só de capacidade no domínio da tecnologia como ainda da vontade de cooperar no plano internacional com vista a uma acomodação mútua, de que a já histórica «Ostpolitik», ou política de abertura a Leste, do chanceler social-democrático Willy Brandt, foi uma primeira manifestação, desde que ele ascendeu ao poder em 1969, e que está prestes a conduzir ao reconhecimento da outra Alemanha, a República Democrática Alemã, comunista, pelo Governo de Bonn. E é sintomático que entre os atletas até à data mais aplaudidos em Munique pelos espectadores da Alemanha Ocidental se encontrem os da Alemanha Ocidental.

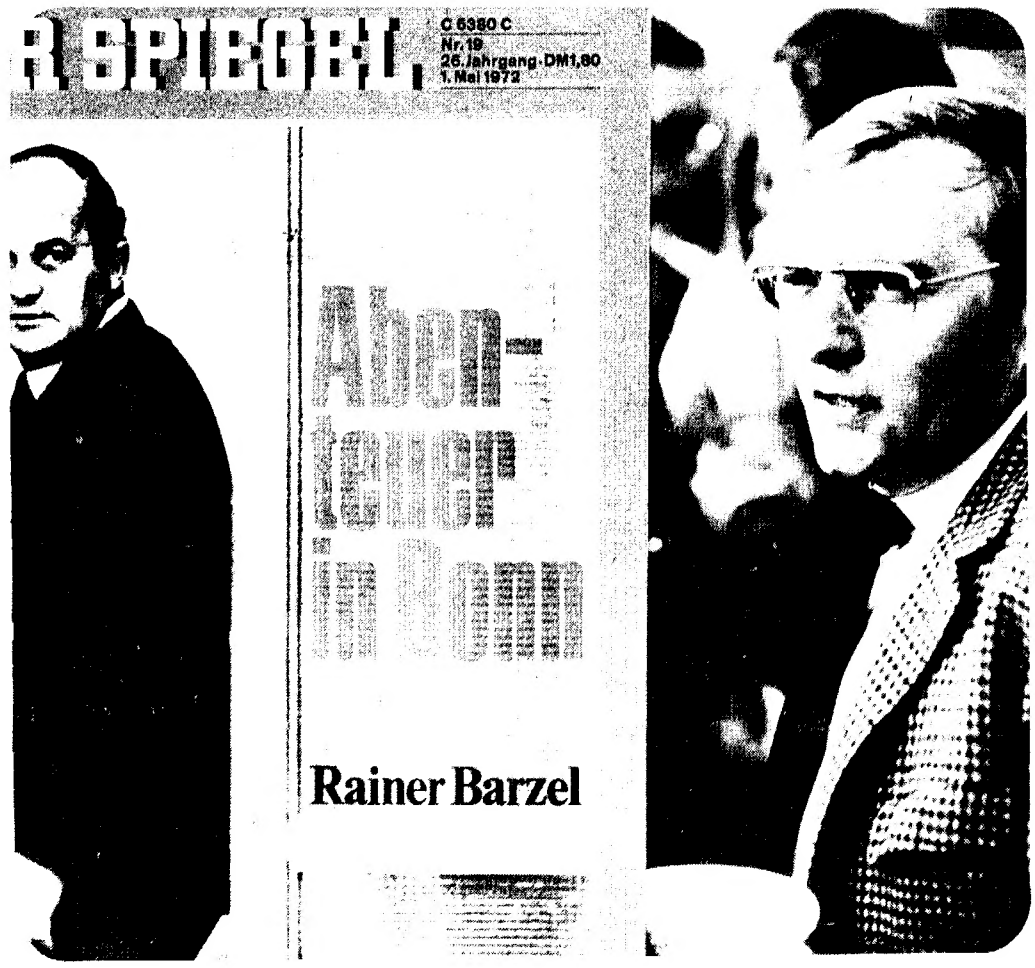
De facto, os alemães ocidentais vivem intensamente o seu ano olímpico. Cartazes, montras, vestuário a indústria, a Imprensa, a Rádio e a TV foram mobilizados num esforço gigantesco que toca as raias da intoxicação ideológica, como se houvesse a intenção de obter uma mutação de mentalidade por meio da instilação em doses maciças do espírito olímpico. Se o leitor acaba de chegar à República Federal, pode suceder que no táxi entre o aeroporto e o hotel o motorista ligue o pequeno televisor instalado no veículo para ver as provas na altura a serem transmitidas directamente de Munique. No hotel, um receptor de TV, de maiores proporções, espera-o na sala habitualmente reservada às conferências dos homens de negócios ou no próprio quarto.

E se o leitor não conseguiu bilhetes para os Jogos Olímpicos, que no mercado negro quase atingiram o preço de dez contos, resta-lhe a consolação de acompanhar, apesar de tudo, as provas através da TV a cores em algum bar ou restaurante. Como um, muito especial, que existe agora em Dusseldorf e onde jornais afixados com as últimas notícias e receptores de TV espalhados por todo o estabelecimento, embora sem quebrarem inteiramente a intimidade, a meia luz, de alguns recantos, mergulham o frequentador num ambiente futurista no qual os meios de comunicação desempenham o principal papel.

Mas, se bem que as atenções gerais se fixem em Munique, os alemães ocidentais preparam-se para o que virá a seguir, num ano, aliás, de eleições, suspectíveis de se revelarem particularmente renhidas, entre a coligação social-democrata-liberal e a oposição democrata-cristã, apesar das sondagens de opinião favoráveis ao Governo e do facto do SPD, de Willy Brandt, ser um verdadeiro partido de massas, com mais de 800 mil filiados, enquanto a CDU de Rainer Barzel se preocupa mais em manter o apoio de certas minorias. Contudo, para além da batalha da política interna, a República Federal tem uma posição a firmar no Mercado Comum alargado, que se concretizará no dia 1 de Janeiro de 1973, com a entrada de mais quatro países, entre os quais a Inglaterra, que se juntarão aos seis primitivos componentes da Comunidade Económica Europeia.

Mas o esforço alemão ocidental não depende só dos objectivos ao nível federal, pois os Estados que constituem a República Federal têm as suas prerrogativas e também os seus deveres, o mesmo socedendo com as comunidades ao nível municipal. Wuppertal, por exemplo, cidade de pouco mais de 400 mil habitantes, na zona industrial ao longo do Reno, exibe realidades esclarecedores quanto às perspectivas de uma nação que, por duas vezes em menos de um século, nasceu da derrota e do caos. Criada por meio da fusão de cinco localidades, em 1929, a cidade, que vive da pequena indústria (têxtil e metalúrgica), exibe o seu singular comboio suspenso, inaugurado por volta de 1900 pelo imperador Guilherme II, e que percorre uma linha de 13 quilómetros de extensão, uma ópera, um jardim zoológico, pelo menos cinquenta por cento de espaços verdes e um centro de treino de natação descrito como o maior da Alemanha, com uma piscina de 50 por 25 metros, só ela no valor de dez milhões de marcos (quase 90 mil contos), donde sairam nove dos nadadores integrados na representação olímpica alemã. Além disso, Wuppertal acolhe milhares de trabalhadores estrangeiros, incluindo alguns portugueses, e a sua Imprensa, tipicamente local, nos moldes alemães, desempenha o seu papel da defensora dos interesses da população, vigiando de perto as acções da administração pública. É o caso do principal diário da cidade, o «General Anzeiger», com uma tiragem de cerca de 70 mil exemplares e que, com novo equipamento, está a ser impresso em «off-set» para melhor enfrentar a concorrência, nomeadamente da televisão.

Técnica e informação, além do trabalho individual ou colectivo empenhado em semelhante esforço, em Wuppertal e noutras cidades semelhantes que formam a retaguarda de Munique, acham-se portanto na base da arrancada olímpica alemã.



Rudolf Augstein (à direita, director do celebre magazine alemão «Der Spiegel») vai candidatar-se a deputado à Dieta pelo Partido Democrata Livre. O conhecido jornalista, membro do partido liberal há 16 anos, terá como adversário na sua circunscrição eleitoral, a Renânia do Norte-Vestfália, um político de relevo: Rainer Barzel, chefe da oposição cristã-democrata no Parlamento. Augstein disse candidatar-se por ser a favor da continuação da actual coligação governamental em Bonn

JOSÉ JORGE LETRIA ESCREVE DE LONDRES

GILBERTO GIL EM TEMPO DE REGRESSO

Gilberto Gil

LONDRES, 2 — Para o cantor brasileiro Gilberto Gil o Rio de Janeiro não continua lindo. Encontrá-mo-lo ontem em Porto Bello Road, durante a actuação de um razoável agrupamento amador num edifício em construção.

Acompanhado por seu filho e por alguns amigos brasileiros também redidentes em Londres, Gilberto comentava favoràvelmente as qualidades vocais da cantora do pequeno grupo amador. Com a barba por fazer e um grande sorriso nos lábios, Gilberto falou-nos de Londres e dos seus projectos mais imediatos a realizar já no Brasil, durante os próximos meses.

Para quem em Portugal se entusiasma com o espectáculo oferecido pela Feira da Ladra, Porto Bello Road, situada numa das mais pobres zonas da capital britânica, é, em toda a extensão dos seus casos humanos, um mundo fascinante que ultrapassa qualquer possibilidade de classificação.

Dezenas de jovens de ambos os sexos vestidos com extravagância reunem-se ali, todos os sábados, para tocar a sua música, quase sempre muito inferior àquela que de Inglaterra nos chega em disco, e para angariarem alguns fundos com a venda de produtos normalmente artesanais: cintos, colares, pulseiras, flautas de cana, túnicas e cachimbos. Mas, nem só do pequeno artesanato vive o sub-mundo de Porto Bello Road. Uma das suas principais fontes de receita é, seguramente, o comércio de antiguidades constando, até, que um pacato funcionário público adquiriu há alguns anos por preço módico um quadro de Van Gogh que, depois vendeu por algumas dezenas de milhares de libras.

EXEMPLO

Nesta altura do ano, Londres em geral, e Porto Bello em particular, estão repletas de negros norte-americanos e de outras nacionalidades que, habituados ao ambiente fechado dos pequenos ghettos têm, frequentemente, conflitos com os brancos que recebam no local. No entanto, para quem julga que em Londres existem preconceitos discriminatórios, podemos adiantar que é muito frequente ver-se carros de luxo conduzidos por negros e belas mulheres acompanhadas por individuos de cor. Nesse aspecto a capital britânica dá constantemente exemplos de respeito e de dignidade, pelo menos ao nível da população mais jovem. Em relação a mais idosa não nos pronunciamos, pois ignoramos até que ponto se encontra ainda condicionada pelo peso duma velha tradição colonial.

Mas, Porto Bello tem muito mais para mostrar ao visitante desprevenido. Há também jovens que dançam e cantam para deleite de dezenas de «blow ups» que, de máquina em punho, acompanham com minúcia todos os movimentos da curiosa fauna, onde abundam «travestis», e espectadores solitários. E, porém, neste «universo» constantemente renovado, que Londres se define como uma das mais livres e permissivas cidades da Europa, a par de Amesterdão e de Copenhaga. Para além de constituir um dos elementares direitos da pessoa humana a liberdade tem aqui a vantagem de tirar do espírito da juventude muitos dos fantasmas que ainda hoje atormentam os jovens de outros países. Com efeito, seja nas ruas ou nos jardins públicos, nenhum inglês perturba o descanso das jovens turistas como sucede com assustadora frequência nas praias e nos bares do nosso país de marinheiros, repleto de homens másculos e dinâmicos. Londres e a sua população têm mais que fazer. O sexo e as relações humanas, ao nível do quotidiano, deixaram de abalar o sono dos ingleses que, fleumàticamente, preenchem os seus fins de semana quase sempre de forma saudável e racional. Assim se desenvolve, numa temperatura amena, este país cuja entrada no Mercado Comum continua ser vista com reservas pela maioria dos seus habitantes.

Foi com alguma surpresa que encontrámos Gilberto Gil em Porto Bello, apesar de o sabermos a residir com a família na-

Continua na pág. 16

ESTORIL — CACÉM
CONTINUAM BOMBÁSTICOS SALDOS
NOS ARMAZÉNS DO MINHO
RUA DR. ANTÓNIO MARTINS, 27 - ESTORIL — PRACETA DA FAMÍLIA CAMBOURNAC, 2 - CACÉM

OS OLHOS E A COR

«Se hoje Brigitte Bardot se fizesse fotografar a cores com um par de óculos de lentes triangulares e cor de malva, amanhã a França feminina e depois de amanhã a França masculina, passaria a andar a passear com um horror semelhante encavalitado no nariz.» Assim o doutro François Hervouet, conhecido oftalmologista de Nantes, começa um violento ataque à moda das lentes coloridas («uma mania perniciosa») publicada nos «Anais de oculista».

Por certo que, admite Hervouet, as lentes fumadas e coloridas não são condenadas como tais; pelo contrário, em muitos casos são necessárias. O olho normal delas tem necessidade em certas indústrias. Sobre a neve, os raios ultravioletas nocivos, reforçados por uma superfície reflectora, requerem uma protecção. Certas miopias, certas afecções da retina, uma catarata evolutiva ou operada recentemente, o albinismo, são outras tantas razões muito válidas para o uso de lentes escuras.

REACÇÕES NECESSÁRIAS

É, porém, necessário combater a ideia de que seja preciso proteger sistemàticamente o olho normal. Quem usa óculos para ver deveria saber, por exemplo, que as suas lentes não coloridas, os defendem muitíssimo bem dos raios de pequeno comprimento de onda que poderiam, excepcionalmente, fazer-lhe mal.

Hervouet recorda que as reacções físico-químicas provocadas pela luz, são necessárias ao olho humano. Quebrar, com um artifício, este miraculoso equilíbrio significa privar a retina de um estímulo indispensável, com duas consequências: o chamado fotofóbico tornar-se-á um verdadeiro fotofóbico, com a impossibilidade de ver durante o dia a não ser com os olhos protegidos.

O efeito dinâmico, tónico, cinésico da lua exerce-se quase sempre através da vista, sobretudo nos animais superiores e no Homem. **«Atenuar, de maneira constante, o efeito da luz»,** diz Hervouet, **«é uma falta de senso que diminui o rendimento do indivíduo, que perturba o carácter e, coisa que quase todos ignoram, a sexualidade».**

O efeito dinâmico, tónico e cinésico da luz exerce-se quase sempre através da vista

Em toda a Organização dos
armazéns do CONDE BARÃO

EXTERNATOS

São Vicente
Rua do Paraíso, 28
Tel. 864100

Marquês de Pombal
Rua Edith Cavell, 8
(ao Chile) — Tel. 82 02 21

Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica)—Tel. 70 69 74

LICEAL—PREPARATÓRIO—COMERCIAL—INSTITUTOS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

SER MULHER NOS E.U.A.

Durante sete dias por semana, a mulher tem as obrigações, que lhe ocupam o dia inteiro, de mãe de família de dona de casa.

Durante cinco dias por semana tem o emprego de tempo inteiro.

«Os consultores da direcção dizem que isto não pode ser — o que é um disparate.»

Quem faz esta declaração peremptória é a sr.ª Norene Dann Martin, de Washington, que, ao longo de vinte anos, acumulou as funções de dona de casa com as de empregada superior de uma firma, obtendo o melhor êxito nas duas actividades que preenchiam — a transbordar — a sua vida.

DISTINÇÃO CULTURAL

«Trabalhei no escritório até às 5 da tarde do dia 17 de Setembro de 1954, e ás 8 da manhã do dia seguinte nasceu a minha filha. Duas semanas mais tarde, estava de novo sentada à minha secretária...»

Este o seu depoimento perante o seminário de chefia de empresas organizado pelos serviços médicos de uma companhia de seguros.

Vice-presidente da «National Parking Association», a sra. Martin dirigiu uma advertência curiosa às mães de família que têm o seu emprego fora de casa:

«As mães que gastam parte do seu tempo nos escritórios têm a tendência de exagerar o seu papel de mães. Têm um sentimento de culpa, um sentimento que lhes foi incutido pela sociedade moderna de orientação masculina, um sentimento totalmente desnecessário e que é espécie de auto-indulgência».

A sr.ª Martin não acredita — declarou que responde sempre com um não categórico quando lho perguntam — que haja diferença fundamental entre homens e mulheres na sociedade:

«A menos que se entenda que devemos, sempre e em todas as circunstâncias, ser julgados padrões de participação de cada um no processo de reprodução da espécie.

«Abstraindo esse absurdo, nem emocional nem intelectualmente existe qualquer diferença. É possível que, por enquanto, os homens e as mulheres se exprimiam por formas diferentes Mas é apenas uma questão de educação — o que resta de velhos e antiquíssimos preconceitos. Por exemplo, os homens ouvem dizer, desde pequenos que um homem não pode chorar. E na sua grande maioria não choram: de facto. Andam há séculos a ser treinados para não chorar.

UMA PALAVRA ÀS MULHERES

«Essa acção reflexa foi-lhes, desde sempre, apresentada como indigna deles. Se um garoto cai e parte a cabeça, limpam-lhe o sangue e dizem-lhe: — tu já és um rapazinho crescido. E os rapazes não choram.

«Mas se for rapariguinha que caia e parta a cabeça, pegam-lhe ao colo, fazem-lhe mil mimos e dizem-lhe: — «Vamos, já passou, deixa enxugar-te as lágrimas!».

«Para o rapaz, a desaprovação, para a rapariga todas as ternuras, e pela mesma coisa — por chorarem».

E isto que, em muitas gerações sucessivas, leva as mulheres de hoje a manifestarem-se de forma diferente dos homens. Segundo a tese da sr.ª Martin, as lágrimas passaram a fazer parte das manifestações femininas.

«Tenho uma palavra a dizer às mulheres — anunciou a sr.ª Martin no seu discurso.

«Deixem de proceder como mulheres, se quiserem conquistar um lugar, no mundo, do trabalho. Peçam para serem julgadas apenas pelos méritos próprios, como profissionais ou como dirigentes, sem permitirem que se lhes abra qualquer porta especial pelo facto de serem mulheres...»

E dá o exemplo: É dirigente de uma grande empresa, responsável perante uma junta de direcção constituida por 76 homens. Considera que atingiu a posição de que disfruta devido a «trabalho duro e boa sorte».

Mas acrescenta:

«Aliás, é esta a história do êxito de toda a gente. Habituei-me, desde sempre, a considerar que cada um tinha de entregar à empresa que serve determinada quantidade e qualidade de trabalho para merecer o salário que ambiciona. E como eu queria ganhar tanto como o meu chefe entendia que devia trabalhar tanto, e tão bem, como ele. E assim fui subindo à força de demonstrar que os homens e (com mais razões ainda) as mulheres não se medem aos palmos...»

Houve risos na assembleia: A sr.ª Martin é muito baixa, não mede mais de metro e meio de altura.

DL/DOMINICAL GENTE

A MELHOR IDADE DA MULHER

Qual é a melhor idade da mulher? «Está entre os trinta e os quarenta anos respondeu Deborah Kerr (lembram-se dela), «Nesta idade — disse a actriz — a mulher tem o corpo ainda jovem, mas sabe bem o que quer». Para Deborah, a mulher aos vinte anos leva uma vida turbulenta e exaustiva. Não sabe o que quer e se passa a metade do seu tempo procurando ser mais alta a outra metade passa-a querendo ser mais jovem. Deborah, que já cruzou o Cabo da Boa Esperança e está agora com 51 anos, afirma que as suas filhas estão agora na casa dos vinte e que, por isso mesmo, não deseja que elas se casem antes dos trinta, quando «poderão escolher com acerto». As filhas ficaram caladas, de boca aberta diante de tanta sabedoria.

★

O senador **Edward Kennedy,** a quem os observadores não atribuem as mesmas qualidades politicas de seus irmãos John e Robert, quando é notícia, tem mulher na história. E assim foi esta semana quando ele voltou aos noticiários para desmentir os rumores de que iria divorciar-se, primeiro passo para voltar a casar-se com uma dama da sociedade nova-iorquina. A dama em questão chama-se Amanda Burden, tem 28 anos, três filhos e acaba de pedir a anulação do seu casamento. Ted, que não nega as suas constantes visitas à senhora Burden, disse, desmentindo as notícias de que havia romance entre os dois: — «Somos apenas bons amigos. O diabo é que a imprensa, a todo o momento, escreve sobre mim e quando não há assunto, inventam romances, sem pensar, porém, que estas notícias podem ferir terceiras pessoas».

★

O melhor é deixar os namorados em paz. Isto é o que deve estar pensando o barbeiro Clóvis Barbosa, que também exerce as funções de vereador na cidade de Americana, no interior do Estado de São Paulo, no Brasil. Clóvis, ao apresentar na câmara local o seu projecto que prevê multas e prisões para os namorados que forem apanhados aos abraços e beijos pelas ruas da cidade, conseguiu, em poucos dias, não apenas perder todos os seus fregueses, mas também ver ameaçado o seu mandato. É fácil saber porque a medida preconizada pelo zeloso vereador não foi bem aceita pela população americana: os seus habitantes, na grande maioria, são jovens e namoradores estudantes universitários, que além de boicotarem a barbearia de Glóvis, estão a pedir agora aos demais vereadores da cidade a cassação de seu mandato.

★

Ajudado por um grupo de matemáticos e por um cérebro eléctrónico, **Richard Jarecki** acabou por encontrar a fórmula certa para ganhar na roleta. O seu método foi comprovado há três anos atrás no casino de San Remo, na Itália, onde em três dias ele conseguiu ganhar 120 milhões de libras e ser, pouco depois, declarado **persona non grata** e expulso do casino. Agora Jarecki volta a ser noticia: ele estava a jogar em Londres quando foi detectado pelos agentes do clube, que além de avisar a direcção da casa de que Jarecki estava por ali, deu o alarme para todos os demais casinos da cidade. Consequência lógica: todos os clubes cassaram a carteira de sócio que haviam concedido ao antigo professor de Direito da Universidade de Heidelberg, impedindo assim que êle se aproximasse das suas roletas. Desconsolado porque estava ainda a perder quando foi indentificado, Jarecki deixou Londres no seu avião particular, declarando antes que não sabe ainda qual o será o próximo casino a receber a sua agradável visita.

Se ele não o disse, os palpiteiros arriscaram: é o do Estoril.

★

O presidente sul-vietnamita Van Thieu não precisa ter medo dos vietcongs. Pelo menos é o que afirma o candidato democrata à presidência dos Estados Unidos, George McGovern, cuja principal promessa, caso seja eleito, é o fim da guerra do Vietname dentro de um prazo que não excede os 90 dias. «Estive a pensar no problema da segurança de nossos aliados, os dirigentes políticos do Vietname do Sul — disse McGovern em recente entrevista — e cheguei à conclusão de que o meu adversário, o actual presidente Nixon, tem toda a razão quando afirma que nós não temos o direito de abandoná-los. Portanto, quando eu conseguir o fim das hostilidades, estou disposto a oferecer a «Van Thieu» e aos seus colaboradores, asilo político em nossa pátria.» Humor negro?

★

Primeira paciente de uma transplantação do baço realizada no Brasil, faleceu no Rio de Janeiro a cançonetista **Dalva de Oliveira,** criadora de vários sucessos, entre os quais «Avé Maria no Morro» e «Bandeira Branca». Dalva tinha 51 anos de idade e sua morte foi muito sentida. Durante seu velório, na câmara ardente instalada no Teatro João Caetano, onde diversas vezes actuou, seus colegas, um tanto ou quanto alarmados, elaboraram uma lista mórbida, concluindo ao seu final que o ano de 1972 não está nada favorável ao pessoal das artes. Morreram, este ano, no Brasil, entre outros, Glauce Rocha, Sérgio Cardoso, Milton Ribeiro e Leila Diniz, todos eles figuras de primeiro plano no teatro e na televisão brasileira.

★

«Lei? Mas que lei?», exclamou o ministro da Pesca da Islândia, o comunista Ludvic Josefsson, durante uma conferência de imprensa sobre «a desobediência islandesa à lei internacional, ao estender o seu mar territorial de 12 para 50 milhas». Nesse novo episódio da guerra do bacalhau, enquanto mais de oitenta pesqueiros britânicos tentam e furam o novo limite, Josefsson esclarece que «essa lei nunca existiu». «Em 1961 — diz ele — a Inglaterra dizia que o limite do mar territorial era de 3 milhas e nós dizíamos que era de 12. Agora achamos que é de 50 e a Inglaterra acha que é de 12.»

Mc Govern e esposa

★

Nesta família alsaciana toda a gente, cada um dentro da sua especialidade, acaba por tornar-se notícia. Mas a maneira escolhida por **Juliette Schweitzer** para chegar às manchetes não tem nenhum paralelo com as encontradas pelos demais membros de sua família. Filha de Pierre-Paul Schweitzer, director-geral do Fundo Monetário Internacional, sobrinha-neta de Albert Schweitzer, prémio Nobel da Paz e prima em segundo grau de Jean Paul Sartre, Prémio Nobel de Literatura, Juliette foi ferida a facadas em seu pequeno e mal cuidado apartamento em Paris. O agressor, um dos numerosos companheiros de noitadas da «jovem calada», segundo seus vizinhos, foi internado numa clínica psiquiátrica. Juliette está fora de perigo e, segundo se diz, «pronta para outra».

QUELUZ

Maria Júlia Rodrigues da Silva Flores

FALECEU

Fernando da Silva Flores, filhos, pai e restante família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida Esposa, Mãe, Filha e Parente, realizando-se o seu funeral hoje, dia 3, pelas 17 horas, da Igreja Nova de Queluz, para o cemitério local.

GRUNDIG
Fornecedor oficial de televisores para os XX Jogos Olímpicos Munique-72

«AS DELÍCIAS»
de Jacques Laurent — Prémio Goncourt 1971
ROMANCE MODERNO — MALICIOSO — CONTUNDENTE. À VENDA NAS LIVRARIAS e NA Parceria Rua Augusta 44-54 e BENFICA - Praça Dr. Nuno Pinheiro Torres 2-A LISBOA

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

"DURA LEX SED LEX"

OU A VEZ DE ESPADINHA MOSTRAR O QUE VALE

Mil contos é quanto custa a tentativa mais audaciosa de renovação da revista portuguesa que até hoje se experimentou. Ousou um homem chamado Sérgio de Azevedo, novo empresario do Teatro ABC que, além de ser ainda bastante jovem, tem a coragem ou a loucura suficiente para arriscar. Um elenco de gente ainda não viciada nos velhos processos revisteiros garante, a priori, a frescura do espectáculo.

Eis os nomes: Thomas Genebra e A. P. Cassiano autores do texto; João Guedes, encenador; Mário Santiago, coreógrafo; Isabel Laginhas, cenógrafa; Pedro Osório, autor da música; Luís Villas-Boas, baterista, um dos executantes... Os actores são apenas três e um deles é **mudo.** Chamam-se Isabel de Castro, Espadinha e Guilherme Gomes. Este último, um anão estreante, é que não fala. O espectáculo chama-se «Dura Lex sed Lex», porque não foi possível substituir o segundo «S» por «L».

«Por ser burro, eu não posso ir ao Teatro ABC!» — é o que reza a publicidade. A publicidade é sempre ambiciosa. Mas, desta vez, os participantes no espectáculo também o são, à uma. A começar pelo empresário: **«O que estamos a fazer é uma nova forma de espectáculo, inspirado mais naquilo que se vê lá fora do que na convencional revista portuguesa. Houve uma limpeza no Teatro ABC, a começar na base. Estamos plenamente convencidos de que o espectáculo é muito bom, embora não tenhamos a certeza de que o público o vai aceitar. No nosso teatro, sempre que se prepara mais uma revista, fala-se em renovação a torto e a direito e acaba por se cair no convencionalismo habitual. Nós arriscámos tudo para sair do convencional. O risco custou mil contos, pagos adiantadamente.»**

O ESPECTÁCULO

Quem entra no Teatro ABC pela porta dos artistas a primeira coisa que vê são uns tipos deitados no chão a pintar os cartazes gigantes que depois serão expostos à entrada do Parque Mayer. A máscara afivelada de Espadinha e o sorriso um pouco tímido de Isabel de Castro constituem o chamariz imediato. Dentro da sala respira-se o ambiente habitual dos ensaios, uma semana antes da estreia. Os carpinteiros já aprontaram o palco, mas os electricistas ainda estudam os efeitos das luzes (e a luz tem tanta importância neste espectáculo que se mandou vir um técnico do estrangeiro). Actores e bailarinas repetem os «sketches», encenador e coreógrafo corrigem, modificam, mandam repetir, na procura do gesto e da expressão correctos.

Mas de que trata, afinal, o espectáculo anunciado com tão grande clamor de trombetas? Por definição, uma revista musical. A base é a coreografia que, contràriamente ao que se verifica nas revistas tradicionais, não serve apenas para encher o palco e os tempos mortos entre a actuação dos actores. Um corpo de Bailado importado de Inglaterra, tendo por solista a primeira bailarina do Alária, Marta de Vigo, serve admiràvelmente a música criada por Pedro Osório. Outra inovação respeita à localização da orquestra: os músicos ficarão no palco, integrados no espectáculo. Espadinha e Isabel de Castro têm intervenções em conjunto e isoladamente. Cada «sketch» tem autonomia própria, embora obedeça a uma directriz traçada pelos autores do texto: criar uma sátira subtilmente política, num tom de humor negro e com total abolição da «piada grossa».

Finalmente, o problema do «compère», que tantas discussões levantou dentro e fora do Parque Mayer, foi resolvido com a inclusão de instantâneos entre os diversos quadros, com a participação de Guilherme Coelho.

Espadinha, com Idabel de Castro: «Este jeito de ser marialva...»

ESPADINHA

Espadinha é a primeira figura do espectáculo que, inicialmente, foi pensado como «one man show». Parece, até, ser a pessoa mais entusiasmada com o que se passa no ABC. Tem o ar de quem dava tudo para ter uma oportunidade destas e sabe-se que, efectivamente, teve de enfrentar (?) um touro para o conseguir. Em «Dura Lex», há um número em que ele faz de anti-toureiro e **«como precisava de uma certa publicidade, decidi enfrentar o bicho».** Só que desta vez o **bicho** é outro e Espadinha não lhe pode fugir. Nem ao julgamento dos críticos nem ao do público. Considerado por muitos um actor cabotino e sem grandes recursos para além da facilidade de recorrer ao sensacionalismo, Espadinha tem agora a oportunidade de mostrar o que vale. E reconhece-o:

— Sim, é a minha primeira grande oportunidade. Já ia tendo uma, num espectáculo chamado «Peço a Palavra», mas puseram-me uma mordaça na boca e fiquei impedido de falar por muito tempo.

Espadinha não perdeu o tom sarcástico que sempre lhe foi característico. Nem a confiança desmedida nas empresas em que se mete.

— Confio no êxito e confio que os portugueses sejam pessoas tão evoluídas como quaisquer outras, para poderem entender isto, do princípio ao fim. Quanto aos críticos, espero que percebam que nem sempre o que um actor tem de dizer corresponde ao que gostaria de dizer.

Atitude de defesa? Não está muito no feitio de Espadinha. Por outro lado, ele confessa:

— Os autores escreveram textos propositadamente para o meu temperamento. Não são coisas feitas a martelo.

Entre os números susceptíveis de provocar mais surpresa no público está um poema dito por Espadinha. Chama-se «Grito» e, a avaliar pelo ensaio, muita gente é capaz de acreditar que ele pode dar um bom actor dramático.

— Se isto correr bem — comenta ainda

Espadinha: O pequeno funcionário do Secretariado de Deformação

Espadinha, o sorriso mordaz a nascer nos cantos dos lábios — **se isto correr bem, vai ser bom para todos. Para o empresário, que não perde o «seu»; para mim, que fico a ter possibilidades de fazer outras coisas e de aprender outras** (bem preciso!) **com uns técnicos estrangeiros que o Sérgio mandará vir; para o público, que vê um bom espectáculo... E até para o Vasco Morgado, que se verá obrigado a dar bom teatro.**

OS DESEMPREGADOS

Isabel de Castro não é figura habitual do Parque Mayer. Mas vai ser a única actriz deste espectáculo:

— Fui pescada pelo Espadinha. Estava a jantar no Parque Mayer quando ele me perguntou se eu estava desempregada e queria experimentar trabalhar com ele. Eu tinha acabado de fazer o «D. Quixote», que também tinha sido uma experiência, porque não havia de me meter noutra? E mais um risco que corro, mas a minha vida é feita de riscos...

Também Isabel de Castro se mostra confiante quanto ao resultado deste trabalho:

— É um espectáculo fora da receita, francamente inovador. Além da qualidade do texto, o trabalho de encenação deve resultar muito bom, porque o João Guedes é uma pessoa cheia de imaginação. Penso que vai ser um espectáculo importante.

Do **desemprego** veio, também, o coreógrafo, cujo trabalho é basilar nesta revista. De Mário Santiago, disse Vítor Espadinha: **«Como estava desempregado há dois anos, desconfiei que fosse o melhor coreógrafo português. E acertei».**

Do espectáculo, diz Mário Santiago:

— Nunca se fez coisa semelhante em Portugal. Representa uma quebra completa com o que tem sido feito no Parque Mayer. E com a particularidade de ser susceptível de agradar a todo o público, porque tem momentos de humor muito conseguidos. Quanto à coreografia, pela primeira vez numa revista desempenha um papel próprio, não se limitando a encher o palco. Devo dizer que trabalhei em absoluta liberdade, a única forma que sou capaz de aceitar.

SÓ SE PESCANDO NO ABC O PÚBLICO ACEITARÁ

DL/DOMINICAL ESPECTÁCULOS

Convidada Laura Alves para o júri do FIC

O Festival Internacional da Canção. do Rio de Janeiro, terá este ano a participação de dois artistas portugueses: Paulo de Carvalho e José Afonso. Do júri deveria fazer parte o dr. Oliveira Martins, em representação da RTP, que não pôde aceitar. Por este motivo, a organização do Festival resolveu convidar a actriz Laura Alves, levando em conta não apenas a posição de primeira figura que ocupa na cena portuguesa, como também o prestígio de que goza no Brasil, desde a sua última actuação em palcos cariocas, em 1963.

Laura Alves encontrava-se em cruzeiro no Mediterrâneo, depois de ter representado «A Querida Mamã» durante mais de um ano, quando o convite chegou a Lisboa. Contactada, acedeu a suspender as suas merecidas férias para atender ao honrosíssimo convite dos organizadores do FIC. Assim, a partir do dia 23, quando se realizam as primeiras eliminatórias, até 1 de Outubro, data da finalíssima, Laura Alves, representando Portugal, estará na mesa do júri no Maracanãzinho, ao lado de celebridade como Paul Mauriac, Moustaki, Don McLean, Virna Lisi e outras.

A actriz deverá embarcar em Lisboa nos dias 20 ou 21. Quando voltar retomará as suas férias, devendo reaparecer profissionalmente apenas em Janeiro.

Theodorakis defende a canção grega

ATENAS — O compositor grego Mikis Theodorakis pôs em causa a reputação do seu compatriota Manos Hadzidakis, numa carta procedente de Paris e dirigida ao diário ateniense «Apoghevmatini». Theodorakis acusa Hadzidakis, autor de «Crianças do Pireu», de ter recentemente declarado que **«a canção grega constituía uma expressão musical secundária e folclórica, comparável àquilo que as corridas de toiros representam para a Espanha».**

LUSTRES

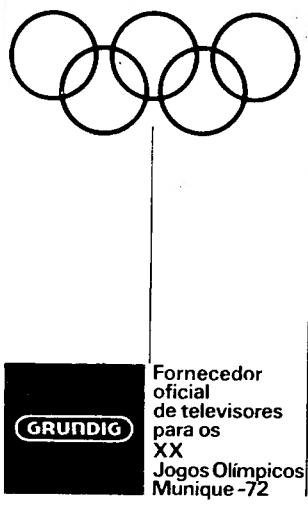
Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE

ARMADURAS
ESTANQUES
À IMERSÃO

JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA



GRUNDIG
Fornecedor oficial de televisores para os XX Jogos Olímpicos Munique-72

Euro-Pacific
Joint Service

PARA:

LOS ANGELES
SAN FRANCISCO
VANCOUVER
PORTLAND

n/m. «Maryland» em 13 do crte.

— ACEITA PASSAGEIROS
— Recebe carga em porão normal e frigorífico assim como em contentores

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.

F. N. A. T.

VENDA DE COUROS

A Fundação Nacional Para a Alegria no Trabalho abre concurso para a arrematação dos couros das reses abatidas por este Organismo e depositadas no Matadouro Municipal de Lisboa.

As propostas serão aceites na 6.ª Secção — Abastecimentos — até às 18 horas do dia 22 de Setembro.

Naquela mesma Secção poderão ser também consultadas as condições do respectivo concurso.

A abertura terá lugar no dia 25 de Setembro pelas 15 horas, na sede deste Organismo — Calçada de Santana, 180. Lisboa, acto a que poderão assistir os concorrentes.

O SECRETÁRIO-GERAL-ADJUNTO

COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI

CONCESSIONÁRIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES VIA RÁDIO E CABOS SUBMARINOS

Sede — Praça Marquês de Pombal, 15-4.º a 8.º — LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL DE 150.000 PARA 230.000 CONTOS

Emissão de 400.000 acções, autorizada por portaria de 22 de Julho de 1972, publicada no Diário do Governo, III Série, n.º 177 de 31 de Julho de 1972,

nas seguintes condições:

ACCIONISTAS

1 — 150.000 acções por incorporação de reservas na proporção de 1 acção nova por cada 5 que possuirem, contra o pagamento de Esc. 10$00 relativo ao imposto de mais-valias e apresentação dos títulos para serem carimbados.

2 — 187.500 acções com reserva de preferência para os actuais accionistas, na proporção de 1 acção nova por cada 4 que possuirem, ao preço de Esc. 1.100$00 por acção, acrescido do imposto de mais-valias no valor de Esc. 25$75 por acção, e mediante apresentação dos títulos para serem carimbados. As acções não subscritas serão rateadas pelos accionistas que, no Boletim de Subscrição, tenham declarado estar interessados naquele rateio.

PÚBLICO

3 — 62.500 acções, todas ao portador, ao preço de Esc. 1.300$00, para o público em geral, das quais 12.500 reservadas prioritàriamente ao Pessoal da Companhia.
A subscrição fica sujeita a rateio.

ACÇÕES NOMINATIVAS E ACÇÕES AO PORTADOR

Das acções referidas nos n.ºs 1 e 2 a Companhia reserva-se o direito de omitir as acções nominativas necessárias para dar cumprimento ao disposto nos art.ºs 5.º e 6.º dos Estatutos.

Os títulos definitivos serão entregues num prazo não superior a seis meses após o pagamento da terceira prestação.

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

O pagamento das acções subscritas poderá ser feito integralmente no acto da subscrição, ou em 3 prestações, sendo a primeira de 40 % no acto da subscrição acrescida da totalidade do imposto de mais-valia, a segunda também de 40 % em Outubro deste ano e a terceira em 20 % em Janeiro de 1973. As importâncias relativas a acções subscritas e não atribuidas serão devolvidas, após rateio, no prazo de cerca de um mês após a subscrição nos balcões dos estabelecimentos de crédito onde as subscrições forem efectuadas.

DIVIDENDOS

As acções representativas deste aumento de capital darão direito ao dividendo relativo ao exercício de 1972 nas seguintes percentagens: as acções referidas em 1 à totalidade do dividendo; as acções referidas em 2 e 3 a 50 % se forem pagas integralmente no acto da subscrição e 30 % se forem pagas em 3 prestações.

PRAZOS E LOCAIS DE SUBSCRIÇÃO

A subscrição está aberta de 4 a 6 de Setembro de 1972;
— Para o Pessoal da Companhia na Sede e Estações da Empresa.
— Para os actuais accionistas e para o público nas Sedes, Agências e Dependências das seguintes instituições de crédito que tomam firme a emissão e onde pode ser obtido o prospecto circunstanciado referente a este aumento de capital:

Banco Nacional Ultramarino, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Fonsecas & Burnay, Banco Pinto & Sotto Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Totta & Açores e Pancada Moraes & C.ª.

Aos subscritores residentes nas Províncias Ultramarinas de Cabo Verde, Angola e Moçambique, onde a Companhia tem estações, é facultada a liberação de acções subscritas e atribuidas, em moeda local, ficando as acções atribuidas sujeitas aos condicionalismos legais.

Lisboa, 1 de Setembro de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PALMELA TEM RAINHA

SORTE GRANDE AOS QUINZE ANOS NA LOTARIA DO DEUS BACO

Uma jovem de quinze anos, Isabel Margarida Tomás, estudante liceal, foi este ano a eleita para, durante um ano, ser a «Rainha das Festas das Vindimas», de Palmela. A eleição decorreu perante mais de um milhar de pessoas entusiasmadas, que encheram totalmente o Cine Teatro S. João, e seguiram com atenção o desfile das caras bonitas da terra. Entretanto, para animar, vozes da terra cantaram desde hinos de louvor às belezas locais, até às mais conhecidas cançonetas do momento.

Inicialmente eram catorze. Mas, em duas eliminatórias, oito ficaram pelo caminho. As seis que se apresentaram à finalíssima vinham vestidas de igual, uns vestidos mais curtos que os outros: a esperança de virem a ser vencedoras também as animava. Os olhos brilhavam, e os risos eram nervosos. Afinal estavam em discussão 365 dias do ano que agora começou.

O regresso já com manto. Há quem não aplauda

A vitória dá riso de rosto inteiro

A ELEIÇÃO

Todas as pretendentes tinham, em princípio, iguais probabilidades. A altura era a vulgar na mulher portuguesa. O bronzeado não ia além do que se pode obter nas praias da zona. A tal ponto que Rui Cardoso, presidente da Comissão de Festas, ao falar ao público disse, nervosamente, que já das outras eliminatórias teve tantas hesitações que a sua vontade era escolhê-las todas.

De resto, o júri, constituído por Armando Aguiar, Helder Pinho, Gil Antunes e Ilisa Carvalho, jornalistas, e, ainda, Odete Caldeira, secretária, depois de ter visto as jovens em desfile, votou de tal forma que a vencedora apenas obteve mais um ponto que as três segundas classificadas.

Contudo, diga-se que, desde cedo, entre muita gente a opinião era de que seria a Isabel Margarida a vencedora. E foi. Quando se soube o nome da nova rainha quem estava nos bastidores teve oportunidade de a ver saltar, as lágrimas escorrendo, os soluços sufocados, a cabeça passeando nervosamente de ombro em ombro. Uma alegria que nem queiram saber.

— **Penso que isto foi tudo bestial**, dizia a Isabel Margarida no final. **Tem havido uma camaradagem muito grande, e isto surpreendeu-me porque eu nunca esperei ganhar. Nem sequer pensava que seria dama de honor, quanto mais...**

O pai é comissário da Polícia. A mãe doméstica. Isabel ainda não sabe o que irá fazer com os três contos de prémio. Não pensou nisso.

— **Ando no 4.º ano, porque chumbei no ano passado.**

Não gosta de vinho, a Rainha das Festas das Vindimas. Estava com muita pressa no final, queria ir ter com a mãe. O namorado olhava-a com os olhos brilhantes. A primeira dama de honor, essa, não havia meio de se consolar: chorou, manteve-se séria, não sorriu, enquanto a vencedora trauteava a canção final.

Enfim, uma sorte grande para uma adolescente que há muito tempo sonhava com o que agora se concretizou. As outras adiaram por mais um ano a possibilidade de uma coroa, de rosto fechado com pouca alegria.

O riso, o choro, as mãos numa explosão de alegria. Um sonho, enfim concretizado

OS CIÚMES

No final de tudo, vendo Isabel sorridente, o seu namorado de há quinze dias dizia-nos:

— **Acho que estou contente por ela ter ganho, mas vou ter ciúmes desta coisa toda. O que vou fazer com estes ciúmes? Ora, vou andar sempre com ela. Mas ela sabe guardar-se a ela própria.**

Quase todas as concorrentes estavam acompanhadas, ao que supomos, pelos respectivos apaixonados. Era uma espécie de guarda, uma protecção que as pessoas conhecidas necessitam. Porém, o caso do José Pedro de Oliveira Fernandes, ainda o mesmo jovem, tem características especiais. Conheceu a Isabel Margarida precisamente durante a organização deste espectáculo. De facto, ele também interpretou uma das várias canções. Esteve sempre presente junto do seu encanto:

— **Esta balbúrdia toda é um bocado «chata», lá isso é. Se mandasse não a deixava andar por aí, é uma questão de ciúmes. Acho que os outros devem também ter ciúmes. Eles andam aí todos.**

Indiferentes a tudo elas vão sorrindo. Mostra de dentes aprendida nos cinemas, no écran da televisão ou com uma ou outra vedeta que passe pela terra. É preciso ser simpática. Palmela é uma vila, e nem elas sabem ao certo o que representa uma vitória destas.

Mas valeu, pelo menos, a foto estampada nos jornais, e um olhar mais atento, aprovador ou não, de muitos que nunca as tinham notado. Pa-

ra mal da tranquilidade de outros.

QUEM FOI

Presente a vencedora do ano passado, a passar o testemunho à sua sucessora, a falar, um sorriso diferente, um vestido vermelho, um «sombreado» melhor distribuído nos olhos. Chama-se Edília Maria Domingos dos Santos, tem agora 16 anos. É operária numa fábrica de circuitos eléctricos. Espera uma pequena promoção para inspectora.

— **Quando fui eleita já estava nesse emprego. Isto aconteceu quando fui ver o mercado que há todas as sextas-feiras. Começaram a dizer que eu era gira e tal. Chamaram-me ao escritório lá da fábrica e disseram-me para ir. Fui.**

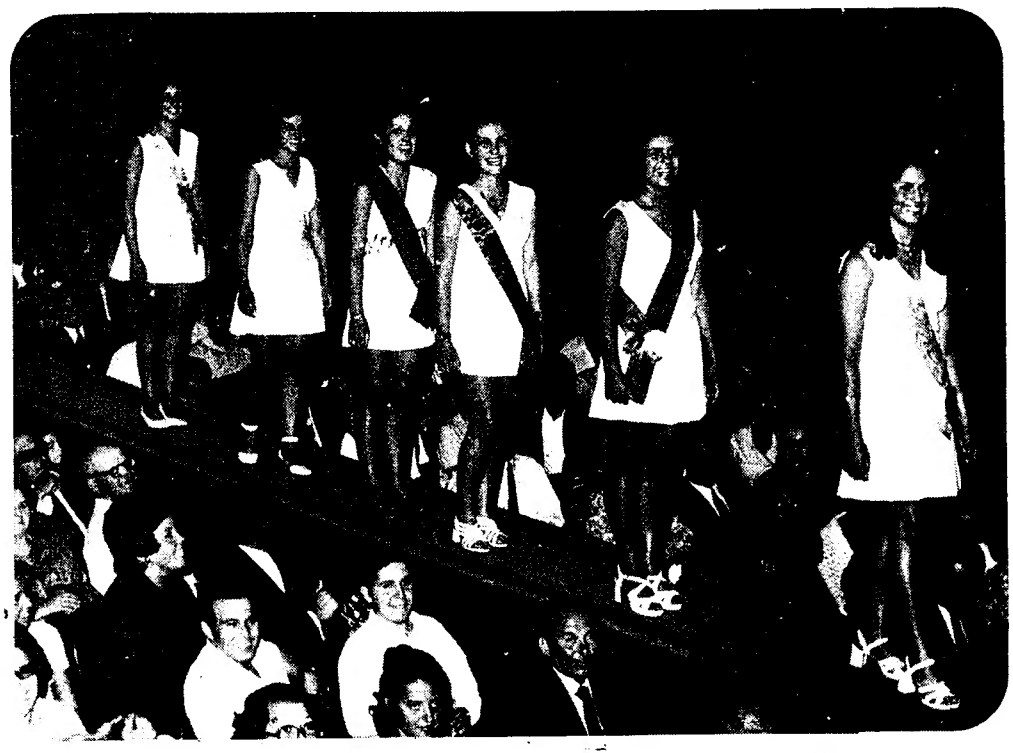
O que ganhou Edília? O que lhe aconteceu de então para cá? Gostou de ser Rainha? Parece que se passaram coisas boas, e ela tem pena de passar o manto, embora tenha tido oportunidade de voltar a um palco na eleição da Rainha do Sado, ontem efectuada:

— **Quando fui eleita não namorava. Agora já namoro, é possível que tenha tido influência. Os meus prémios foram dois contos, um cacho de uvas em oiro, um relógio e um serviço de chá. Mas houve mais coisas boas que me aconteceram: tive oportunidade de ter contactos com pessoas com quem nunca falaria.**

O pai é pescador em Setúbal, Edília tem a instrução primária. O namorado é técnico na mesma fábrica, tem o 5.º ano. Usa os cabelos compridos, um bocadinho. Ele faz isso de propósito, porque não gosta nada que ela ande metida nestas coisas:

— **Para que precisas tu de andar a mostrar-te aos outros?**

É assim a inquietação de um homem, enquanto esta jovem ganha mil e trezentos escudos por mês. Enquanto ela pensa estudar à noite. Enquanto não gostava de ser mais nada.



As candidatas numa última passagem antes da votação

QUEM SÃO

As actuais pretendentes ao trono de Palmela tinham todas idades compreendidas entre os 15 e os 23 anos, os limites de idade. Estudantes eram quatro, uma operária e uma telefonista.

Todas, antes de se processar a votação, com as mesmas razões para virem ao concurso: «**Porque gosto**», «**Porque é bom receber dinheiro**», «**Porque gosto muito de conviver**», «**Porque é divertido**». A vencedora concorreu «**mais por brincadeira que por qualquer outro motivo**». Para que queriam ganhar? Nenhuma delas sabe ao certo. Pensa a vencedora, depois de tudo terminado:

— **É muito bom ganhar, mas não sei se isto vem modificar alguma coisa da minha vida. Vou continuar a estudar, a viver aqui, com os meus pais. Não sei que mais, mas talvez eu me modifique um pouco. Eu nunca tinha sido rainha de nada, isto é uma coisa nova.**

E fungou. E limpou uma lágrima. E riu.

O ESPECTÁCULO

O espectáculo foi tudo. Logo de início foi pedido o melhor civismo. Noutros espectáculos já aconteceu uns tomates voarem da plateia para o palco. Mas desta feita não. Houve muito quem discordasse, mas ficavam-se pelos comentários para o vizinho do lado.

— **A mais gira era a Sália, esta não vale nada.**

Isto era o que podia ser ouvido. Cantores de Palmela abrilhantaram a festa. Versos lendatários foram cantados. Como este: «**Palmela, Palmela/ quem te vê, airosa/ assim buliçosa/ logo se enamora/ da vista que animas/ Palmela, Palmela/ bela camposina/ que a força divina/ foi a criadora/ das suas vindimas**». Os refrãos eram acompanhados com palmas e com vozes. A orquestra atacava os trechos com alegria.

E Miguel Simões, o apresentador, dançou no palco uma espanholada. Representou uma rábula. Cantou e saltou.

Para começo dos festejos ligados ao Deus Baco. Aqui uma festa. Daqui por uns meses uma alegria nas mesas desses tascos, copos cheios. Um contentamento para os vinicultores, que os há por aqui a transacionarem catorze mil contos de vinho por ano.

O beijo da vitória, dado pela vencedora do ano passado

Um rapaz enciumado: «vou andar sempre com ela»

uma loja que fazia falta em lisboa

decorama

MOBILIÁRIO MODERNO...DIFERENTE

TECIDOS
ADORNOS
CANDEEIROS

salões de exposição e vendas

avenida miguel bombarda 21/a lisboa
santa catarina 1355 porto

SERAFIM SOUSA

Naia

Rua do Carmo, 45

PRONTO A VESTIR — MALHAS — LINGERIE

SALDA

A PARTIR DE AMANHÃ

aguiar

RUA DO CARMO, 17 - 19
★ RUA AUGUSTA, 86 - 96

SALDOS

PRONTO-A-VESTIR PARA HOMEM E SENHORA DAS MELHORES MARCAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

LANIFÍCIOS ★ SEDAS ★ ALGODÕES
MALHAS ★ CAMISARIA

PREÇOS EXCEPCIONAIS

GRANDIOSOS SALDOS

CARPETES desde 345$00, todas as larguras, até 3×4 m—TAPETES, PASSADEIRAS, até 1 m de largura. TERYLENES, com larguras de 1,50 m a 3 m, desde 10$00 — CRETONES, CHINTZ, SETINETAS, suiços s ingleses. RETALHOS para sanefas e ALMOFADAS, desde 5$00. VELUDOS, ALGODÃO, ACRÍLICOS, ADAMASCADOS, desde 60$00. REPS, GORGORÕES, SEDAS, tudo a preços incríveis

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.º, c/ elevador (esquina da Rua da Prata)

ALCATIFAS ATÉ AO DIA 15
Fornecemos todas as MARCAS ao PREÇO DE FÁBRICA com aplicação GRATUITA.

Instituto Superior do Serviço Social

O Instituto Superior do Serviço Social é um estabelecimento particular de ensino superior que se propõe:

- formar profissionais do Serviço Social, de nivel superior, com diploma e título reconhecidos oficialmente;
- contribuir para o progresso do Serviço Social por todos os meios adequados.

O curso de Assistente Social é reconhecido de nível superior (despacho ministerial de 20 de Outubro de 1961).

A nota do Episcopado Português que anuncia ao País a criação da Universidade Católica menciona o Instituto como uma das Instituições que nela se integrarão.

As matrículas efectuam-se de 1 a 30 de Setembro.

Informações pelos telefones 4 66 81 e 5 07 10 ou no Largo do Mitelo, 1.

AGENTE TÉCNICO DE QUÍMICA ADMITE EMPRESA DE CERÂMICA NA REGIÃO DE LOURENÇO MARQUES

OFERECE

— Vencimento compatível
— Férias na Metrópole
— Assistência médica
— Estabilidade
— Formação profissional complementar

Resoosta com «curriculum vitae» (incluir média final do curso, estágios, seminários, cursos de especialização, experiência profissional, idade, estado civil, situação militar e demais informacões de interesse) à Administração deste jornal ao n.º 626.

ENGENHEIRO QUÍMICO ADMITE EMPRESA DE CERÂMICA NA REGIÃO DE LOURENÇO MARQUES

OFERECE

— Vencimento compatível
— Férias na Metrópole
— Assistência médica
— Estabilidade
— Formação profissional complementar

Resposta com «curriculum vitae» (incluir média final do curso, estágios, seminários, cursos de especialização, experiência profissional, idade, estado civil, situação militar e demais informações de interesse) à Administração deste jornal ao n.º 625.

BROTHER

A sua máquina de escrever e somar — novos modelos
Pedidos a GALERIAS ROLDÃO
Av. Almirante Reis, 13-E — Metro Intendente

ZURIQUE:

UM LAGO PARA BEBER

Há três anos, os prognósticos dos peritos haviam sido categóricos: O lago de Zurique viria a tornar-se em breve um charco malcheiroso delimitado por margens pantanosas. Hoje, o lago (90 quilómetros quadrados de superfície, com uma concentração no seu território de 650 habitantes por quilómetros quadrado, a mais alta de toda a Suiça) está a encaminhar-se para a cura.

O mérito cabe em grande parte a 1 estações de depuração mandadas construir, com uma despesa de aproximadamente 50 mil contos cada uma, pelo Governo federal, à volta de toda a bacia. As águas dos esgotos e das descargas industriais são bombeadas em ciclo contínuo para as estações, aonde são primeiramente submetidas a injecções de oxigénio por meio de grandes jactos de ar introduzidos forçadamente nos tanques de decantação, aonde sofrem um tratamento com substâncias à base de cloro que destroem até 90 por cento dos fosfatos provenientes dos detergentes e dos adubos agrícolas. Finalmente, são lançadas aos lago.

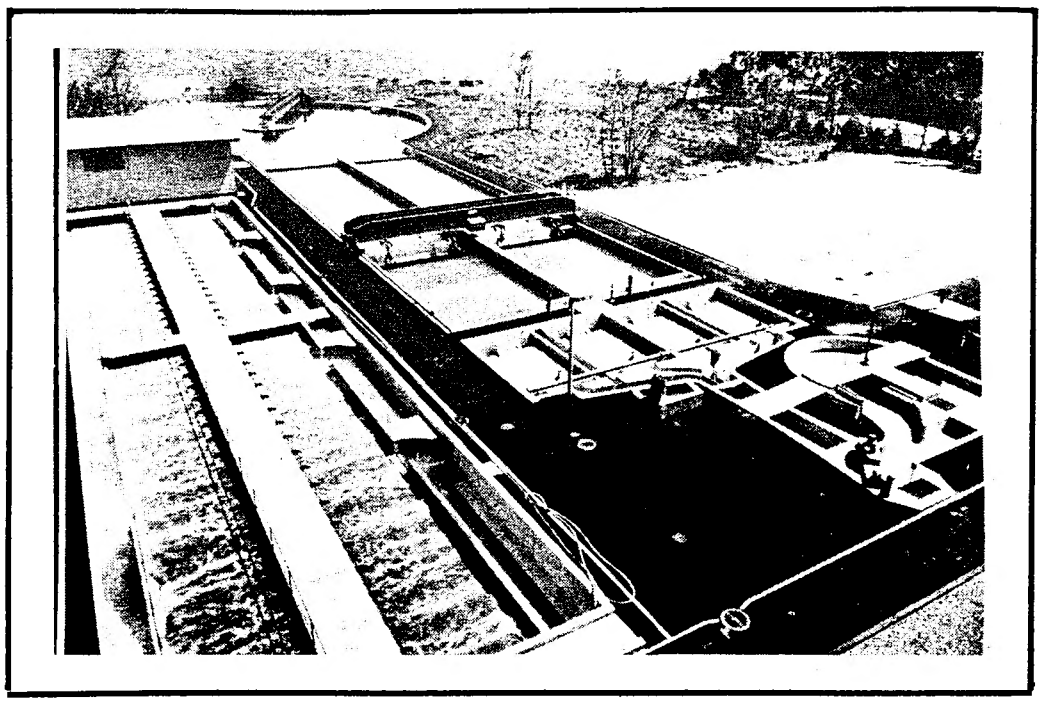
Que o tratamento é eficaz, demonstra-o o índice de transparência que, dos 2,9 metros de 1964, passou a 6,9 metros registados durante o último recentemente controlo, e o conteúdo de oxigénio que, em três anos, quase duplicou.

Não obstante este êxito, alguns peritos não estão completamente certos de vitória final. «**Em 1980**», diz, de facto, o microbiologista da Escola Politécnica Federal, Kurt Wuhrmann, «**os produtos empregados na depuração das águas e os resíduos que na proporção de 10 por cento resistem ao tratamento das estações de depuração, provocarão, por sua vez, um inquinamento talvez superior ao original**».

Um primeiro sintoma do novo mal seria o desenvolvimento excepcional de um molusco, a dreissena, longínquo parente dos mexilhões marítimos, que começa já a obstruir as condutas de escoamento. Segundo Wuhrmann, esta anormal multiplicação demonstraria que o equilíbrio ecológico do lago está votado a uma inexorável degeneração.

Outros peritos não são tão catastróficos. A dreissena, afirmam, virá a autolimitar-se quando tiver atingido o seu tecto biológico de aglomeração. Aquilo que conta por agora é que, com o tratamento recebido nas centrais de depuração, a qualidade da água vai melhorando cada vez mais com enormes vantagens para o organismo humano.

Actualmente, com efeito, 35 por cento aproximadamente das necessidades de água potável da população ribeirinha é bombeado do lago. De futuro, esta proporção aumentará por causa do progressivo incremento da urbanização das áreas agrícolas que dependem já directamente de Zurique. Não está longe o dia em que, dizem os administradores da cidade, será necessário retirar do lago um milhão de metros cúbicos de água diàriamente, com um abaixamento máximo do nível das águas de 1 a 2 centímetros por ano.



DECANTAÇÃO — Os tanques de uma das onze centrais de depuração que circundan o lago de Zurique. Aqui são decantadas e oxigenadas todas as descargas antes de serem lançadas no lago

SANEAMENTO

E uma perspectiva que acrescenta força e dá crédito à tese faqueles que se batem para que o tratamento do grande espelho da água seja acelerado. Uma das medidas mais urgentes, é proibir a navegação a todos os barcos a motor.

A operação de duperação do lago de Zurique é a mais complexa entre todas as que foram iniciadas na Suiça, um país riquissímo de águas interiores que, ainda há menos de um ano, votou um artigo constitucional que empenha o governo numa vigorosa camapnha para sanear o ambiente.

O SOL ENLOUQUECIDO

A última, violentíssima explosão luminosa teve-a a grande mancha negra na tarde de sexta-feira 11 de Agosto. Os astronomos viram-na claramente, de perfil, sobre o disco avermelhado do sol: uma língua de fogo, com a altura de 700 mil quilómetros, duas vezes a distância entre a Terra e a Lua. Quando, seguindo o Sol na sua rotação, a grande mancha desapareceu, no espaço ficaram só os sinais invisíveis da sua passagem: uma avalanche de partículas subatómicas e de radiações, que, investindo a Terra ondas sucessivas, desencadearam tempestades magnéticas e auroras polares.

A mancha, com uma superfície de 7,2 biliões de quilómetros quadrados, catorze vezes a da Terra, havia reaparecido discretamente sobre o bordo oriental do Sol, na sexta-feira 29 de Julho, após 13 dias de ausência. «Seguiamo-la há dois meses», diz Fabrizio Mazzucconi, de 3 anos, astrónomo do Observatório solar de Arcetri, em Florença. «Mas não havia nenhuma razão para pensar que estivesse tão activa». Neste período, o Sol deveria estar bastante tranquilo, porque a sua actividade (que segue um ciclo de cerca de 1 anos) foi máxima em 1969 e, agora, está a caminhar para o mínimo, previsto para 1974.

PROTUBERÂNCIA

Pelo contrário, em 2 de Agosto houve o primeiro brilho, uma espécie de grande bolha ramificada e luminosíssima no pudim rarefeito de átomos de hidrogénio na cromosfera solar. Estes brilhos são muito comuns no Sol (há, em média, um por semana), mas o de 2 de Agosto foi muito mais violento e catastrófico do que o habitual. O fenómeno repetiu-se dois dias depois e, a 11, foi acompanhado pela língua de fogo (protuberância, como lhe chamam os astrónomos) de 700 mil quilómetros de altura.

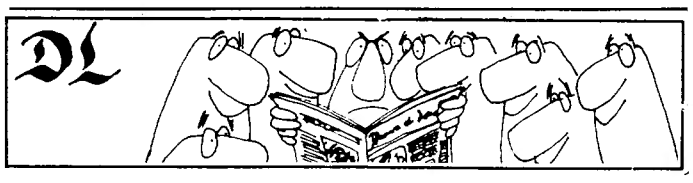
Embora os lampejos e protuberâncias sejam fenómenos ainda bastante misteriosos, os astrónomos estão convencidos de que sejam de origem electromagnética. **No centro activo, o débil e irregular campo magnético do Sol intensifica-se até superar o nível de protecção,** diz Mazzucconi, **causando uma dispersão da matéria.** Os átomos de hidrogénio são decompostos nos seus constituintes, protões e electrões, os quais são projectados para fora do Sol, dispersando-se no espaço. A cada lampejo corresponde uma rajada de partículas e de radiações que investe os planetas do sistema solar.

DESAPARECIDA. A protuberância solar de 700 mil quilómetros fotografada em 11 de Agosto. A causa da intensa actividade solar destes últimos dias é uma grande mancha negra aparecida em 29 de Julho e desaparecida a 11 de Agosto

Absorvidos pela atmosfera da Terra e guiados pelo seu campo magnético para os pólos, protões e electrões solares têm desencadeado numerosas tempestades magnéticas. Desde os primeiros dias de Agosto que as comunicações via rádio com a Groelândia têm estado quase completamente paralisadas e em muitas regiões as transmissões de rádio são perturbadas. Até algumas aves migradoras, como os pintarroxos e as cegonhas, habituadas a orientar-se pelo campo magnético terrestre, se têm ressentido com as tempestades solares, antecipando as suas migrações ou errando a direcção a seguir.

Para além dos habitantes das zonas mais setentrionais, que há já alguns dias vêem acender-se no céu nocturno repentinos leques verdes, amarelos ou vermelhos (as auroras boreais são, de facto, devidas à dissociação dos átomos de azoto e oxigénio atmosféricos atingidos pelas partículas solares), os mais interessados na inesperada actividade do Sol são os astrónomos. Telescópios e radiotelescópios têm estado apontados ininterruptamente sobre a mancha solar, enquanto fora da atmosfera terrestre um satélite americano registava contìnuamente a intensidade do vento de protões e electrões.

Em Arcetri, o mais antigo dos três observatórios solares italianos (foi construído exactamente há cem anos, a 200 metros da casa de Galileo Galilei) foram tiradas mais de 900 fotografias. Cada três a quatro horas, na cúpula hermèticamente fechada («Um calor de morrer, mas basta uma pequena corrente de ar para arruinar um observatório», diz Mazzucconi), os astrónomos revezavam-se. Repousaram um pouco na noite de sexta-feira, na altura em que a mancha desapareceu. Mas estão já a aguardar o dia 24 de Agosto, data em que deveria reaparecer. E perguntam-se se a mancha estará ainda tão agitada.



CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

SURPRESAS DO QUOTIDIANO

Já recentemente contei aqui, com vera indignação, que um deputado brasileiro (para quê deputados?) apresentou no congresso um projecto de lei instituindo a dublagem obrigatória de filmes estrangeiros.

Logo a seguir, um outro, indo mais longe, propôs a drasticidade de uma lei eliminando a transmissão de música que não seja rigorosamente autóctone.

Este segundo legislador não foi tomado muito a sério (nunca fiando, porém). Mas o primeiro desencadeou controvérsia que acordou alguns dorminhocos:

— Dublagem, não, já sofremos a ridícula dublagem dos velhos filmes americanos, agora na tevê.

— Dublagem, sim! gritam os que descobrem no projecto um ingénuo assomo de nacionalismo.

Na verdade eu não sei se, em Portugal, existe qualquer legislação sobre o assunto. Bem, se há, por mim confesso que se estivesse aí com vocês seria contra a dublagem.

Ora, sobre este caso, embora menos, decidira dar agora o meu palpite quando ao abrir o jornal encontro o seguinte título na habitual crónica de Carlos Drumond de Andrade: Dublagem 100 por cento.

● O PROBLEMA

Puro humor, eu sei. Pura ironia. Eu disse puro humor? Devia dizer pura melancolia, puro cansaço. O cansaço de quem sorri mordaz perante a avalanche (justa em parte, como sabem), de ufanismo na brasilidade...

Que podia eu dizer, a sério, depois daquilo que o poeta escreveu, sorrindo? Muito melhor do que eu (em mim falaria apenas o espectador) está viva na sua prosa o que, na minha pena, seria apenas o lamento de um purista em matéria de cinema.

Por isso, dando colher de chá ao leitor, aqui transcrevo, hoje, alguns trechos dessa crónica de Carlos Drumond. Trechos apenas, é lógico.

Ora, inventa ele um outro parlamentar que, para preservar a cultura brasileira resolve pô-la a salvo da poluição estrangeira, propondo uma lei que faz lembrar os desatinos de Policarpo Quaresma, no célebre romance de Lima Barreto.

Dito isto, aqui vai para vocês Mestre Drummond, sem, no entanto, aproveitar o jovial tom jurídico do parlamento imaginário.

● FALA O POETA

Determina-se que desde agora nenhum livro ou periódico em língua estrangeira poderá ser posto à venda no território nacional antes de ser dublado.

Consequentemente os nomes próprios estrangeiros serão dublados: (aqui transcreve alguns gozadìssimos como Pedro Gralha, por Pierre Corneille) e Teodoro Tempestade (por Theodor Storm).

As gravuras integrantes dessas obras igualmente serão dubladas, isto é, substituindo-se as paisagens e os tipos humanos estrangeiros por outros de feição caracterìsticamente brasileira. Os artistas nascidos em terras de auto idioma, ao se apresentarem no Brasil, e não capacitados para articular suas falas e cantos na língua nacional, deverão fazer-se acompanhar por artistas brasileiros, permanecendo os estrangeiros de boca aberta, mas sem emitir som, enquanto os nacionais procederão à dublagem ao vivo. Esculturas, pinturas, tapeçarias, embalagens comerciais, etc.. etc., de origem não nacional tudo será dublado conforme o figurino exposto, isto é, abrasileirando-se os temas. E por fim esta paródia à fórmula oficial: Revogam-se as disposições em francês, inglês, alemão, italiano, russo, japonês, etc. etc..

● OUTROS PALPITES

Do que fica acima muito riu o maestro Mário Tavares do Teatro Municipal. Disse-me ele: — Imagina dublar uma ópera na era electrónica. Olhe, até aqui as nossas orquestras afinavam os seus instrumentos com um Lá, num diapasão individualista, que agora finalmente perde a vez. Já está circulando no espaço um satélite que, a qualquer momento, dá o Lá exacto para um diapasão universal. Sabe lá o que é isso? Todas as orquestras, em todo o mundo, tendo exactamente a mesma afinação?

Não sei se o leitor está vendo onde podemos chegar...

● PIOR QUE O «lá» ELECTRÓNICO

Porém, à última palavra do maestro logo um comum amigo, o Anastácio Rebelde, berrou indignado:

— Pois é. Quer dizer: assim como determinado satélite dá o Lá electrónico para as orquestras, outros satélites estão prontos para despejar em nossas televisões familiares não o Lá musical, mas o Lá da sua força, do seu poder, da sua ideologia, dos seus interesses. Bastará apenas tocar num botão, entendem? Não haverá talvez uma aldeia global. Mas eu acredito em três ou quatro aldeias, a americana, a russa, a japonesa e quiça a da China aptas a convencerem-nos por imagens ora guerreiras, ora de paz-e-amor, que inculquem em nós o que eles querem que nós pensemos. Vamos ser governados, à semelhança das orquestras, por um Lá universal. Então mudemos de assunto. Vale mais falar sobre satanismo...

● NOVOS PERIGOS

Mas não foi Anastácio Rebelde quem falou comigo sobre os malefícios de Satã. Foi Mary Scott, recém-chegada dos States onde passou dois anos. Mary, quando a conheci, era uma jovem tranquila mas, na verdade, cansada de viver num lar exausto de ser lar. Eu era amigo do pai, então pintor abstracto mas que hoje apenas se dedica ás abstracções Zem-budistas que já então se manifestavam nele, que provocava a indignação da mulher, senhora gorda, alta funcionárias pública, e dirigente do grémio Tradição da Família Brasileira. Mary partiu sob o pretexto de se especializar em comunicação audio-visual numa universidade da Califórnia. Volta agora de lá completamente influenciada por Anton Szandor La Vey que, como vocês por certo sabem, é na Califórnia o principe da magia negra. Não se chama mais Mary Scott. Exigiu, conversando comigo, que a tratasse pelo nome que lhe deram na seita: — Mary Scott morreu. Eu hoje sou, e com muita honra, Astarotte...

— Que diabo é isso?

— Deriva de Astarte, que representa a transmigração aos seres diabólicos das remotas divindades pagãs...

— Puxa, e que vem você fazer ao Brasil, Astarotte?

— Criar um núcleo que adira ao nosso satanismo. Não te convido porque você é um diabo envelhecido. Ou pior, conformado. Aposentado. Quando eu via você lá em casa você me parecia simpático porque brilhava nos olhos algo de mesfistofélico, assistindo ás nossas brigas familiares. Hoje os seus olhos não são mais satânicos...

— Nunca foram. Quando muito os olhos de um anjo que caiu do galho. Mas explica esse negócio direitinho...

— Não tem explicação. Passa-se a ver a humanidade de outra maneira. Com raiva.

— Mas deve ter havido um instante perturbador...

— Houve, mas tão simples como sentir o calor dos dedos de Satã na minha fronte.

— Mas conta...

— Meu mestre Szandor tem uma filha de sete anos. Uma noite ouvi-a falando com o pai: — Sabe, a professora lá na escola perguntou-me hoje, com um sorriso mau, se eu sabia quem era Satã...

— E que respondeu você como filha de Anton Szandor La Vey?

— Respondi assim: Satã foi aquele que criou a rosa. Veio depois Deus e criou os espinho.

— Bacana mesmo, disse eu a rir.

— Não ria! Szandor é autor de O DONO DA PROFECIA livro de que se venderam até agora, só na América, três milhões de exemplares, e de que eu pretendo lançar, aqui, uma edição no nosso idioma. Mas voltando ao que estava contando. Szandor ergueu a menina nos braços mandou apagar as velas acesas, ficando apenas o rosto da filha no enfoque de um vermelho intenso, e ali mesmo, exactamente porque estavamos numa sexta-feira, sentíamos pelo cheiro a presença de Satã, de que ouvimos apenas a voz:

— Só o mal vos conduzirá ao Paraíso.

— E você acreditou nisso tudo?

— Cale-se, por favor. Que Satã tenha piedade de você, e só o que posso pedir em atenção a que te conheço desde criança...

— Não. O que me espanta é que isso seja possível na América do Norte.

— A América está mudada, entende? Hoje os americanos pensam assim: — Faz apenas o que te der prazer. Na nossa seita Szandor bebe sangue durante os rituais. E é em sangue que nós mergulhamos as mãos. Foi assim que virei Astarotte compreende?

— Mas é uma volta à Idade Média?

— Foi a única que sabia a verdade. Olha hoje em dia, nos Estados Unidos, o ocultismo se torna uma preocupação da massa média. Além de milhares de praticantes activos, outros milhares se dedicam a espiritismo, astrologia, migromancia, coisas assim. Os covis das bruxas estão espalhados pelas grandes cidades. Orgia e Perversão é o que se prega na nossa igreja pagã de São Francisco...

— Mas, querida, felizmente no Brasil ainda estamos longe disso. Aqui não vamos além das nossas pitorescas mães-de-santo com os seus terreiros de macumba. Aqui, é tudo folclore...

— Meu caro, voltei para o Brasil a fim de trazer a mendagem de Satã. Quer traduzir o livro?

— Deus que me livre! balbuciei.

— Eu sabia. Você não é de nada.

Ergue-se num rompante, e foi embora voltando-me as costas. Então instintivamente, sim, benzi-me, enquanto a via sumir num fundo soturno e revolto de oceano.

● VOLTEMOS À SANTA PAZ DO SENHOR

Gosto dos meus leitores. Digo isto, falando especialmente daqueles que se correspondem comigo no desejo, penso eu, de se sentirem mais perto do Brasil, trazendo-me em troca o seu pedacinho pessoal da nossa terra comum. Eles sabem que Portugal revive para mim à simples referencia ao aroma de um verso de Cenário, ao cheiro de um beco, de uma rua, de um bairro, que proustianamente me devolvem ao meu reino perdido.

Bem. Vou agora falar-lhes de um leitor de quem no fim direi o nome. Escreveu-me dizendo que estará aqui nos primeiros dias de Setembro pois faz parte do Cruzeiro de Amizade que atravessa o oceano a bordo do navio Infante D. Henrique que deve ter saido de Lisboa em 21 de Agosto.

E, é claro, conta comigo, porque (diz ele) conhece a cidade maravilhosa como ninguém, com certeza. E acrescenta: Minha mulher pede que a informe sobre qual o tipo de roupa que deve usar no Rio de Janeiro.

Respondi a esta e outras indagações mas não sei se a carta chegou lá antes do casal embarcar. Indagava ainda: quer que lhe leve alguma coisa de Setúbal? Estou numa firma que tem um azeite maravilhoso. E depois com malícia: — gosta de um bom vinho tinto? Pois vou levar-lhe uma especialidade.

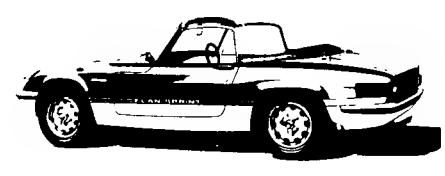
Então, amigos, isto não é encantador da parte de um patrício que me conhece apenas atravez das cartas do Brasil?

Procurarei encontrálo de qualquer jeito, pois não esqueço que vem até aqui atraído pelo canto de sereia destas minhas brasílicas prosas semanais. Mas se não nos virmos, por infelicidade, aqui fica o meu braço a Miguel António de Oliveira, que mora em Setúbal, na rua dos Aviadores, 35 SETÚBAL! Muitas vezes à sombra do monumento a Bocage lá fui almoçar aqueles saborosos salmonetes que nas suas expansões culinárias não sei se mereceram o justo elogio de Eça de Queiróz.

uma camisa Lotus
dá-lhe um LOTUS ELAN

Uma camisa de requinte
dá-lhe uma soberba máquina.
Compre já a sua Lotus
e sinta-se ao volante do seu Lotus Elan.

camisas lotus



ENTRE FARDAS E COLCHÕES

Os anjos do Manteigueiro esperam voar

Escultura de carpinteiro em pinho (século XX). Escultura de entalhador em ouro (séc. XVIII). Foto de Aujustrel Tostões, no desmontar da Capela Condeixa.

Centena de anjos dourados de talha setecentista, que subiam ao céu redondo do tecto da capela Condeixa esperam agora — paredes meias com despojos de fardamento — que o Patriarcado de Lisboa os resuscite de caixõezinhos de solho e mortalhas de espuma e os inclua na decoração de outro templo.

Pertencem eles à talha riquíssima que uma companhia gasolineira conservava recamando a capela do palácio em que tinha sede, o vulgarmente conhecido por Palácio Condeixa, à Rua da Horta Seca. Quando transferiu os seus negócios para um outro monumento, mas este em doze pisos de vetão de aço e vidro, a companhia mandou desmontar e ofereceu ao Patriarcado a capelinha de ouro, antes que se pudessem dispersar por antiquários e particulares as suas peças, se for vendido outra vez o edifício, de singular origem e história acidentada.

Para desmontar frisos, figuaras, painéis e colunatas, um dos mais competentes restauradores de arte portugueses teve de descobrir uma ferramenta eléctrica que cortasse as coseduras a prego sem ofender a minuciosa superfície dos dourados. Embaladas as peças, recolheram a uma heteróclita arrecadação nos baixos de S. Vicente de Fora, onde aguardam que o Patriarca, sob proposta do Secretariado das Novas Igrejas, decida onde e de que modo se resconstituirá a preciosa doação.

«Talvez na nova igreja de Santa Joana Princesa, à Quinta dos Lagares d'El-Rei» — na previsão do arquitecto que no mês que vem desenhará o novo templo, Diogo Lino Pimentel.

● MANTEIGA E OURO

O Palácio Condeixa foi mandado construir em 1787 por um criado ambicioso que nos meados do século desaparecera das cavalariças duma família nobre de Lisboa e fora para o Brasil negociar em manteiga.

Regressou rico da expedição. Mas, criado e «brasileiro», impôs-lhe o pai da noiva escolhida que desse testemunho da sua nova condição construindo, na cidade convulsionada pelo terramoto de 1755 e pelas obras recriadoras do Marquês de Pombal, um palácio.

Domingos Mendes Dias, o «Manteigueiro», encomendou o projecto ao maior arquitecto de Lisboa, Manuel Caetano de Sousa, a cuja pena se deviam já as igrejas (Loreto e São Domingos) e interiores (Capela da Bemposta, Palácio dos Duquees de Palmela) da cidade nova.

O maior arquitecto e o maior entalhador. Atribuem-se à oficina de Silvestre de Faria Lobo, discípulo de Ludovice que desenhou o Convento de Mafra, todas as peças que constituem a capela.

● VINHO E GASOLINA

Na residência do «Manteigueiro» chegou a morar o primeiro Presidente da República Portuguesa, o dr. Manuel de Arriaga, que nos seus pátios fazia jardinagem. Mas o edifício mudou de dono muitas vezes: morto Domingos Mendes Dias, passou, parece, para o património real e deste para o do conde da Caparica. Hospital de feridos ingleses na Guerra Peninsular (1810) (não se sabe ao certo se foi); para o paláci o terá ido viver um negociante de vinhos de Lisboa, cidade então suja, magra, contraditória, em que se acossavam milhares de cães vadios, segundo a apocalíptica descrição de um visitante coevo, o célebre general Beresford.

O rocócó da Horta Seca volta ao lustro antigo quando a Condessa de Condeixa o recebe em herança, por 1850. Daí lhe vem o nome por que é conhecido. Aos faustos do fim do século e à austeridade da República nascente sucede, em 1912, a companhia gasolineira, que introduz no edifício profundas alterações, desde que o adquire, em 1920, até que o abandona em Junho de 1971.

Entretanto, a cozinha monumental transformou-se numa série de WCs, os salões subdividiram-se em gabinetes de funcionários e o poço do elevador obrigou a entaipar uma das portadas da capela atribuída a Silvestre Lobo. Mas a talha conservou-se intacta — **«feliz condição»**, escreve Robert Smith, **«não lhe falta um único pormenor»** — e nos fustes das colunas do templo privativo e raras vezes visitado não se deu conta de nenhum nome, data ou alegorias gravados pela megalómana ou irreverente esferográfica cujos «grafitti» assinalam as tentadoras madeiras de tantas igrejas antigas...

Na capelinha deserta rezava-se tão-só, uma vez por outra, missa por alma dos escriturários mortos.

● QUERUBINS E GRINALDINHAS

A capela, **«valioso elemento destacado do património artístico do povo português»**, segundo um especialista americano, o citado prof. Smith (1), **«tem carácter muito seu, devido à extraordinária concentração de ricos ornatos dentro de um espaço tão reduzido.»** Tem sete metros de comprimento por seis de largura e oito e meio de altura. **«Convém notar»**, diz ainda o estudioso, **«a quantidade de colunas e pilastras, a complicação do friso, onde já figuram elementos de sabor neo clássico, a riqueza das bandeiras e sanefas das portas e o excesso de pormenores destas últimas, com pinturas imitando madeiras exóticas mogno e pau de violeta talvez, sobre as quais correm grinaldinhas de rosas e ramagens.»**

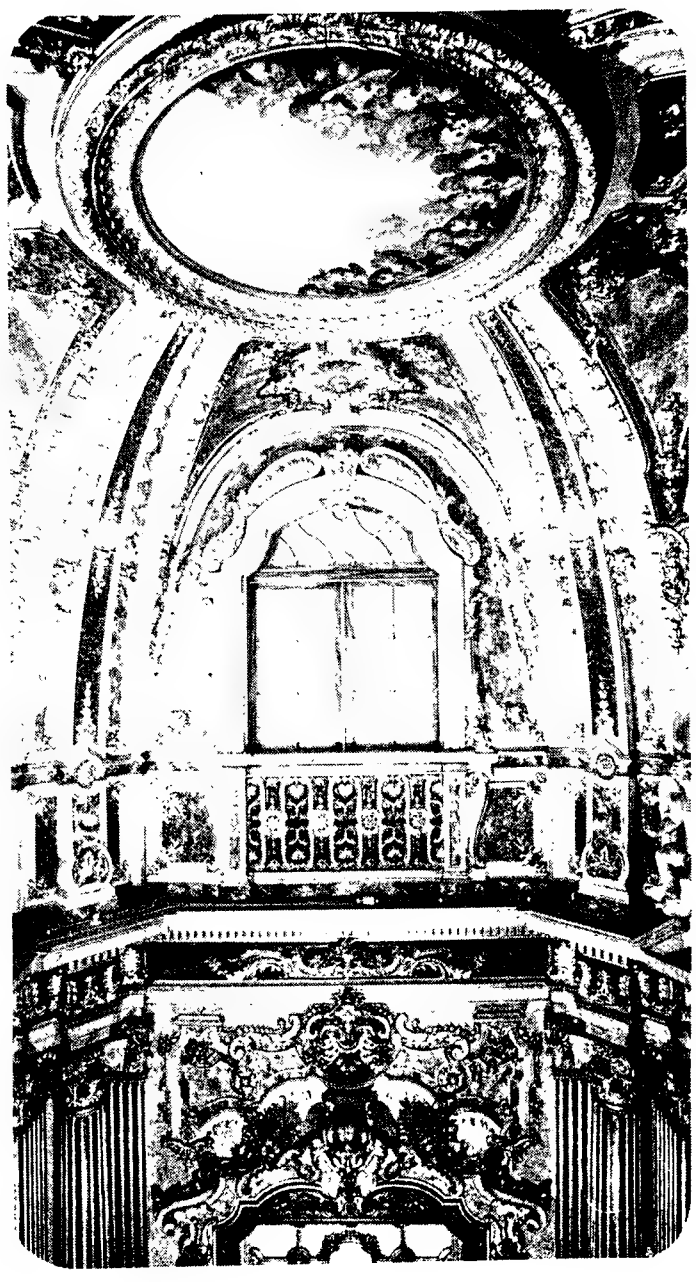
Integrada num palácio de estilo rocócó, a capela distingue-se pela pecularidade da sua ornamentação barroca, inspirada pelas obras de talha do arquitecto do Papa Bento XIV, Luigi Vanvitelli, que exportou de Roma para a igreja de S. Roque a famosa capela de S. João Baptista.

Smith identificou na capela Condeixa outros elementos de inspiração romana: **«as cabeças de anjinhos encimando as três portadas e o topo da moldura do quadro do altar, a cimalha real em forma côncava o apainelado com florões por cima do retábulo do altar, e as grinaldas de pequenas flores aplicadas à parte superior da banqueta do altar.»**

Tudo isto recamado a ouro fino, lembremos, **«ouro finíssimo, ouro de lei»** — segundo o restaurador Adriano Nunes, que acondicionou querubins e outras peças para o indeterminado sono que dormem entre colchões de refugo militar, à Feira da Ladra.

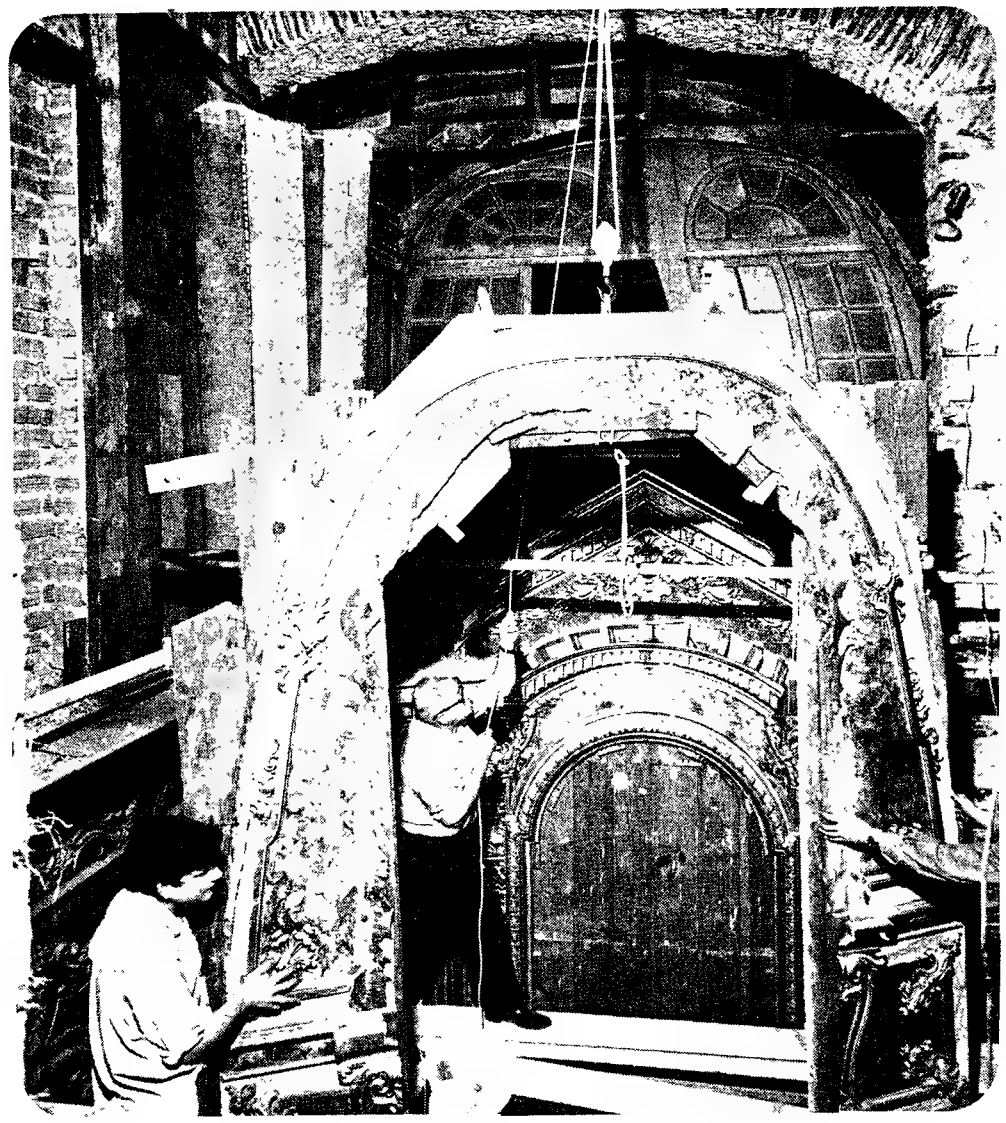
● QUE VÁ PARA O MUSEU»

Para onde irá a talha da capela Condeixa? **«Que vá para o museu,** que não tenho aqui espaço para ela», disse o pároco de S. Vicente de Fora, quando o informámos duma hipótese de destino para as peças encaixotadas numa dependência do edifício em que superintende. O cónego D. João de Castro (Nova Goa) falara-nos efectivamente na possibilidade da capela ser montada em S. Vicente, **«quando a Igreja for remodelada».**



A magestade duma catedral barroca numa capelinha de 6 por 7. (Foto de Santos d'Almeida Júnior)

Texto de ALEXANDRE OLIVEIRA



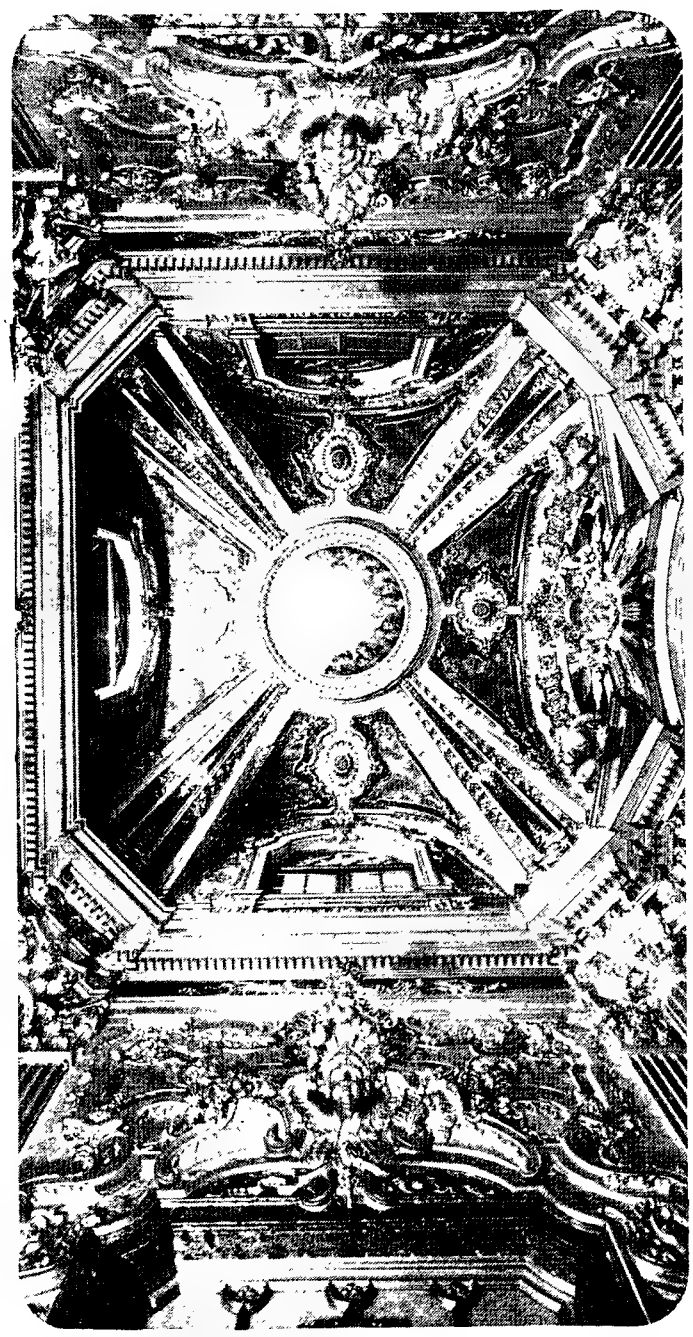
Mestre Adriano Nunes, à roldana, apeando uma peça da obra-prima de Silvestre Lobo: «espero ser convidado para a remontar». (Foto de Horário Novais).

para Santa Joana

Não uma capela rica: são outras as remodelações desejadas pelo padre José Correia da Cunha, antigo capelão da Armada, que depois do Concílio Vaticano II resolveu não dizer missa do monumental altar-mor de S. Vicente: instalou uma simples e precária mesa de toalha branca no cruzamento das duas naves, entre os bancos, donde oficia virado para os fiéis. Pretendia, em consequência, retirar a balaustrada de pedra que separa ainda, teòricamente, paroquianos e ministros do culto, bancos e cadeirais. Poder-se-ia assim deslocar o eixo de vida duma igreja «**que tem de ser virada para os homens**», «**uma comunidade**» onde se celebra missa, «**a festa em casa do Pai**».

E a capelinha Condeixa, monumento de ouro erguido para Deus? Os seus oito metros de altura tornam «**difícil, senão impossível, montá-la cá**». Só se em S. Vicente se instalasse um museu de Arte Sacra onde se recolhessem, separadas, as peças de talha. «**Como lugar de culto é que não**», afirmou ainda o padre Cunha, entre as paredes manchadas pela humidade da paupérrima secretaria duma das mais belas e ricas igrejas da capital.

Freguesia de operários e estivadores, nela não haverá lugar para os oito metros de dourados do «Manteigueiro». «**A capela há-de poder ser posta numa das novas igrejas a construir em Lisboa**» — era a outra alternativa do cónego D. João de Castro.



Os oito metros e meio de alto da «talha mais rica de Lisboa». Desmontada, espera destino numa arrecadação de refugo militar. (Foto de Santos d'Almeida Júnior).

O RESPEITO É UMA RODOMA DE MORTE

Espera-se para Outubro a decisão sobre o destino da talha.

O principal problema é o de saber se deve conservar-se na reconstrução a unidade original, instalando a capela, tal como era, noutro edifício: ou se, utilizando as peças separadas, formando novos conjuntos plásticos, sacrificando a concepção da oficina de Silvestre Lobo, ganharão nova vida a talha artística e a inconografia religiosa, uma e outra ultrapassadas pela moderna ideia de arquitectura e de igreja.

«**O meu critério não é arquelógico: não considero a capela uma coisa sagrada e intocável. Quando transformo uma obra, contribuo para lhe dar vida e fazê-la continuar**», afirmou o arq.º Diogo Pimentel, que prefere manifestamente a segunda solução. Director técnico do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (SNIP), Santa Joana Princesa parece-lhe o melhor destino para a talha setecentista.

Dedicado à noviça filha do rei D. Afonso V, «O Africano», — que não conseguiu convencê-la a aceitar os pedidos de casamento vindos das mais ilustres famílias reinantes da Europa — o novo templo será erigido na urbanização da Quinta dos Lagares d'El-Rei, ao Areeiro.

«**A capela é um documento da vidda das pessoas, só nesse sentido é preciso conservá-la. O amor pelas coisas é uma atitude fecunda e transformadora. Um respeito cego mata-as com uma rodoma à volta. Se vier a decidir que a capela se integre em Santa Joana, que eu projectarei, a minha atitude será agarrar na talha e aproveitá-la, transformá-la: o critério será o da possibilidade de utilização. Penso que a capela, peça de museu de valor indiscutível, tem condições de aproveitamento funcional**».

Como «**recinto de recolhimento**», na expressão do padre Correia da Cunha? Ou como sacrário, entreaberto atrás do altar da nova igreja — segundo a sugestão do arq.º Pimentel?

O TEMPO NÃO É PARA CAPELAS E PALÁCIOS

Adriano Nunes, especialista do Museu de Arte Antiga, conhece de cor a capelinha e é capaz de a reconstruir com a precisão com que a desmontou num trabalho supervisionado pelo conservador Guedes Salgado. Lembrara ele que «**o altar da igreja de Marco de Canaveses foi armado com peças de três altares barrocos da região**» e que essa obra sua vinha na continuidade do primeiro trabalho que executou: a adaptação da Igreja das Mercês, em Evora, onde «**andavam altares pelo chão**», em 1950.

«**O tempo não é para igrejas e palácios, não estamos no século XVIII**»; disse o arq.º Diogo Pimentel, adepto dos espaços polivalentes que sirvam de sala de recuniões, cinema, igreja ou ginásio: uma divisória amovível pode proteger o altar e o sacrário, que se abrirão para a sala quanto esta tiver a função de lugar de culto, como durante a missa.

Num futuro próximo, é possível que da sala de Santa Joana Princesa os paroquianos vindos dos arranha-céus entrevejam, ao domingo de manhã, os querubins e ramagens da nobre capela, com outro perfil, transformada em sacrário do mais moderno templo de Lisboa.

Pessoas ligadas à doação disseram-nos, no entanto, que julguem haver possibilidade do projecto de Santa Joana Princesa prever a reconstrução da capela tal como existia no Palácio Condeixa, segundo a traça original e conservando-lhe assim a unidade **de obra.**

A viagem vai em mais de dois séculos. Que poderão vir a presenciar ainda os sorridentes e anafados anjinhos pagos com o ouro da manteiga?

(1) «**A Talha Mais Rica de Lisboa**», (1958), por Robert Smith, professor da Universidade de Pensilvânia e autor de «A Talha em Portugal».

Alguns dados históricos do nosso texto foram recolhidos do artigo de Fernando Almiro Vale «**Ontem e Hoje Como a Manteiga, a Revolução e o Petróleo Podem Influenciar a Vida dum Palácio**» (Gazeta do Vacuum Club, 1952).

✝

Dr. António de Almeida André Gomes

MISSA DE 30.º DIA E AGRADECIMENTO

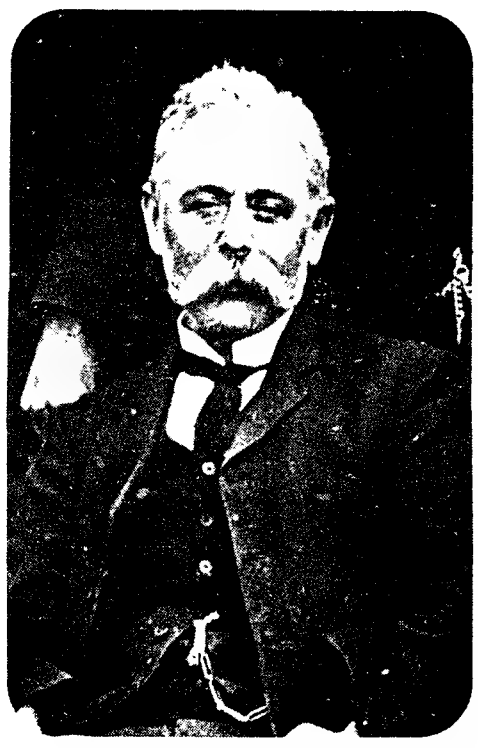
Sua família participa que amanhã, dia 4, pelas 12.30 horas, na Igreja de S. João de Brito (Alvalade) será rezada missa pelo eterno descanso de sua Alma agradecendo desde já, a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto. Aproveitam a oportunidade, para agradecer muito reconhecidamente a todos quantos de qualquer forma lhes testemunharam o seu pesar especialmente àqueles que por desconhecimento de moradas o não podem fazer directamente.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 53 41 67

DL/DOMINICAL

Na manhã de 23 de Junho de 1851 o choro de um recém - nascido deu vida a um velho apartamento no bairro dos refugiados, em Londres. No estreito e desordenado quarto da Dean Street, 28, (Soho), que servia de cozinha, estudio e sala, Helene Demuth, governanta em casa da familia Marx, deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Frederick.



O FILHO QUE MARX TENTOU ESQUECER

Frederick Demuth aos 30 anos.

Era um quarto achado à pressa, porque os seus patrões tinham pouco dinheiro e haviam sido postos fora da morada anterior por não terem pago a renda.

Karl Marx, o patrão, era o pai do menino, mas este nascimento só viera aumentar os problemas da família. Em tão confinadas circunstâncias a verdade acerca da paternidade da criança não podia ser ocultada a Jenny, mulher de Marx.

Caíu numa depressão nervosa e Marx escrevia mais tarde que o nascimento da criança viera «aumentar os nosssos problemas, tanto públicos como privados». Helene caíu doente mas o único alimento possível era pão e batatas.

Marx fora acusado pelos seus inimigos, entre os grupos revolucionários em Londres, de actos imorais, e estava petrificado com a ideia de que o conhecimento público do escândalo acabasse por prejudicá-lo ainda mais.

Não sentiu nenhum amor pelo filho, o único filho seu que tinha vingado, e repudiou-o.

Friederich Engels, amigo de Marx e filho do dono de uma fábrica de têxteis, tomou o encargo da criança. Fez o papel de pai e contratou o sustento e tratamento da criança com uma pobre família de operários que vivia nos subúrbios de Londres.

Engels escreveu depois que se encarregou do caso **«para evitar a Marx maiores conflitos familiares».**

O nascimento foi registado no distrito de St. Anne, Westminster. O menino chamou-se Henry Frederick Demuth. O apelido era o da mãe. Helene deu-lhe o nome de Frederick por causa de Friederich Engels.

Harry Demuth, filho adoptivo de Freddy, recorda-se do pai dizer que tinha sido criado pela família de um cocheiro, chamado Lewis.

«Costumava dizer-me que nessa família Lewis passou tempos difíceis. A comida era pouca. Não penso que o tenham tratado mal, mas eram muito pobres.»

Freddy, quando tinha 22 anos, casou-se com Helen Murphy, a linda filha de um jardineiro irlandês. Ela ainda não fizera 21 anos, e era claro que haviam vivido juntos antes, na Whitehorse Street, Piccadilly.

Freddy é descrito como armeiro na sua certidão de casamento, e surpreendentemente deu como nome do pai o de William Demuth cocheiro de profissão.

É obvio, segundo a ocupação de Freddy, que ele deve ter sido aprendiz e que Engels pagou a um patrão para que tomasse conta dele.

Harry Demuth pensava que ele teria trabalhado em Tottehnam Court Road, zona de armeiros.

Harry conta que foi adoptado por Demuth quando nasceu, em 1882, e pensava que era seu tio verdadeiro. O pai era pintor da construção civil, chamava-se Henry Sutter e a mãe, Jane, era irmã de Ellen Demuth. Os Suttey não podiam permitir-se criar um filho e, como os Demuth não tinham filhos, cederam-lho para que o educassem.

Por voltas de 1887 Freddy, com mulher e filho a sustentar, encontrava-se numa penosa situação financeira. Laura Marx, que casara com o socialista francês Longuet, agiu como um anjo da guarda para com Demuth. Escreveu a Engels várias cartas sobre ele e Engels enviou auxílio.

As coisas começaram a melhorar um ano depois. Em Fevereiro de 1888 tornou-se membro da Associated Society of Engineers Trade Union. Demuth era um trabalhador capaz e habilidoso e entrou logo para a secção n.º 1, como ajuntador e torneiro, lugar sòmente para operários especializados.

Declarou a idade de 35 anos e oito meses, um ano menos do que na realidade tinha.

Frederick Demuth (sentado, ao centro) durante a convalescença de uma doença er

MADEIRA TRANQUILA

7 DIAS DE FÉRIAS QUE V. RECORDARÁ

Partidas diárias de Lisboa, Porto ou Faro
Estadias em Hotéis e Residências de 1.ª classe.
Máximo conforto.

PREÇOS DESDE 2.740.00
(Casal por pessoa)

Se viajar com os seus filhos beneficiará de grandes reduções de preço.
Pague suavemente com o CREDI-STAR
Peça-nos informações detalhadas, e não perca muito tempo, até decidir a sua inscrição.

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

JARDIM DE INFÂNCIA
PAÇO DE ARCOS
UMA ESCOLA DO NOSSO TEMPO
CRECHE - INFANTIL
PRIMÁRIO
TELEFONE 243 50 11

MOBÍLIAS USADAS

Por falta de espaço vendo barato mobílias c. jantar e quarto, modernas, nórdicas, rústicas, Q. Anne, D. Maria, Império, Século XVII, roupeiros, estantes, cómodas de estilo, bares, papeleiras, jogos maples, sofás-camas, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18, cave (ao Chile). (Defronte Igreja de Arroios).

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

HISTÓRIA

● DAVID HEISLER/exclusivo ADS Camera Press D.L.

Helene Demuth, mãe de Frederick, governanta em casa da família Marx.

Por essa altura principiara uma amizade com Henry Clayton, operador de torno mecânico. Ambas as famílias compartilhavam a mesma escada vrada casa em Hachney, no Leste de Londres.

Os Demuth viviam no primeiro andar, lembrava-se Harry. Ambos os homens trabalhavam no «Paterson and Cooper», uma fábrica próximo, que fabricava peças para farois.

Charles Clayton, o filho de Henry Clayton, vivia ainda em 1966. Recorda: **«O tio Freddy tinha cabelo grisalho embora parecesse mais novo do que a idade. Para ocultar o envelhecimento raspava raiz de nogueira e fabricava uma tinta encarniçada com que pintava o cabelo e o bigode.»**

ça em 1912

Demuth, embora pequeno e delicado de ossos, tinha um ar distinto, disse Clayton, e recordou que usava uma «Gladstone bag» (uma daquelas elegantes malas pretas dos médicos) em vez da lancheira, quando ia para o trabalho. Também em vez de usar boné como os outros operários, usava chapeu de feltro.

Durante estes anos Demuth visitava muitas vezes a mãe em Regents Park Road, London, onde ela estava como governanta de Engels, a seguir à morte de Karl Marx, em 1883.

Fora governanta da família durante quarenta anos, e Engels tomara sobre si cuidar dessa família.

«Lembro-me de ir também visitar a mãe dele» — recorda Harry Demuth. **«Era muito pequeno e não posso recordar-me de muita coisa mas tenho a lembrança de me levarem abaixo, à cozinha, e de ver Freddy e a mãe, Helene sentados à mesa a conversar. Era uma mulher afável e caseira, daquelas que sabem cozinhar e coisas assim. Era muito simpática.»**

Mas esse período de felicidade teve um fim.

Aquela que fora um dia uma atraente mulher, que rejeitara propostas de casamento só por amor da família Marx e que servira os Marx até ao fim dos seus (deles) dias, adoecera com um cancro.

Esteve doente durante algum tempo, e Demuth visitava-a sempre que podia. Num agreste dia de Inverno, a 4 de Novembro de 1890, morreu em casa de Engels, com a idade de 67 anos. Fizera um testamento que tivera por testemunhas a filha de Marx, Eleonor, Edward Aveling, amigo desta, e Engels.

A década de 90 foi o período mais infeliz da vida de Freddy.

O jovem Harry frequentava a escola local no Hackney e embora trabalhasse bem não se concentrava muito. Demuth, que passara por tantas dificuldades em criança, queria que o rapaz se instruísse.

Mesmo assim, os registos da escola de Harry provam que ele a frequentou até aos 14 anos.

Os anos de escola foram tempos felizes para Harry porque Demuth era um pai sólido e afectuoso.

Ao fim da tarde Demuth ia muitas vezes à escola buscar Harry e levava-o a jantar consigo num café.

Harry recorda que Freddy ia com frequência ao parque (London Fields) **«ver-nos jogar cricket ou futebol. Creio que gostava mais de assistir do que de jogar. Gostava do desporto mas nunca tomava parte.»**

«Em casa costumavamos sentar-nos junto de um candeeiro de petróleo. Ele lia um parágrafo e eu lia outro; e era Shakespeare, Henry VI, Dickens, e coisas assim. Na altura podia lê-los. Agora ser-me-ia muito difícil.»

Demuth levou-o de férias a Brighton, uma praiazinha inglesa. Foram ao teatro. **«Não penso que ele fosse muitas vezes ao teatro, mas a peça chamava-se "Vamos, rapazes, então"!** — a respeito do exército e penso que gostou.

O mundo de Freddy Demuth foi muito abalado em 1892. Recompuseram-se de morte da mãe, dois anos antes, e agora era a sua linda mas leviana mulher, como acabava de descobrir que o abandonava.

Levou-lhe dinheiro e haveres incluindo 24 libras de que era fiel depositário, de uma caixa de auxílio para que ele e outros operários tinham andado a descontar.

Harry lembra-se: **«Ela apareceu à hora de jantar e anunciou que se ia embora e se eu queria ir. Eu disse que não, que ficava com ele. Penso que foi ter com um soldado que conheceu em Margate. Conhecia-o já há anos.»**

O desaparecimento do dinheiro deixou-o numa terrível situação. Não tinha dinheiro suficiente para repôr, e a sua reputação pessoal de honestidade, de que tanto se orgulhava, foi posta em dúvida.

Correu junto de Eleonor Marx pedindo-lhe auxílio. Ela conseguiu que o cunhado, de França, lhe mandasse 50 francos.

Terá alguma vez Freddy sabido quem era o seu verdadeiro pai?

Provàvelmente nunca viremos a sabê-lo. Disse muitas vezes a Harry que também ele era uma criança adoptada.

A única coisa que veio a lume é que Eleonor só em 1895 descobriu que ela era seu parente de sangue.

Depois da mulher de Fredy o deixar, Eleonor ficou sendo a única pessoa com que podia abrir-se, e um profundo entendimento estabeleceu-se entre ambos. Consultavam-se mùtuamente, mas ela recusava-se a acreditar nos boatos que o relacionavam com o seu pai.

Desde que Engels não rejeitava a paternidade, insistia, era ele o responsável por Freddy.

A este respeito Louise Freyberger-Kautsky, mulher do médico de Engels, escreveu a uma amiga: **«Freddy nunca soube, nem através da filho de Marx. Tussy** (Eleonor) **quer fazer um ídolo do pai.»**

Num estado de intenso nervosismo Eleonor decidiu confrontar-se com Engels no domingo 4 de Agosto, véspera da sua morte.

Engels repetiu claramente a mensagem na ardósia.

Ela desatou a soluçar. Os seus piores sonhos confirmavam-se.

Engels deixou um testamento de 25,267 libras, sete

Frederick Demuth, (ao centro) com um grupo de operários em Hackney.

mãe nem do General (alcunha de Engels) **quem era o seu verdadeiro pai.»**

E acrescentava: **«Chegava a ser cómico como Freddy se parecia com Marx. E com aquela cara realmente judia e com o fino cabelo escuro, só um cego preconceito levaria a encontrar-lhe alguma semelhança com o General.»**

Em Agosto de 1895 Engels estava a morrer com um cancro na garganta. Nos últimos dias de Julho, Samuel Moore, um dos tradutores da grande obra de Marx «Das Capital», para inglês, perguntou a Engels de chofre se era ele o pai de Demuth.

Engels escreveu numa ardósia que era Marx o pai.

Moore disse-o a Eleonor, que não acreditou.

Voltou Moore junto do ancião e repetiu a pergunta crucial

Engels garantiu: **«Freddy é**

mil das quais eram para Eleonor.

O corpo do homem que Demuth fora levado a acreditar que era seu pai, foi cremado, e as cinzas deitadas para o Canal da Mancha.

A morte teve um efeito traumático tanto em Eleanor como em Freddy, e cimentou a sua intimidade ainda mais.

As coisas começaram a correr mal entre Eleonor e Edward Aveling, com o qual vivia no sul de Londres. Ele era um realizador de teatro, muito dado às damas, de quem Freddy não gostava.

No outono de 1897 Aveling caiu sèriamente doente e Eleonor tratou-o com toda a demora. Mas depois de o levar numa viagem de restabelecimento, descobriu que ele casara no ano anterior com uma actriz de 22 anos. Aveling começou a fingir que estava outra vez doente, e ameaçou-a de a abandonar, e vender a mobília da casa que habitavam se ela não lhe desse parte do dinheiro que herdara.

Eleonor escreveu sete cartas a Freddy durante esses perturbados dias, procurando o conforto das suas respostas. Uma das cartas terminava assim: **«Sabes, querido, querido, Freddy, estou destroçada».**

Pediu-lhe que se encontrasse com Aveling e que discutisse com ele. Freddy detestava-o porque lhe devia as suas economias, que Eleonor o incitara a emprestar, e estava certo de que Aveling era um chantagista.

Foi tempo perdido porque Aveling, com a sua forte personalidade, desenvolveu argumentos a que Demuth não pôde responder. De novo Eleonor o convidou a aparecer, mas Freddy escreveu dizendo que não podia porque estava doente.

Então Aveling exigiu que Eleonor contactasse Freddy pedindo-lhe dinheiro. Freddy respondeu: **«Ele só me quer ver para me pedir dinheiro.»**

Ela enviou nova carta cheia de desespero, na qual se lia: **«Estou pronta a ir-me embora, e fá-lo-ia com grande contentamento, mas enquanto ele precisar de ajuda, tenho o dever de ficar. Querido Freddy, quem me dera conversar contigo. Mas não pode ser.»**

Um mês depois estava morta.

Aveling propôs-lhe um pacto de suicídio em conjunto, como solução para os problemas de ambos.

A 31 de Março de 1898 ela tomou o veneno em primeiro lugar. Enquanto ela, prostrada, estava a morrer, tornou ele a vestir-se e tomou um combóio para Londres. No inquérito que se seguiu nenhuma acusação foi levantada contra Aveling, que não estava na casa quando a morte ocorreu...

Os despojos da meia-irmã de Demuth foram cremados e repousam agora em Highgate Cemitery, ao norte de Londres, junto dos pais e de Helen Demuth.

DEMUTH E A POLÍTICA

Nos anos que se seguiram à fuga da mulher e em que se dedicou à educação de Harry, Demuth tomou um profundo interesse no lado estrutural da política.

Harry lembra-se de o ver estudar livros sobre o socialismo escritos por Marx e Engels, e tinha uma colecção deles numa estante. Lia regularmente o «Clarion», importante jornal socialista da época, e tinha pendurado na parede «estes dois grandes retratos de Marx e Engels lado a lado».

Em 1897 era auditor da secção de Hacney do «Amalgamated Society of Engineers Trade Union», filial n.º 194, de que Harry pensa terá sido ele um dos fundadores.

Estava muito ligado ao ramo da federação Social Democrática, que, durante o ano de 1896 enviara uma banda militar a um debate em «Victoria Park», e em que Eleonor Marx tinha sido oradora.

Por essa altura houve um

Continua na pag. 18

VAI CASAR?

Grande oferta aos noivos
Consulte e visite a

FOTOGRAFIA ESTÚDIOS NOVA GOA

e terá 20 % de desconto nas suas fotos. Serviços entregues ao balcão

Rua S. João da Mata, 71-A
Telef. 66 73 62

DL/DOMINICAL — ESPECTACULOS

A SEMANA E NÃO SÓ

Por NUNO GOMES DOS SANTOS

A semana que findou foi de certo modo importante para o espectáculo. De resto, em tempo de Verão, isso até nem é vulgar. Daí o relevo que o(s) acontecimento(s) merece(m)

Em primeiro lugar, até pela importância do evento, teremos de colocar o encontro de cineastas amadores de todo o mundo, que se realizou no Estoril e que decorreu durante toda a semana, tendo hoje o seu dia de encerramento. Foi, de facto, um dos acontecimentos mais importantes dos últimos tempos, no que diz respeito a factos relativos ao cinema ocorridos em Portugal.

À tarde (15 horas), a projecção de filmes extra concurso. À noite, a projecção dos filmes premiados no 34.º Concurso da União Internacional de Cinema de Amadores e o encerramento do concurso e do 31.º Congresso Mundial da UNICA.

Lembramos ao leitor que não tenha acompanhado o acontecimento que estiveram este ano no Estoril cineastas de 17 países, todos concorrentes. Donde se conclui que o contacto entre eles, a troca de opiniões, a aprendizagem que, inclusivamente, lhes foi proporcionada por terem a oportunidade de ver os filmes uns dos outros, os debates (dois «foruns»: «Os jovens e o cinema» e «O Cinema e o público»), tudo isso serviu, em primeiro lugar, os participantes no concurso e no congresso e servirá, também, uma camada mais lata de público interessado em saber como estas coisas andam.

SERRAT

Começou a ser transmitido pela rádio mais um disco do cantor-autor catalão Juan Manuel Serrat. O facto é de assinalar, por três motivos: Serrat é um nome dos mais importantes da canção espanhola actual, em primeiro lugar; depois,, um disco seu (LP) que nos chega passado pouco tempo sobre a sua actuação numa sala de espectáculos da capital lisboeta, actuação essa que mereceu os mais rasgados elogios da crítica e do público; por último, um álbum que entra pela porta larga do mercado de Verão e que tem a qualidade que, normalmente, os discos desta época não possuem.

«Mediterraneo» é o seu nome. Título aliás, da primeira

Serrat, Juan Manuel — autor catalês

a dizer-nos que está vivo e pleno de força. A canção «Mediterraneo» a ser uma óptima introdução a um álbum que se aplaude pela inegável qualidade das canções, da voz, das palavras de Juan Manuel. Um poema de Leon Filipe, ainda. Arranjos musicais bem conseguidos. Um bom trabalho, em suma.

REVISTA

Apesar de muito... retalhada, «Pra Frente Lisboa!» continua à dar que falar. Um episódio que nos foi narrado por um camarada de redacção merece a pena ser contado.

Estava a decorrer o número das «Noivas de Santo António», com Solnado e José de Castro e, como sempre acontece com o Raul, as coisas começam, às tantas, a correr de tal modo que o que se passa já tem muito pouco a ver com o texto original. Pois, numa dessas, o José de Castro que, de dia para dia, prova estar cada vez mais à vontade no mundo do teatro ligeiro, levantou as saias do seu «lindo» vestido de noiva para se baixar perante o «ponto» e perguntar,alto e bom som: «Ora diga lá onde é que nós íamos»!

TEATRO AMADOR

Noticiámos há dias a homenagem que o grupo «Os Modestos», de Matosinhos, tinha feito a um dos seus sócios. Dessa homenagem fez parte a representação (uma vez mais), de «Histórias Para Serem Contadas», de Dragún, peça com a qual o grupo marcou muitos pontos no panorama do Teatro Amador dos últimos tempos. Pese, embora, o facto de durarem há muito, as **histórias** continuam a merecer a pena serem **contadas**.

Outra «história» que começa a fazer tradição (leve, ainda) é a de António Aleixo — «Auto do Curandeiro», que o Grupo de Teatro Amador da Madre de Deus está a levar onde quer que o chamem: ontem de regresso ao Ateneu do bairro, onde começaram, no próximo sábado em Montemor-o-Velho.

Entretanto anuncia-se para breve outra «história», digamos que «em reposição»: «A Vida do Grande D. Quixote e do Gordo Sancho Pança», pelo Grupo de Campolide. Um espectáculo «em continuação de estreia» que se deseja ver prolongado por muito tempo. Tanto quanto for preciso para o lever ao maior número possível de pessoas.

GILBERTO GIL

Continuação da pág. 3

quela zona há alguns anos. O nosso conhecimento foi travado em Portugal na altura em que Gil actuou no «Curto-Circuito». O cantor, recebeu-nos com um sorriso. Falou-nos do sol de Cascais e do Casino. Depois apresentou-nos alguns dos seus amigos. Alguns deles dedicam-se também profissionalmente à música.

Em conjunto discutimos a actuação do agrupamento amador que actuava mesmo à nossa frente entre as paredes inacabadas dum edifício em construção. A meio da conversa, Gilberto perguntou: «**Que é feito de Zeca Afonso? Gosto muito da sua música e da sua personalidade como cantor. Gostaria de voltar a vê-lo em breve**».

Explicámos-lhe que José Afonso, eleito em votação popular, representará Portugal no Festival do Rio dentro de algumas semanas, Gil recebeu a notícia com visível satisfação e acrescentou:

«**É bom saber isso porque eu vou agora regressar ao Brasil e aproveito para actuar no festival fora do concurso**»

Agora podem regressar sem dificuldade. Caetano está a trabalhar em novos discos e Gilberto prepara-se para voltar a casa. Em Inglaterra ela fez, há mais de um ano, um disco para a Paramount que passou, como seria de prever, quase despercebido.

«**Terminei há poucas semanas o meu contrato com essa casa editora. Estive, entretanto, cerca de cinco meses no Brasil fazendo uma digressão por alguns estados com um bom grupo**» informa Gilberto. «**Agora, antes de regressar definitivamente, tenciono ir aos Estados Unidos para tratar duns contratos. Espero entretanto que seja lançado um disco que fiz aqui há alguns meses. Metade dos temas são em inglês e outra metade em português**».

A propósito da aceitação da sua música no mercado britânico, Gilberto confessa que não foi de modo algum bem sucedido e adianta:

«**Pràticamente não cheguei a actuar em Inglaterra. É, de facto, muito difícil uma pessoas triunfar neste país, especialmente se vem do estrangeiro.**

Mas Gilberto Gil não desanimou por isso. Antes pelo contrário:

«**A minha estadia em Londres foi até bastante estimulante. Tive tempo para pensar e para rever completamente a minha súsica**».

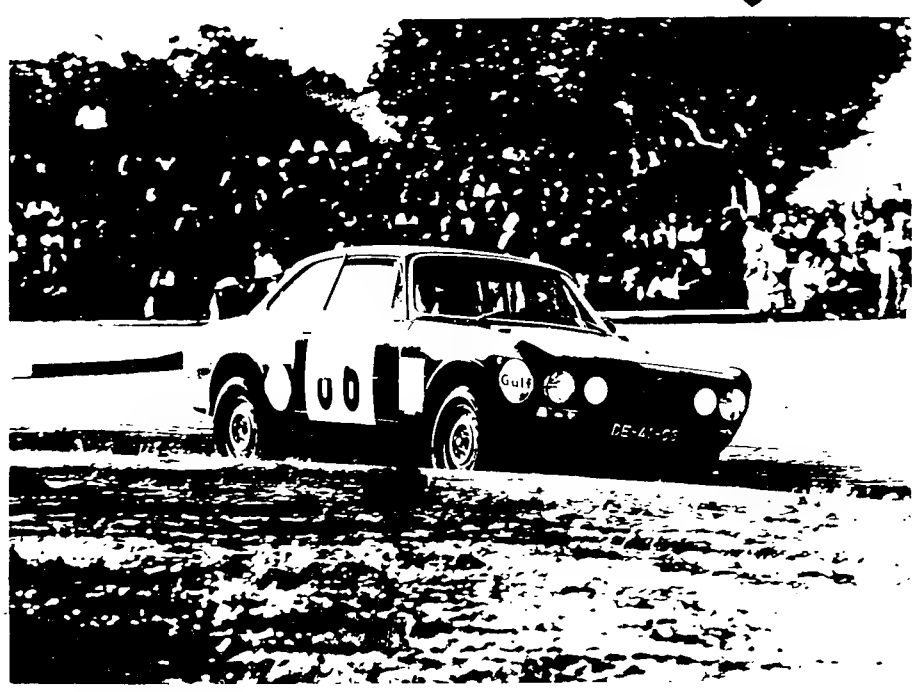
Agora que se prepara para regressar ao Brasil, o cantor sabe que não será difícil a readaptação. Ele é, ainda neste momento, apesar da sua prolongada ausência, uma das figuras mais conhecidas da música popular brasileira»

A propósito disso, enquanto uma jovem excentricamente pintada dança mesmo ao nosso lado fazendo rodar a sua colorida saia de ráfia, Gilberto Gil diz:

«**Mesmo que não existissem tão boas condições para regressar eu voltava de qualquer modo pois, a minha vida e a minha música têm principalmente a ver com o Brasil e com a sua gente**».

O grupo tinha terminado a sua actuação e a assistência começava já a dispersar em várias direcções. Eram quatro horas da tarde e no céu cinzento de Londres o sol começava a raiar tìmidamente. À despedida deixámos a Gil e aos seus amigos o nosso abraco. Nas bancas e lojas de Porto Bello o negócio continuava activo. Jovens de ambos os sexos cantavam ainda nas esquinas, enquanto um velho tocava realejo com uma arara ao ombro e um macaco debaixo do braço. Em l ondres, onde até os encontros inesperados são possíveis, sente-se a alegria de viver. E sabe-se porque.

PRESENÇA



Alfa Romeo

2000 GT Veloce

CAMPEÃO DA EUROPA

Circuito de Vila do Conde

1º LUGAR - B. SÁ NOGUEIRA

A POTÊNCIA ALFA ROMEO É SEGURANÇA

MOCAR, SARL.

STAND ALFA ROMEO: AV. DUQUE D'AVILA, 66 B · LISBOA · TEL. 47378

SURDOS

CASA SONOTONE

Vejam o que acontece àqueles que não ouvem bem. Felizes os que têm um Sonotone. Venham já fazer um exame que é gratuito para verem o que há de mais moderno para corrigir a surdez.
Temos pilhas de todas as voltagens, de mercúrio e de carvão.
Trocamos todos os aparelhos sejam ou não das nossas marcas e de qualquer casa.
Prestamos assistência com consciência, tanto em Lisboa como na Província.
Pedimos uma visita com um grande Obrigado.

Em LISBOA, Poço do Borratém, 33, s/l — Tel. 868352
No PORTO, Praça da Batalha, 92-1.º — Tel. 02-35602
Em LUANDA, Rua Ant.º Enes, 42-2.º — Apart. 26

DL/DOMINICAL EXCLUSIVO

Uganda:

● Panorama DL

"Fora com os mercadores"

Idi Amin, o presidente do Uganda

Segundo os primeiros refugiados do Uganda que chegaram a Londres, as autoridades do aeroporto não só rasgaram os seus passaportes como também troçaram deles e chegaram mesmo a cometer violências. «Quando fazíamos bicha para recuperarmos os nossos documentos, um deputado ugandês atirou-se a duas mulheres e feriu-as deitando-as por terra», afirmou uma das refugiadas que se recusou a identificar-se «temendo represálias contra familiares ou amigos que se encontram ainda no Uganda». Um jovem de 16 anos declarou que «lhe ordenaram que cortasse o cabelo. Fui realmente ao barbeiro onde me cortaram o cabelo com um caco de garrafa», acrescentou o jovem. Todos os imigrantes afirmaram que as autoridades de Kampala os tinham confiscado até ao último «penny» antes de embarcarem para Londres.

«Os estrangeiros estão a sabotar a nossa economia. E, para salvar o país, há apenas um meio: expulsá-los. E aquilo que uma voz me mandou fazer, uma noite, enquanto dormia sob a tenda entre os meus soldados.» Assim explicou o presidente do Uganda, general Idi Amin, de 46 anos, ex-pugilista, no poder desde Janeiro de 1971, depois do golpe de Estado, a decisão de expulsar a maior parte dos asiáticos que, há cerca de um século, habitam naquele país africano.

POPULAÇÃO

Dos dez milhões de habitantes do Uganda (ex-protectorado britânico com a capital em Kampala) cerca de 100 mil pessoas são de origem indiana, paquisyanesa ou bengalesa. Destas, 55 mil têm passaporte inglês, não tendo renunciado, portanto, após a independência do país, à nacionalidade britânica, 23 mil são cidadãos do Uganda, dois mil, finalmente, conservam a cidadania dos respectivos países de origem. Na república africana, os asiáticos representam (conjuntamente com os 10 mil europeus que ali vivem) a classe empresarial e técnica. O poder político, pelo contrário, está completamente nas mãos dos militares ugandeses.

Dos 100 mil asiáticos, cerca de 20 mil escolhidos entre os três grupos, poderão continuar no Uganda (são, na sua maioria, técnicos que o governo de Kampala considera como ainda necessários ao país). Os outros 80 mil deverão retirar-se dentro do prazo de três meses, incluindo os que têm a cidadania ugandesa.

Antes de abandonar o país, os 80 mil asiáticos serão obrigados a vender os seus bens a cidadãos ugandeses por preços muito modestos fixados pelo governo. **«Na prática os africanos tomarão conta de todos os nossos haveres por pouco dinheiro»**, disse um negociante indiano de Kamapala. **«Mas os ugandeses não sabem comerciar. Dentro em breve estarão na ruína.» «Os asiáticos são aqueles que fazem avançar o país»**, confirmou um diplomata acidental ao enviado do **Newsweek**. Entre os africanos, sempre de acordo com o semanário americano, há gente que duvida da oportunidade da disposição do general Amin. Teria preferido, sim, uma passagem gradual dos poderes económicos, como está a acontecer, por exemplo, no Quénia.

A situação do Uganda é bastante delicada. O produto nacional bruto desceu a um nível muito baixo, a 1 024 milhões de dólares por ano, as reservas de valores estão próximas do esgotamento, o comércio externo atravessa grandes dificuldades. Para sanear um pouco a balança de pagamentos, em passivo, o general Idi Amin deu um corte nas importações. São duas as razões da crise: 1) Idi Amin excluíu pràticamente do governo todos os civis, incluindo os técnicos da economia; 2) mais de um terço do orçamento do Estado é absorvido pelas despesas militares.

IDI AMIN

Além de se privar de repente dos empreendedores asiáticos (os 20 mil técnicos que ficam no país não chegam, só por si, para fazer andar o país para a frente), o general Idi Amin corre agora o risco de perder os auxílios económicos concedidos pela Grã-Bretanha que até agora tem evitado a completa bancarrota. Os 55 mil asiáticos com passaporte britânico tem o direito de se transferir para a Inglaterra. Porém, a Grã-Bertanha não está em situação de poder acolher todos. O ministro inglês dos Negócios Estrangeiros, em 11 de Agosto, enviou a Kampala uma delegação com o encargo de encaminhar negociações sobre os 55 mil asiáticos. Não parece provável, no entanto, que Idi Amin venha a retirar a ordem de expulsão. A Grã-Bretanha, por consequência, suspenderá os auxílios ao Uganda.

Pode acontecer que o general tenha feito bem os seus cálculos. As acusações de sabotagem aos asiáticos servem, em primeiro lugar, para descarregar sobre os estrangeiros a culpa da falência económica do governo. E, deste modo, para reforçar também o prestígio do general no interior do país. A sua expulsão e a provável rotura com a Grã-Bertanha pode servir de prelúdio a uma nova linha política do Uganda.

A Líbia do coronel Muammar El Gheddafi, muçulmano, nacionalista, xenófobo, já prometeu auxílio económico e militar. E uma delegação de militares ugandeses deslocou-se a Moscovo, nas passadas semanas, para conversações secretas.

«O general Idi Amin, comentou um diplomata ocidental em Kampala, **«é uma personagem imprevisível (em Abril passado expulsou imprevistamente todos os conselheiros militares israelitas no Uganda, acusando-os de sabotagem). Está acostumado a disparar à queima-roupa. Até agora, as coisas têm-lhe corrido bem. Desta vez, porém, corre o risco de pôr a pique, com os seus golpes, o veleiro do Estado ugandês.»**

O ministro Geoffrey Rippon deparou em Kampala com um «não» intransigente do presidente Idi Amin. Durante a visita do ministro inglês alguns asiáticos ainda conseguiam sorrir (DS/«DL»)

Em Nairóbi, em trânsito do Uganda para a Índia, alguns asiáticos desfizeram-se das jóias para fazer face ás primeiras depsesas (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

teatro MONUMENTAL
MATINÉE às 16 H.
HOJE: 2 SESSÕES 2
20.45 E 23 HORAS
Grupo D—M/18 anos
VASCO MORGADO apresenta
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA
P O P U L A R
P'RA FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
★ IRENE ISIDRO ★
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
JÚLIO CÉSAR e VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
4.º MÊS
Mais de 60 figuras em cena
AMANHÃ: DESCANSO DA COMPANHIA

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA
SHARVEN-FRANCE
Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5
Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.
DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE
E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES
CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL
Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso DL
Nome
Morada Telefone:

COMPRA
A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

primaz
ROSSIO, 115
SALDA A PARTIR DE AMANHÃ

DINHEIRO
EMPRESTA-SE
SOBRE PROPRIEDADES
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
RUA DO OURO, 292, 1.º (Esquina com o Rossio)
TELEFS. 369384/5/6

EXCURSÕES EM AUTOCARRO
COM PARTIDAS DE SETÚBAL E LISBOA
Realizadas nos nossos autocarros de turismo
Acompanhadas por pessoal especialmente qualificado

Lourdes-Andorra-Madrid	9 dias	3.950$00
Lourdes-Andorra-Barcelona-Valência-Madrid	12 dias	4.950$00
Lourdes-Paris-Andorra-Madrid	15 dias	5.950$00
Paris-Londres-Madrid	16 dias	8.500$00
Bélgica-Holanda-Luxemburgo		
Vale do Reno-Suiça-Andorra	20 dias	9.950$00
Suiça-Áustria-Itália	24 dias	12.500$00
Suiça e Costa Cantábrica	9 dias	3.850$00

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar, pois a respectiva lotação é limitada
Informações e reservas em:
Belos Turismo
Setúbal-Av. 5 de Outubro-Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254
Lisboa-Rua do Ouro, 242-Tel. 324306

TOYOTA
SERVIÇO OFICIAL
Peças e acessórios, mecânica, bate-chapas, electricista, estofador, pintura e Estação de Serviço
Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 68313/2/3
COTAL
Rua dos Lusíadas, 113-A — Tel. 631057/8
SERVIÇOS RÁPIDOS
TABELA DE PREÇOS — ORÇAMENTOS PRÉVIOS

Externato
Sebastião da Gama
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO
Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telfs. 822776/823531
(Em frente da Cervejaria Portugália)

A FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
RECINTO DE DIVERSÃO, MANTÉM O TÍTULO DO MAIS ALEGRE PONTO DE LISBOA
• • •
BOA MESA — ALEGRES DIVERTIMENTOS
GRANDIOSOS PAVILHÕES E LINDOS STANDS
• • •
PARA TODOS OS GOSTOS
PARA TODAS AS IDADES
PARA TODAS AS BOLSAS
ABERTURA ÀS 15 HORAS

DL/DOMINICAL — FÉRIAS

VIAJAR A PÉ

A região mais desolada da Europa é a parte sul do maciço central, a zona montanhosa no coração da França. A coisa que as pessoas atiram fora mais frequentemente pelas estradas é a correia da ventoínha dos automóveis. O país em que os cães têm mais medo dos transeuntes é a Espanha. «São algumas das descobertas que se podem fazer, andando pelo mundo a pé», contam-nos Jerôme e Juliette Gueldry.

Todos os anos, no Verão, os primeiros dias de Agosto, o casal Gueldry, com 67 anos feitos, deixa a sua casa perto de Lausana e faz, pelo menos, um milhar de quilómetros. A meta deste ano é Budapeste: 1.303 quilómetros, tanto quanto possível em linha recta.

«**Escolhemos a cidade que queremos visitar**», diz a senhora Gueldry, «**e traçamos uma linha recta sobre o mapa geográfico. Depois, procuramos as estradas ou caminhos que menos se afastam desta linha.** A distância em linha efectiva vem aumentada de um coeficiente que varia com a natureza do terreno a percorrer: 5 por cento em plano, 71 por cento na alta montanha. Média horário: 3 quilómetros e 200 metros, incluindo uma meia hora de descanso por cada três horas de marcha». Uma única verdadeira refeição o jantar. Durante a marcha comem uma ameixa de hora a hora, biscoitos e chocolate. Um trago de água bastante frequentemente. Sob a canícola, um lenço molhado sobre a cabeça.

Rãs e macadame. «A viagem mais quente que fizemos, foi a travessia de Castela», conta Gueldry. «**A mais desconcertante foi aquela nas margens do Pó aonde, a cada passo, saltam três ou quatro rãs». A mais terrível para os pés foi a travessia do aglomerado de Leão, 30 quilómetros de macadame sobre a linha recta Lausana-Lisboa. As estradas mais perigosas são as estatais italianas, com os camionistas que passam a um milímetro das pessoas. Porém, a coisa mais desmoralizante são os caminhos assinalados nos mapas, já desaparecidos, invadidos por uma vegetação que o caminhante não consegue atravessar».**

Como nasceu esta paixão pela marcha? «**Durante muito tempo tive o hábito de usar o automóvel para percorrer cem metros, como toda a gente faz», explica Gueldry. «Depois, um dia, tive de andar a pé para me encontrar com minha mãe na clínica, cinco quilómetros de ida e volta. E fez-me muitíssimo bem. Então, aumentei a distância e descobri os dois prazeres da marcha: ter um ritmo próprio para ver o mundo e separar-se continuamente a si mesmo, alcançando distâncias cada vez maiores.**»

A Pé. Jerôme e Julieta Gueldry, um casal suíço, de 67 anos cada um, que todos os anos, no Verão, percorrem a pé pelo menos um milhar de quilómetros através dos países da Europa.

O FILHO DE KARL MARX

Continuação da pag. 15

grande desfile em apoio dos mineiros de Penryn, que militavam. Demuth foi um dos organizadores e quando o desfile chegou a «London Fields» foi ele um dos que o dirigiam, lembra-se bem Harry.

Com o seu vizinho Henry Clayton, e Alfred Payne, que mais tarde se tornou **Mayor** de Hackney, Demuth teve parte importante na fundação do Partido Trabalhista da área.

O filho de Clayton, Charles, referiu-se-lhes como sendo conhecidos pelos «Mosqueteiros».

Demuth também colaborou na fundação da primeira sociedade de cooperativas.

Harry Demuth estava agora casado, e criando a sua própria família. Sentia-se muito grato para com Freddy. Diz: «**No Natal chegava carregado de mercearias da Cooperativa. Trazia café, chá, cocos, compotas, etc. Se não fosse ele não teríamos nada. Não tínhamos mais ninguém. Era realmente bom para nós.**»

Em 1912 Harry decidiu tentar fortuna na Austrália. Partiu num navio alemão, mas deixou atrás de si a mulher e os filhos, a quem chamaria mais tarde.

Demuth preocupava-se com esta aventura e pensava que não levaria a nada. Quando a guerra rebentou em 1914 já Harry estava de volta. «**As coisas não iam muito bem por lá**».

Em Junho de 1908 Freddy mudou de emprego. Entrou para uma companhia de cigarros, como chefe de pessoal e delegado junto dos capatazes.

Deu a idade de 45 anos e deve ter sido a sua reputação de excelente operário, confirmada por anteriores patrões, que lhe permitiu chegar a tão prestigiado lugar.

De estatura abaixo da média, tinha de subir a um estrado para ficar à altura certa da sua bancada. A sua especialidade eram peças de metal de precisão. Tarefas que implicavam o manejo final de peças que outros tinham fabricado.

O seu ordenado de base era de dois «pence» mais por hora, do que qualquer outro operário especializado em trabalho similar. Às quartas-feiras fazia de capataz enquanto o verdadeiro estava de folga, e recebia pagamento extra.

A preocupação de Freddy Demuth em não desperdiçar material é recordada na fabrica. Se um parafuso caía no chão e um aprendiz lhe dava um pontapé, dizia: «**tu não lhe darias um pontapé se fosse uma moeda, pois não? Tê-la-ias apanhado, não era?**»

De qualquer modo gozava de popularidade entre os aprendizes, que o temiam um pouco por causa da sua aparência e atitude formais. Tinha olhos azuis e uma voz ligeiramente aguda. As mãos eram pequenas e elegantes e para as manter assim, sendo operário, esfregava-as com pedra-pomes.

Em 1919 a companhia in-

ciou um esquema de benefícios que dividia lucros entre os empregados que nele entrassem. Demuth ganhava então 350 libras por semana, considerado um óptimo salário. Subscreveu acções e reinvestiu os lucros.

O limite de idade forçou-o a retirar-se em Setembro de 1924.

Tinha direito a uma pensão da companhia, mas quando se descobriu que era mais velho do que primeiro admitira, tiveram de lhe reajustar uma nova tarifa. A «Amalgamated Engineering Union» também lhe enviou uma pensão.

Em 1928 alugou uma bela casa de três andares, situada em «Stoke Newington Common», ao norte de Londres.

Harry Demuth, que vivia agora no sul da cidade, vinha aos domingos visitá-la de autocarro.

Frederick Demuth morreu na sua casa a 28 de Janeiro de 1929, com 76 anos de idade. A morte deveu-se à idade e a um ataque do coração. Estava a seu lado Laura Ann Payne, a governanta, que lhe deu a sua primeira devoção tal como a sua mãe a tinha dado aos Marx.

Harry Demuth e Laura Payne foram os únicos beneficiários do testamento, que revela que morreu com dívidas, mas rico. Devia para cima de 73 libras da renda da casa, e 8 libras, que pedira ao seu amigo James Hill.

O valor dos seus bens era de 1971 libras, total de somas aplicadas nas cooperativas de várias empresas.

Três dias depois de morrer o corpo foi cremado no «Golders Green», e as cinzas espalhadas sobre os Prados [illegible]

COLECTIVIDADES POPULARES — DL/ DESPORTOS

Boa-Hora Futebol Clube:

Quem tem medo do "lobo mau"?

Linda-a Velha, Cascais, Porto Salvo, Carcavelos, Valêjas, Sassoeiros, Linda-a-Pastora, Queijas, Cacém, Parede, Alcácer do Sal, Pendão, Talaide, Oeiras, Fontainhas, Nelas, Canas de Senhorim e Lisboa (Benfica, Ajuda, Arco do Carvalhão, Sete Rios, S. Sebastião da Pedreira e Pedrouços) registam o peregrinar da reportagem «DL» em busca de clubes populares que pedem divulgação e amparo.

Texto de ALEXANDRE PAIS

Muitos factos verdadeiramente incríveis, reveladores do mais profundo desrespeito pela obra dessas modestas colectividades, tivemos já oportunidade de relatar nas nossas colunas. Com eles, muito em especial com as couves galegas plantadas no parque de jogos da Academia 1.º de Setembro, pensámos não mais encontrar motivo de espantação. Mas qual quê! Faltáva-nos este que hoje vem a terreiro.

O Boa-Hora F. C. completou há pouco 54 anos de existência: foi fundado em 3 de Julho de 1918. A sua massa associativa é, actualmente, composta por 575 pessoas que contribuem com uns escassos dez escudos por cabeça e por cada período de trinta dias. Andebol, ginástica e futebol (seniores, juvenis e iniciados) são as modalidades em que o clube se faz representar. A sede, instalada na Calçada da Boa-Hora, justifica (justificará mesmo?) uma renda de oito contos mensais. Mas, de momento, é o seu parque desportivo (ali à Rua da Aliança Operária) que enche de «dores de cabeça» os dedicados directores da agremiação.

Directores dedicados, porque quem não tem dedicação não anda metido nisto: calça as pantufas e fica em casa. Daí poder concluir-se, que dirigente de clube popular é pessoa de respeito. E homem que recusa a morte antes do suspiro derradeiro. E gente com o coração do tamanho dum pavilhão gimnodesportivo. Mas respeito é coisa que não existe pelos trabalhadores da Boa-Hora F. C.

Vicente Manilha, presidente da direcção, Manuel Correia, 2.º tesoureiro e José Carlos Costa, seccionista do futebol, são os homens que, sem papas na língua, nos vão dar conta da inqualificável acção que atropela os direitos do seu clube. E começam assim:

O nosso parque desportivo foi construído, há cerca de dez anos, em terreno alugado à Câmara Municipal de Lisboa. O custo total da obra (composta por um campo de futebol, balneários, casa do guarda e recinto para a prática de andebol, basquetebol e futebol de salão) atingiu os 650 contos. Verba que, como se deve calcular, só se arranjou à custa de unumeráveis sacrifícios. Em Março de 1970, gastámos mais 150 milhares de escudos com a electrificação do campo.

Gastámos, é como quem diz, já que a Federação Portuguesa de Futebol e a Associação de Futebol de Lisboa nos faltaram com os subsídios prometidos. Tem-nos valido a compreensão da firma a quem entregámos os trabalhos da iluminação. A direcção da «Sotécnica» levou mesmo a sua amabilidade ao ponto de só receber o dinheiro quando o clube o tiver. «Pagam quando puderem», foi o que nos disseram. Mas é claro que esta situação não nos agrada, pois contávamos com os subsídios para satisfazer a despesa e agora temos de ficar a dever o dinheiro às pessoas...

Grande foi a colectivadade. Bem maior é a ameaça (a gozar de impunidade, sabe-se lá através de que ocultos interesses) que sobre ela paira:

Temos de nos reportar a 1964 para podermos explicar, de forma clara, o que se passa. Nesse ano começaram a fazer-se desatêrros e escavações para uma futura construção junto ao lado poente do nosso parque de jogos, mais pròpriamente na Travessa do Giestal. Como o trabalho não estava a ser realizado com as condições necessárias para que a propriedade municipal, que já então ocupávamos, não fosse afectada, demos disso conhecimento à Câmara que, também de imediato, ordenou a suspensão dos trabalhos. Descansou a então direcção do clube que viu assim defendidos os seus legítimos interesses. Volvidos que foram alguns anos, outros construtores reinvindicaram (em Março de 1971) as obras de escavação e xonsequente construção de três prédios. Observando que, também nessa altura, os trabalhos não estavam a ser feitos com a segurança necessária, a nossa Comissão de Melhoramentos e Obras iniciou uma série de conversações com os construtores, conversações essas que se foram arrastando sem quaisquer resultados práticos.

Aqui entra em acção o sr. Antunes. Reparem:

Numa das primeiras reuniões, efectuada em Abril de 1971, entra a referida Comissão, os construtores dos prédios em questão e ainda o sr. eng. Sobral, técnico responsável pelas obras em curso, todos mostraram boa vontade em colaborar connosco excepto o sr. António Antunes que disse não fazer a protecção necessária (ao que parece ordenada pela Câmara Municipal de Lisboa) enquanto o seu prédio não tivesse o 2.º ou o 3.º andar, acrescentando ainda que se isso o obrigasse não faria o prédio por essa altura. Esta situação mais se reforçou quando, em 1 de Junho de 1971, todos os construtores (excepto o sr. Antunes) se declararam responsáveis pelos danos causados ao nosso recinto desportivo, conforme documento em nosso poder e no qual os declarantes focam precisamente que a responsabilidade diz sòmente respeito aos danos causados pelos trabalhos nos lotes 4 e 5, deixando a responsabilidade dos danos causados por obras do outro lote ao seu construtor, precisamente o sr. António.

Desprezo pelo trabalho alheio: a derrocada.

Ainda no mês de Junho de 71 aconteceu o inevitável. Com a sequência dos trabalhos e a não execução da protecção, houve uma série de aluímentos que afectaram parte do peão do campo de futebol, arrastando um poste de iluminação e vários postes de segurança que suguram a rede protectora que envolve toda essa parte do campo, factos de que demos imediato conhecimento à Câmara Municipal. Esta, convocou para o dia 21 de Setembro desse ano uma reunião entre os construtores e os dirigentes do nosso clube, a que também compareceram o sr. eng. Tavares e o fiscal sr. Lourenço, ambos da mesma Câmara.

Chegamos finalmente ao mais inacreditável de tudo isto: **Nessa reunião de que nada resultou, passou-se um facto que não queremos deixar de relatar. Quando o sr. eng. Tavares pôs a hipótese de a Câmara embargar a obra ao sr. António Antunes, este ameaçou que quem lhe embargasse a obra teria de se haver com ele!**

E o sr. Antunes deu as ordens:

No dia 18 de Outubro foi contactado o encarregado da obra do sr. António Antunes que, monstrando pleno conhecimento do que se passava, afirmou aos elementos da Comissão de Melhoramentos e Obras que como tínhamos ido fazer queixa, agora teríamos de nos sujeitar ao que houvesse. Entretanto a situação piorava com novas derrocadas que nos íam levando o campo. Continuámos a protestar (verbalmente e por escrito) junto da Câmara, sem que fôssemos atendidos. E em 22 de Março do ano corrente caiu mais um poste de iluminação.

A situação actual:

Temos o Campeonato à porta e as vistorias da Comissão Técnica da Associação de Futebol de Lisboa e da Inspecção Geral dos Espectáculos não nos deverão aprovar o campo, pelo perigo iminente que ele representa para integridade física dos jogadores e espectadores. Nós bem tentamos encher com terra aquela parte do campo, mas a pouco e pouco ela acaba por desaparecer toda. O mesmo se passa com os postes que correm sempre o risco de caír.

Aqui há tempos, a parte superior do parque de jogos (que não se encontra convenientemente escorada) deu de si e soterrou a cabina das equipas de arbitragem. Meia hora antes e haveria corpos humanos debaixo dos pedregulhos. Mas, para já, este problema está colocado em posição secundária:

Sim, a Câmara já prometeu tratar desse assunto mas tudo ao mesmo tempo não pode ser. Pois se o problema do sr. Antunes não tem quem o resolva! Não se pense, no entanto, que nós temos sido mal recebidos na Câmara. O sr. eng. Santos e Castro tem sido até duma amabilidade extrema para o Boa-Hora F. C. Estamos em crer, que não lhe chegou ao conhecimento nenhum dos ofícios em que reclamávamos a nossa razão. O mesmo se passa com outras pessoas que nos têm atendido e de quem não temos motivo de queixa. Têm sido motivos até bastante prestáveis. Simplesmente, o sr. António Antunes lá consegue dar a voltinha das suas conveniências duma forma tal, que ninguém consegue resolver o assunto. Como poderemos defender os nossos interesses e fazer valer a nossa razão?

Não restam dúvidas que este assunto está a pedir solução rápida e suficientemente enérgica. Mas quem irá dar o primeiro passo, arrostando sobre si a cólera do sr. Antunes? De facto, quem tem medo do sr. Antunes? Eu confesso que não. Os dirigentes do Boa-Hora F. C. também penso que não. Mas alguém tem. Ainda há **capuchinhos vermelhos**» com medo do **lobo mau**. Não é felizmente o caso de eng. Santos e Castro, o homem que está a dar à capital deste país a face dum progresso como ela nunca conheceu. E há-de ser, precisamente, o presidente do município, a pôr fim à representação de tão triste farsa. Não aposte o contrário que perde sr. Antunes.

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE S. JOÃO

Até 15 de Setembro estão abertas as inscrições para os cursos de:

- **Enfermagem geral.**
- **Auxiliares de enfermagem.**
- **Especialização obstétrica para enfermeiras e para auxiliares de enfermagem.**

Pedido de informações à Secretaria da Escola à Praça 9 de Abril, 161 — Porto — Telef. 44075.

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

Estabeleça o seu próprio recorde

FAÇA "13" NO

TOTOBOLA

MUNIQUE 72

Pelo
nosso enviado
NEVES DE SOUSA

AMOR... E RECORDES

Depois do juramento Olímpico surgirá juramento de amor?

Munique pôs-me a cabeça em água. Penso em mil coisas ao mesmo tempo, mas sinto a obrigação de arrumar as ideias para as apresentar ao leitor. Ao contrário do que outro qualquer faria, vou começar pelo fim, oferecendo-lhe alguns insólitos destes jogos:

. Oito anos depois, outro holandês consegue uma medalha olímpica de judo. Trata-se de Wilhelm Ruska (futuro genro do antecessor Anton Geesink) que bateu na final o alemão Glahn, de leste. A noiva de Ruska, filha de Geesink, tem 16 anos e chorou imenso na hora do triunfo. **Sensação:** A eliminação do queniano Temu nos 10 000 metros. **Reservo-me para a maratona** — declarou no centro de Imprensa, muito calmo e nada afectado. **O grande o enorme escandalo:** Rey Robinson e Eddie Hart, os americanos dos 100 metros (Hart já igualou o «record» do mundo com 9,9) faltaram aos quartos de final, alegando posteriormente que não tinham sido informados da hora das suas provas. Foi uma bronca terrível no estádio olímpico: o treinador americano Stan Wright ameaçando de murro todo o juri, mas nada fez demover os juízes. Rey Robinson qualificara-se depois de ter vencido a sua série com 10,56 embora com vento favorável. Segundo alguns técnicos, Robinson terminou a corrida com uma pequena distensão. Entretanto nos bastidores, fala-se muito destas ausências, e dão-se muitas explicações um exemplo:

Mark Spitz, o «homem de ouro» dos Estados Unidos, enamorou-se de Heidi Schueller. São constantemente vistos juntos na aldeia olímpica, dizendo-se já que entre ambos nasceu um romance de amor. Pelas expressões do campeão americano nada se pode adivinhar de concreto...

O francês Sarteur afirmou à televisão que tanto Robinson como Hart tinham estado no campo de aquecimento, consigo, e que só faltaram ás provas porque ficaram trânsidos de medo perante o tempo (10,07) do Russo Valeri Borzov que é agora «o homem a bater». Resta um americano nesta compita: e só Robert Taylor (10,16) pode fazer um milagre e evitar uma pequena revolução nos States. Entretanto Mark Spitz inscreve-se para todo o sempre na história dos jogos, mercê das suas 5 medalhas de ouro e dos seus 5 «records» mundiais. Mas, não só por isso (e pelo que ainda conquistará) pois, perseguido pelos mais belos sorrisos femininos, acaba de trocar todos os «flirts» pela bela alemã Heidi Schuller, que é agora companheira inseparável do moreno norte-americano.

O «Registo Internacional dos Cidadãos do Mundo», entidade com sede na Suiça, anda a distribuir comunicados em que, nomeadamente, ataca a organização dos jogos porque «em lugar de aceitar todos os habitantes da terra, recusou a África do Sul por causa do «apartheid» e admitiu os Estados Unidos (apesar de segregação e da guerra do Vietnam) e a Rússia (muito embora os esmagamentos de Budapeste e Praga». Estes «Cidadãos de Mundo» concentram-se aos magotes perto dos acessos aos estadios, distribuindo propaganda e anunciando que boicotarão algumas cerimónias.

Outra bronca: Roy Mortimer, chefe da equipa inglesa do pentatlo moderno, afirmou que **as equipas do bloco de leste drogam-se.**

O grande esquiador austriaco Karl Schranz, garantiu hoje pela TV: **Não há, durante estes jogos, nem só cinquenta verdadeiros amadores.** O Governo indiano mandou que a sua embaixada em Bona proceda urgentemente a um inquérito sobre o que está a passar-se com a sua delegação, porque sabe de fonte fidedigna que alguns dirigentes das suas equipas meteram mulheres nos quartos e obrigaram alguns atletas a dormirem no chão.

O fim: na beira da piscina olímpica (primeira fila durante três sessões, Johnny Weismuller (Tarzan) nem uma vez foi solicitado para dar um autografo.

Anedota mais corrente: «Mark (alusão ao marco e à Spitz) ou o dolar? Quem flutua melhor?

Aos 33 anos de idade, o polaco Witold Woyda (florete) conquista a sua primeira medalha de ouro. Foi à quarta vez que concorreu aos jogos.

torralta
Um lugar para si
Uma sociedade para todos

DL/DOMINICAL — JOGOS OLÍMPICOS

MUNIQUE, CIDADE ABERTA

Saio do hotel e logo ao lado vejo um grande cartaz, que ali tinha sido erguido de noite: «Madchen Die Nach Munchen Kommen», filme de sexo com sete belezinhas cujos nomes estão colocados junto aos pés de cada uma de sete estátuas de outras tantas mulheres nuas que, segundo a propaganda, «são elas mesmas, modeladas em pelo». Os nomes lá estão: Ulrike Butz, Dorith Heuke, Christine Lindberg, Rosy Maur, Elfriede Payer, Marlene Rahn e Ingrid Steeger...

Aliás, devo já salientar que se nota em Munique (talvez no afã de conquistar os marcos dos endinheirados visitantes de meia idade) uma geral tendência para lançar a isca do sexo. Quase todos os cinemas exploram nesta altura esse ramo. Veja-se, por exemplo: «Das Paradies» (no Cine Regina), «Im Rausch Der Sinne» (no Atlantik), «Hausfranem Report2 (no Sonnen). E, para cúmulo, mesmo à beira da cidade Olímpica (que dista uma trintena de quilómetros do centro de Munique) estão a filmar (Olympiade Sex-Film», com Christine Schubert, uma loura de fecgar o Chiado às quatro da tarde.

Mas, descansemos os puritanos: ou os que apenas o são no doce remanso do seus lares, longe das suas curvileneas secretárias. Também temos, por aqui, filmes de outro género: desde «O Concerto de Bangladesh» às «Olimpíadas de 1936», passando pelo inevitável e virtuoso Connery em «Os Diamantes são Eternos». Mas, disso não restam dúvidas, é que o sexo-iman prevalece. Pois que são, afinal, filmes como os que interpreta a dupla Maria Garibaldi-Aurora Nado (que alinham sempre juntas, em histórias concebidas apenas à volta das suas vidas íntimas) que fazem maiores receitas.

Repousemos o espírito dando uma volta por Munique. Venha daí, leitor, dê-me o seu braço e deixe-me conduzi-lo. Vê? Aqui é a Bayestrasse, onde pode comprar o jornal sem falar com ninguém: abra a caixinha de vidro, tira o periódico que lhe interessa, faz o troco do cofre que está aberto e vem embora. Ninguém sabe se pagou, se tirou o dinheiro que lá estava, o que fez: todos confiam em todos. Havia de ser ai, pois claro...

Adiante: gelados (servidos por estudantes em férias), sanduiches que se comem em andamento, tendas de fruta e de flores. Uma limpeza impressionante: que começa no garoto que percorre 50 metros para ir depositar o resto de um cacho de uvas no recipiente municipal.

Estamos agora em Karlsplatz, com o seu «Metro» de escadas rolantes tão íngremes que o nosso, ali perto do chamado pavilhão dos desportos (leia-se local para eleição do rei da rádio) parece um tapete sem declive. Pois, em Karlsplatz, o viajante fica boquiaberto com a ordem: nem um polícia e todos sabem que só devem atravessar a rua quando o sinal for verdade. Nem um dístico a obrigar: mas muitos indicarem, a encaminharem, a aconselhar. Um repuxo belíssimo, com água muito branca que (vejam o desaforo...) até as crianças podem tocar.

Esta é a cidade que nasceu das ruinas da guerra: e, talvez por isso, não vive de saudades nem de lendas.

NO «METRO», OUTRA PROVA DE CONFIANÇA

Erica e Rudolph são meus vizinhos desde ontem. Casaram em Nuremberga e vieram dois dias até Munique. Rudolph é relojoeiro e Erica preceptora de crianças. Encontrei-os, de mão dada, no primeiro almoço do hotel: contra o que se poderia esperar de noivinhos, abalaram de manhã cedo e foram conhecer a cidade. Não falam mais que alemão: mas explicam-se na universal linguagem dos gestos. E, assim, nos entendemos. E, assim eles e eu contornamos Karlsplatz a caminho de Marienplatz.

Montras de vidro em plena rua. Vendedores de amêndoas torradas. Esplanadas imensas, que nenhum escape de automóvel vem poluir. E mulheres em catadupas. Mulheres lindas, espantosamente elegantes. Porém, há um pormenor que aflora de imediato ao indagador: com que idade uma alemã perde os seus vinte anos? E que o salto é muito brusco: dez anos nos vinte e, sùbitamente, queda facial nos quarenta e muitos. Porque, a alemã, adora curtíssimas mini-saias, veste pelo «dernier cri», pinta-se imenso, é impecável no penteado. Assim, conserva a frescura pelo tempo necessário que custa ganhar um marido: e, a partir daí, dá a sensação de conformada, de realizada, de mergulhada no lar e só isso. De facto, a mulher alemã vive toda uma vida até aos 30 e poucos. Erica lembra-se, decerto, disso: está feliz porque casou. E, agora que vem conhecer cidades que só avistara no mapa, sorri com enlevo para o marido e provoca a sua intimidade conduzindo-se pendurada no braço desse operário especializado que cobra 62 marcos por dia de trabalho e tem dois dias de folga semanalmente pagos pele empresa. Por seu turno, Rudolph também não fez mau negócio: Erica tem casa dada pelos pais e recebe do casal, a quem toma conta dos três filhos, coisa como 110 marcos semanais. Ainda por cima é muito atraente e, embora se, não deva cobiçar a mulher do próximo, sempre vos digo que é mesmo uma rapariga de calendário.

Bandeiras, tombola, ar de festa por todo o lado. Gente que veste do modo mais exótico: chapéu à tirolesa, calções à austríaca, botas altas. E, também, entre os forasteiros: saris indianos, quimonos riquíssimos, bivaques orientais, grandes togas e mantos bordados a pedrarias. Um regalo para o olhar.

Em Neuhansetrasse, a imponente igreja a São Miguel Arcanjo, padroeiro da Baviera. Dezassete bronzes, espalhados na fontraria, contam a história do Santo, a sua vitória sobre o mal. Ali (vê, leitor?) é mais uma delegação do Deutshe Bank: as suas montras (inacreditável) são dedicadas a reclamos às principais firmas que ali tem o seu dinheiro...

Kauf Ingerstrasse: saldos de modas mais caros que em muito boas boutiques de Lisboa. Pastores protestantes entoam, cercados por multidões de adeptos, cânticos e melopeias dolentes. E, chegamos a Rosentrasse, de onde, virando para Marienplatz, se choca com o olhar numa das maiores preciosidades de Munique: o seu palácio do Município, com figuras escultóricas em bronze dispostas em três ordens.

Ao meio dia, sempre perante a multidão, os bronzes rodopiam ao som de música.

—«**Vamos lá acima, ao alto da torre** — explica-me, por sinais, o par de enamorados.

Digo adeus e mergulho no «Metro». Ninguem me pede bilhete, ninguém pede bilhete a ninguém. As portas estão francas: só umas máquinas, frias e insensíveis, esperam a honestidade do utente desse serviço público. Estendo a moeda de um marco e recebo o bilhete. Sou eu próprio que o introduzo noutra máquina que o inutiliza. Mas, mesmo ao meu lado, entra um inaválido que não precisa de bilhete para se servir de um bem da comunidade.

Odonsplatz, Universitat, Giselastrasse, Freiheit, Bonner Platz Scheidplatz, Petuelring. A caminho do Olympiasentrum, penso em tudo isto que estou vendo aqui: e nada, absolutamente nada, tem a ver com coisas que o leitor também conhece.

OLÍMPICO PORTUGUÊS PRESO POR FURTO.

Munique, 3- (Do nosso enviado-especial, Neves de Sousa)- Só faltava mais esta: o remador português Carlos de Oliveira foi preso pela policia de Munique porque surripiara num armazém uma camisa. O acontecimento, (que a delegação portuguessa tentou furtar ao conhecimento geral) é já tema de todas as conversas.

Sucedeu que Carlos de Oliveira, como todos os colegas, tem andado a passear pela cidade (que fica distante uns 30 quilómetros da sua residência na vila Olimpica). Entrou num armazém, comprou algumas coisas e, subrrepticiamente, «abafou» uma explêndida camisa. Só que alguém viu: quem reparou foi um dos fiscais da casa que, depois de ter sido «Sacudido» pelo remador, conseguiu deitar-lhe a mão e entregá-lo à polícia.

Carlos de Oliveira, que passou umas horas preso, só foi liberto após intervenção consular: recolheu (fechado) ao seu quarto na aldeia olímpica seguindo hoje, Domingo, para Lisboa (via Francfurt). Um tremendo escândalo que (finalmente) torna Portugal noticia nestas olimpiadas.

torralta

Do sol à neve
Um turismo
de quatro estações

MINIGENTE JOGA MINIFUTEBOL

Por FERNANDO MONTEIRO

Por iniciativa da A. F. Lisboa e sob a égide da D. G. D., está em curso e durará até meados de Setembro um torneio de mini-futebol que envolve algumas dezenas de miúdos, na sua quase totalidade da zona onde o mesmo decorre.

Referimo-nos, como o leitor já deve ter calculado, ao que se está a passar na Praia do Rei, ali perto da Costa da Caparica. Estivemos lá para observar, analisar, criticar e comentar.

Eram 9 e 30 da manhã, estava-se na baixa-mar, e nada de futebol. Pensámos que algo tivesse acontecido que impedisse a realização dos encontros. Pertences do jogo, apenas as balizas deitadas sobre a areia. Nada apurámos nessa altura, pois não apareceu alguém que nos elucidasse, e as horas foram passando.

A maré subiu e tornou de novo a baixar. Até que, seriam 16 e 30, vimos surgir dois homens com sacos. Imediatamente surgiu um miúdo de braçadeira amarela e boné da mesma cor. Miúdo atrai miúdo, e logo outro apareceu com identificação vermelha, e outro ainda, sem identificação, estilo .do «pendura» que pretende dar uns toques.

Dos sacos saíram bolas, camisolas de várias cores, cordas, paus, bidões para água, etc. Saltou uma bola, o «banheiro» colaborou e deu também uns pontapés, a autoridade marítima aceitou o «aquecimento», e começou a montagem do cenário para que o futebol fosse realidade.

Maré baixa, a natureza deu os campos; espetaram-se paus, esticaram-se cordas para a vedação, levantaram-se as balizas, apareceu uma enxada e as marcações do campo ficaram feitas. Os tais dois homens (não queremos chamar-lhes senhores nem sequer funcionários) de tudo trataram, com visível prazer...

Foram aparecendo caras conhecidos dos rectângulos de futebol. Ex-praticantes, alguns internacionais, que se confundiam com a garotada, ensinando, aconselhando, vigiando. Não vamos mencionar nomes. Eles têm estado lá, em férias, e durante algumas horas por dia esquecem a família e seus outros prazeres para se dedicarem aos miúdos que num amanhã, quem sabe?, podem atingir plano de relevo, o mesmo dos seus ídolos de hoje e de ontem, agora ali presentes e seus mestres.

Dois professores de educação física colaboram. O seu papel é demasiado passivo, ao que observámos, talvez por não conhecerem os pormenores técnicos da modalidade. E aqui ocorre uma pergunta: Porque não dar ao futebol os homens do futebol? Muitos há que certamente apareceriam se fossem abordados. Porque é do conhecimento de todos que a grande parte dos nossos futebolistas goza as suas férias na praia, (onde de quando em vez se entretêm a dar uns chutos), melhor que ninguém eles poderiam dar o seu contributo. Até poderiam informar as suas Associações do local para onde se deslocassem e assim haveria maior possibilidade de organizar o mini-futebol. Isto não é novo, porquanto temos conhecimento de que os grandes futebolistas alemães fazem precisamente aquilo que aqui acabamos de ventilar.

Assistimos a três jogos, mas dedicámos mais tempo ao que opôs amarelos a encarnados. E para que conste, informamos que foram os últimos que venceram esse encontro. Por quantos, nem vem ao caso. Poir vimos verdadeiras intuições para a modalidade, constatamos pormenores técnicos muito aceitáveis, vimos um guarda-redes a saber sair dos postes, um rematador a meter a bola no sítio ideal, outro ainda a fazer fintas para se livrar dos seus opositores. Mas a verdade é que houve um «amarelo» que nos satisfez imenso: com boa «pinta» técnica, ele sabia exactamente o que se deve fazer num jogo de futebol. E, ao que constou, filho de antigo jogador.

E, claro, como em toda a parte, apareceram os «cepos». Mas também assistimos (e quanto lamentamos ter de o citar) a actos de puro vedetismo, de indisciplina, de mão no ar pronta ao bofetão, tudo isto sob o olhar tranquilo do professor, que até deixava que o ar fosse cortado por frases ofensivas entre componentes da mesma turma por via de um golo sofrido.

Curioso é que as partidas mais ordeiras foram as que decorreram sob a orientação dos «homens da bola». E também assistimos, contristados, a uma cena nada edificante: um jovem de 12 anos (soubemos depois a sua idade), maço de tabaco e fósforos na mão esquerda, cigarro petulantemente entalado entre os dedos da mão direita; braçadeira e boné identificativos, portanto já «equipado». E não houve quem lhe fizesse ver o despropósito da atitude. Aqui o princípio, talvez, de uma «vida» que se pretende banida. Mas provàvelmente (se não se ensinar os jovens desde já) continuará a dizer-se que o futebol português **está cheio de tabaco**.

Há que acarinhar as iniciativas deste género, desenvolvê-las, estruturá-las convenientemente. Mas também terá, para que o esforço resulte, de lhes impor disciplina, obrigar os jovens a habituar-se ao respeito mútuo...

Praia do Rei. Tudo de ensaio para futuras iniciativas do futebol, às quais se poderia seguir a utilização dos terrenos baldios das grandes cidades, numa tentativa de regresso aos «bons velhos tempos» em que o **pé descalço** e a **trapeira** eram cenário de onde surgiram grandes valores para a modalidade.

Mais: se há que captar jovens para a prática deste desporto, não poderiam os clubes aderir e franquear as portas dos seus estádios e ceder um sector à miudagem que domingo a domingo mendiga uma entrada de favor? A tentativa já foi iniciada, mas parece ter caído no olvido. Será a altura de a renovar...

Praia do Rei. Experiência que desejamos frutifique, seja aproveitada e ampliada. Mas que não se confine apenas a esta localidade perto da Costa da Caparica.

RUGBY EM COIMBRA

DISSIDENTES DA ACADÉMICA FORMAM EQUIPA DO UNIÃO

A partir da época que em breve se inicia, o União de Coimbra vai apresentar pela primeira vez uma equipa de rugby a disputar um campeonato federado.

A notícia, só por si, não teria significado de maior — a não ser, claro, que o rugby continua no seu caminhar firme de conquista de novos adeptos e praticantes. O que é de registar com agrado.

Contudo, o facto de o União de Coimbra passar a dispor de uma secção de rugby com duas equipas (uma senior e outra júnior), ultrapassa de longe esse simples significado e vem inserir-se num outro contexto de alcance mais vasto: a contestação que o desporto na Associação Académica vem a sofrer nos tempos que correm.

Mas vamos à história do aparecimento de «rugbistas» no popular União, por sinal uma história curiosa.

UM CERTO DESPORTO DE ÉLITE

— **«A secção de rugby do União começou a ser formada em Março deste ano, tendo sido inscrita oficialmente em 14 de Abril»** — começou por afirmar o presidente da referida secção José Coelho, um dos cinco jovens atletas da A.A.C. que, em desacordo com a orientação do rugby no grupo dos estudantes, foram bater à porta do União, que os recebeu de braços abertos como sempre recebe quem quer praticar desporto — sejam estudante ou não.

— **«Foram duas as razões que nos levaram a tal atitude: o desagrado que nos causava o desporto de élite que se praticava na Académica, e o mau ambiente que na verdade existia naquela secção. Daí, que tivessemos vindo junto do clube dos «futricas» que, na altura dirigido pelo dr. Octávio Chau, nos recebeu muitíssimo bem, dando-nos todas as facilidades para formarmos uma secção onde toda a juventude de Coimbra pudesse praticar rugby».**

PRIMEIROS PASSOS

Já depois de se encontrarem «sob a égide» do União, os cinco dissidentes constituíram uma equipa de trabalho e iniciaram as «démarches» necessárias para a ideia ir para a frente:

— **«Começamos por fazer a nossa propaganda, quer através de folhetos, quer através de notícias publicadas na imprensa local. Seguidamente, como acontece com qualquer equipa que começa, fomos pedir auxílio a entidades oficiais, iniciando a nossa campanha pela Câmara Municipal de Coimbra, que, através do seu presidente, eng. Araújo Vieira, compreendeu perfeitamente a justiça do nosso pedido, prometendo desde logo um subsídio. Oficiámos também para o Fundo de Fomento do Desporto, mas o nosso pedido de início, não mereceu aprovação, embora nós saibamos que em Setembro vai ser novamente estudado. Aliás, é com enorme ansiedade que esperamos a resolução do F.F.D., pois esse subsídio será como que a mola real da nossa secção.**

E a terminar este capítulo:

— **«É claro que nós não iremos ficar por aqui. Bem pelo contrário, daremos voltas à imaginação para conseguir ir avante com a secção, de molde a podermos receber todos os jovens conimbricences que gostem e queiram praticar rugby. E o clube, compreendendo perfeitamente a sua missão, está a ajudar-nos fantàsticamente, não só pondo à nossa disposição todas as suas instalações e equipamentos, mas aceitando também a hipótese de aumentar num escudo as contas dos associados, quantia que reverterá inteirinha para a secção de rugby».**

CAMINHO CERTO

Resolvidos os primeiros problemas de ordem burocrática, o velho campo da Arregaça preparou-nos para receber os primeiros «rugbistas»:

— **«Depois da propaganda que fizemos, abrimos os treinos. Podia vir quem quisesse. E passados quinze dias o êxito da nossa campanha era evidente: 45 atletas estavam já inscritos, encontrando-se entre eles jovens de todas as categorias sociais».**

Aqui, abra-se um pequeno parêntesis: o rugby, no nosso país, de um modo geral, é praticado apenas por estudántes. Uma olhadela ao nome da meia-dúzia (mais ou menos, claro) de clubes praticantes da modalidade não deixa dúvidas: Direito, Económicas, Agronomia, Regentes Agrícolas, Medicina, Académica... Agora, o União vem juntar-se às outras (poucas) equipas existentes que não são feudo de estudantes, ajudando de certo modo como que a uma «democratização» da modalidade.

— **«Entre esses 45 elemntos de que falei há bate-chapas, empregados de escritório, e jovens de muitas outras profissões. Claro que também há estudantes, e não são poucos, pois só da Académica, além dos cinco fundadores já referidos, vieram mais cinco juniores e 10 seniores.**

CAMPO RELVADO PROBLEMA MAIOR

Como acontece com a equipa de futebol do popular clube de Coimbra, também os responsáveis pelo rugby sentem a falta de um campo relvado onde possam efectuar os jogos:

— **«Neste momento o nosso problema básico é o campo. Na realidade, temos o da Arregaça onde treinamos três vezes por semana, sempre à noite, para que todos possam estar presentes. Porém, o piso já de si é mau e para a modalidade, um pouco violenta, é péssimo. Já fizemos várias diligências no sentido de obter autorização da Reitoria da Universidade para efectuar os jogos — repare-se: sòmente os jogos — no Estádio Universitário. Contudo, a resposta lacónica da Secretaria da Universidade, foi negativa.**

E com um certo ar de tristeza, José Coelho, que fez o sétimo ano e se prepara para entrar na Universidade, comentou em jeito de desabafo:

— **É claro que não poderemos deixar de comparar o que se passa em Coimbra e em Lisboa no que diz respeito à utilização do Estádio Universitário. Toda a gente sabe que em Lisboa até equipas de profissionais de futebol treinam naquele estádio, bem como equipas de estudantes não universitários, ao passo que em Coimbra, apesar de existirem três campos relvados, é o que se vê. Nem um nos foi cedido para jogar!**

ASPIRAÇÕES

Apesar de estreante nestas andanças de campeonatos federados, o clube da Arregaça tem umas certas aspirações.

— **«Para já o nosso treinador é o Tony, jogador internacional da Académica, que, posso até adiantar é possível venha a jogar pelo União. Pois bem, o Tony, depois dos primeiros contactos com os jogadores de que dispõe, afirmou claramente que é de pensar subir à 1.ª Divisão. Ora, o Tony é um dos elementos mais credenciados do rugby português e, portanto, deve ter falado com conhecimento de causa. Pela nossa parte tudo faremos para que isso aconteça, pois seria extremamente agradável que a nossa passagem pela 2.ª Divisão, que vamos disputar este ano, fosse meteórica».**

Cinco Fundadores

Os cinco dissidentes da secção de râguebi da A.A.C. que vieram para o União de Coimbra fundar igual secção são todos estudantes, com a particularidade de um deles se ter licenciado em Medicina em Julho. Vejamos: Paulo Águas — aluno do 3.º ano de Medicina; José Manuel Brás Cardoso — licenciado em Medicina; Joaquim de Oliveira — caloiro de Medicina; José Coelho — fez o 7.º ano dos liceus; Rui Abrantes — aluno do 4.º ano de Direito.

JOÃO ARANHA:

A CUF ESTÁ CONFIANTE

Entrevista de **JOAQUIM GALRITO**

Em vésperas de nova época futebolística, dão-se os últimos retoques na preparação das equipas. A CUF não foge à regra, não só a pensar no Campeonato Nacional, mas também, e principalmente, nas provas europeias que se avizinham.

Quando se fala na CUF, logo se pensa nas suas fortes estruturas, bem apoiadas por um complexo fabril, (dos mais importantes do nosso país) o que dá origem a uma estabilidade financeira tranquilizante e a uma garantia de poder acompanhar, sem receios, a intensa evolução do profissionalismo no futebol, que tem levado à ruina muitos dos clubes que se «metem em futebóis»...

O tema com que iniciamos a nossa conversa com João Aranha, dinâmico presidente do grupo fabril, foi precisamente sobre as vantagens que o clube tem em relação aos congéneres, em virtude de possuir tão grande apoio financeiro.

— **«Neste capítulo penso que o G. D. da Cuf, é de entre todos os clubes portugueses, o mais evoluído e de maior estabilidade. São bem conhecidas as minhas reticências após tantas entrevistas que tenho concedido, àcerca do futuro do futebol profissional, sobretudo para o caso português, onde o entusiasmo do adepto não se traduz nas bilheteiras dos estádios. A solução para o «déficit» que o futebol profissional acarreta para todos os clubes, só se poderá encontrar no apoio dos «mecenas» ou de empresas com vista à publicidade dos seus produtos. Ora a Cuf já nasceu com esta estrutura há 34 anos e a passagem dos jogadores do seu plantel a profissionais da modalidade (ainda que ligados à empresa por outros serviços), não causou qualquer problema uma vez que foi produto de uma planificação a longo prazo. Poderá parecer que estou a ser imodesto, mas entendo que o tempo dos idealismos já lá vai.»**

«O G. D. da Cuf, serve e serve-se da empresa que o apoia, exactamente como outros clubes se servem das entidades particulares, ou de outros meios lícitos para cobrir os seus «déficits» nas tesourarias. Somos portanto um clube ecléctico, com objectivos especiais, que transcendem os de muitos outros, e com uma equipa profissional de futebol porque podemos mantê-la. Esta é a verdade do nosso grupo.»

Mudámos de assunto, para falarmos nas provas europeias que para a CUF começam já no próximo dia 20.

— **«Participar nas provas europeias é sempre uma honra e é sempre agradável, pois isso corresponde a uma classificação de mérito obtida no campo desportivo, na época anterior. Constitiu como que uma recompensa para o trabalho realizado e para os reflexos positivos desse mesmo trabalho.»**

A CUF sente-se portanto honrada por tomar parte na prova e consciente das responsabilidades que isso representa.

— Como encara o clube o problema financeiro que concerteza irá surgir com a participação na prova?

— **«Quanto ao aspecto financeiro, estou convencido (através do que leio e do que ouço) que a participação das equipas portuguesas nessas provas (excepção feita ao Benfica e eventualmente ao Sporting e Porto) acarretam prejuizo.»**

«Sobre as razões que conduzem a tal conclusão poderíamos especular durante dias mas cito-lhe apenas um exemplo: as equipas espanholas que agora defrontámos, obtêm no campeonato Nacional da 3.ª divisão daquele país receitas anuais da ordem dos 12 milhões de pesetas! Cá nem todos os anos o Benfica consegue essa verba na 1.ª divisão. Portanto estamos preparados para a hipótese da nossa entrada na taça UEFA 72/73 redondar em prejuizo financeiro; a menos que, tal como há alguns anos, nos calhe em sorteio um clube conhecido, com força de bilheteira (isto no caso de passarmos a 1.ª eliminatória) como aconteceu quando recebemos o Milão, de modo a poder salvar-se o prejuizo anterior. No entanto creio que, indirectamente, o eventual prejuizo poderá ser compensado se a equipa corresponder, não se ficando pela 1.ª eliminatória, já que isso poderia arrastar possíveis contratos para jogos particulares, no futuro.»

— **«Dada a circunstância de o nosso adversário, contribuir com 3 dos seus jogadores para a selecção belga, que defronta no dia 4 de Outubro a Noruega para o mundial, não foi possível marcar o 2.º jogo para o feriado de 5 de Outubro. Tivemos portanto, que aceitar o jogo no Barreiro para as 17 horas do dia 27 de Setembro, uma vez que não dispomos de iluminação e há que prever a possibilidade de um prolongamento. É inegável que este factor deverá acarretar a perda de pelo menos metade da receita que poderíamos obter se o jogo se disputasse à noite ou em dia feriado. A menos que os sócios e simpatizantes do clube, e os adeptos do futebol... (Mas existirão adeptos do futebol, em Portugal, ou estará bem explicada a diferença de entre os 5 e os 5 000 contos de receitas que há nos clubes da 3.ª divisão de Portugal e Espanha?)»**

— Pensa que as equipas portuguesas poderão passar desta fase inicial das diferentes provas em que participam?

— **«Parece-me que as equipas portugusas, em geral entram na prova menos rodadas que os seus directos adversários, o que, julgo ser já um péssimo começo e pior ainda porque o problema já se vem arrastando há várias épocas.»**

«Pela nossa parte, e depois de um proveitosos estágio no INEF no início da preparação, aproveitámos a oportunidade de deslocar a equipa a Espanha para defrontar adversários que embora de técnica inferior à nossa, correm sempre e lutam por um resultado a seu favor. Pensamos que esses encontros devem ter dado ao treinador elementos necessários para cumprir a sua difícil tarefa de modo a que no dia 20 em Bruxelas os nossos rapazes possam dar uma ideia mais exacta da sua real valia. Pessoalmente estou convencido que a CUF pode eliminar o 1.º adversário se jogar ao nível das suas melhores exibições do ano passado. O difícil é saber se está em condições de o fazer.»

Não foi por mero acaso que a Cuf na época passada foi o 4.º classificado no Campeonato Nacional. O grupo fabril possuindo um conjunto muito coeso será capaz de repetir a proeza, pois que não houve mexidas, perceptíveis, na sua equipa.

João Aranha vaticinou o que se poderá passar nesta época 72/73.

— **«Esperamos cumprir uma boa época, sem sobressaltos. No entanto prevejo que as dificuldades vão ser superiores às do ano transacto, pois creio adivinhar que o próximo campeonato vai ser muito equilibrado a todos os níveis da escala classificativa. Quanto à possibilidade de alcançarmos uma classificação igual ou superior à do ano passado não depende só de nós mas também do apuro técnico dos adversários. Na época 71/72, a Cuf foi de facto a 4.ª melhor equipa do nacional, se não mesmo a 3.ª melhor, porém não posso prever o que acontecerá este ano, embora as condições de trabalho sejam as mesmas. Quanto ao vencedor não vejo o Benfica como campeão crónico, pois o futebol é um jogo e como tal de resultados imprevistos. No entanto os seus trunfos são enormes porque possui, inegàvelmente o melhor plantel, e sem dúvida nenhuma a melhor estrutura e organização. Mas pode ter concorrentes, pois acho que ainda não estão definidas as posições de alguns clubes, parecendo-me que o V. de Setúbal poderá ter uma palavra a dizer assim como os outros «grandes»: Porto e Sporting.**

«Como «out-siders» poderão ainda estar o V. de Guimarães e a Cuf.»

TELEFUNKEN

num televisor TELEFUNKEN verá com tanta nitidez os Jogos Olimpicos em sua casa que pode chegar a ter a ilusão que o facho lhe pega fogo aos reposteiros.

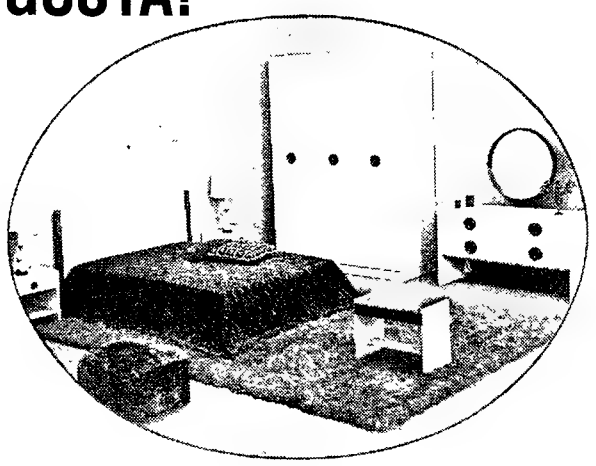
AEG

TELEFUNKEN

AEG-TELEFUNKEN PORTUGUESA, SARL

BELARTE

GOSTA?



ENTÃO DECIDA-SE!

pois já restam poucos dos magníficos andares de 2,3 e 4 assoalhadas acabamentos de luxo

em

SANTO ANTÓNIO dos CAVALEIROS

desde 280 contos

junto à placa da Flamenga

VEJA NO LOCAL O ANDAR MODÊLO

UM EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA:

SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA

ROSSIO, 74-3.º tel 35438/366257

SPOC LISBOA

Horus

RAUL LOURENÇO LAPA

QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

CARROS USADOS

EXPOSIÇÃO DAS 9 ÀS 24 HORAS

ATÉ 15 DE SETEMBRO

CONDIÇÕES ESPECIAIS COM OFERTA DE EXTRAS NA

AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO, S.A.R.L.

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8, 8-C e 8-D (ao Areeiro)

Tels. 718607 - 727654 - 727665 - 713057

AGENTE OFICIAL VOLKSWAGEN

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

PARA O PERÍODO DE 3 A 9 DE SETEMBRO

horóscopo

pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Aprenda a dominar os seus impulsos, se quer governar o seu destino. Aprenda a dirigir inteligentemente a sua vontade, porque será responsabilizado pelos erros que ela o fará cometer. Paciência e tempo fazem mais do que a força e desespero!

AMOR: Procure compreender bem os sentimentos que lhe demonstrarem tanto os seus familiares e amigos, como a pessoa eleita pelo seu coreção. Deixe falar o coração e esqueça o passado; a felicidade depende da sua atitude.

DINHEIRO: Só o esforço pessoal deve contar para alcançar os fins que pretender. Medite bem antes de assumir qualquer compromisso e resista à tentação de gastar além do que o seu orçamento comporta.

PROFISSÃO: Esteja atento à direcção que pretenda tomar em referência à profissão, pois uma atitude imponderada pode tarzer-lhe prejuízos e grandes dissabores.

SAUDE: Estará satisfatória, mas evite abusos da alimentação que lhebfor prejudicial.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Espere o êxito das suas empresas, contanto que saiba afirmar o que é verdade e querer só o que é justo!

AMOR: Para que não haja complicações de maior e tudo decorra num clima tanto quanto possível harmonioso, dado que a sua posição astrológica neste período não é muito privilegiada, não se mostre demasiado intransigente com os que o rodeiam. Mantenha uma certa reserva nos meios de convivência habitual.

DINHEIRO: Período pouco satisfatório quanto ao seu sector económico. Possibilidades de maiores despesas do que de receitas.

PROFISSÃO: A ideia de uma sociedade avoluma-se no seu cérebro. Todavia, não é indicado fazê-la por ora. Necessário se torna é desenvolver o seu trabalho, contando só com os recursos pessoais.

SAUDE: Em meados da semana há fortes possibilidades de decl0nio na saúde. Tome cuidado!

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA Vencendo a sua natureza esmagará as paixões e defeitos e as suas esperanças serão realizadas!

AMOR: No domínio amoroso a disposição tem propensão para a exaltação. Nas suas expressões sentimentais proceda com mais amabilidade, e no convívio doméstico seja acessível e contemporize. Amigos e parentes talvez não façam exactamente o que espera deles. Seja como for não inquiete os seus.

DINHEIRO: Período em que as possibilidades de perder são maiores do que as de ganhar. A semana é ilusória quanto a dinheiro. Assim, as esperanças que alimentar quanto a recebimentos ou a lucros não se confirmarão.

PROFISSÃO: Os assuntos de ordem profissional dependerão quase exclusivamente da sua iniciativa e vontade. Todavia, é de atender o conselho de alguns amigos que procurarão orientá-lo no caminho do êxito.

SAUDE: Período normal sob o aspecto físico, apenas com fracas possibilidades de registar alguma excitação.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

CONSELHO DA SUA ESTRELA: O seu futuro balanceia entre o bem e o mal. Consulte o espírito da verdade e da justiça eterna e tome cuidado de não provocar a justiça humana. Guarde silêncio sobre os seus pensamentos, a fim de não os entregar às contradições dos homens!

AMOR: A influência astral que incide neste período sobre o seu tema zodíacal, suscitará certos contratempos no campo dos seus projectos de natureza sentimental, com reflexos nefastos no seu estado de espírito. Use de calma e controle os impulsos.

DINHEIRO: No domínio financeiro as suas condições económicas estão pouco favorecidas, no entanto, poderá conseguir algumas vantagens através de empreendimentos referentes a «líquidos» ou de pequenas deslocações.

PROFISSÃO: A normalidade nos assuntos profissionais tende a diminuir. Será aconselhável que procure orientar com inteligência e ponderação, toda a sua vida profissional. Adapte-se às circunstâncias, pois de nada valerá exasperar-se contra os insucessos.

SAUDE: Durante este período, procure desviar-se dos pensamentos sombrios, e nada de péssimismos exagerados. Durma bastante, alimente-se de maneira racional, e sobretudo, evite a fadiga mental.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

CONSELHO DA SUA ESTRELA: Lembre-se que a prudência é a armadura do sábio. A circunstância faz evitar os escolhos e pressentir as traições. Tome-se por seu guia em todos os seus actos. Lembre-se sempre de que, se a palavra é de prata, o silêncio é de ouro!

AMOR: Observa-se uma particular vibração favorável aos esforços idealísticos. O amor, as aventuras galantes, as novas amizades, tudo isto será favorecido. As mudanças ou qualquer alteração que pretenda introduzir em casa serão bem sucedidas.

DINHEIRO: Há fortes possibilidades de auferir uma melhoria de vida ou de situação económica por um acontecimento inesperado. Período propício às sucessões.

PROFISSÃO: Altura propícia para desenvolver e fazer progredir a sua posição. A boa inspiração de que desfrutará o seu espírito no decurso desta semana muito contribuirá para que os seus assuntos profissionais sejam bem favorecidos.

SAUDE: No que diz respeito ao capítulo físico será aconselhável que durante esta semana use de especial cuidado com possíveis perturbações do coração.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

CONSELHO DA SUA ESTRELA: Se sabe querer o verdadeiro, o que fôr justo; se ousa obter o possível; se perseverar calado em seus esforços, achará um dia em suas mãos a chave da fortuna!

AMOR: Tenha cuidado com toda a sua actividade amorosa, pois os astros revelam a possibilidade de prejuízos por motivos sentimentais. Evite o que for secreto, na sua vida, para não sofrer incompreensões.

DINHEIRO: Os resultados monetários que espera alcançar serão adiados. Não confie em promessas e não se permita excessivos gastos.

PROFISSÃO: Atingirá o fim a que aspira, mas use de discreção. Se for mais demoradamente perseverante a sua tenacidade levá-lo-á ao sucesso. Vença a inércia e o desânimo e satisfaça os seus compromissos profissionais.

SAUDE: Convém que controle convenientemente a sua saúde, não se esforce muito em busca de prazeres e alegrias.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Sacrifique-se por outrem, mas não espere senão ingratidão da humanidade. Não expire sem perdoar aos seus inimigos. Sacrifique-se e perdoando, obterá progresso e paz!

AMOR: Semana em que terá de enfrentar algumas contrariedades, a volta dos seus problemas de ordem sentimental. Perante os aborrecimentos e complicações que surgirem, será conveniente que não perca a calma, e proceda com moderação nos impulsos da sua vontade.

DINHEIRO: Haverá possibilidades de uma maior compensação. Isto é, depois de bastante labor e por vezes luta, atingirá os seus próprios financeiros.

PROFISSÃO: Aceire as responsabilidades que lhe couberem. Poderá haver ocasião em que as circunstâncias não se mostrem favoráveis ao cumprimento dos seus deveres. Mas levará vantagem se se conformar com elas e esperando que as influências voltem a ser melhores.

SAUDE: Acautele-se porque está sob as influências que podem originar acidentes.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: A fatalidade cairá sobre aqueles que se deixam dominar pelas ilusões da matéria. Conheça-se a si mesmo. Seja reflectido, calmo e perseverante, que se elevará. Seja firme como a água quando cai gota a gota sobre a pedra, que chegará ao cúmulo dos seus votos!

AMOR: É provável que tenha de enfrentar um certo descontentamento por as suas disponibilidades não estarem à altura dos seus projectos em relação ao lar. Neste período todas as contrariedades filiam-se em desejos de difícil realização e desilusões no amor.

DINHEIRO: As suas condições económicas também se encontram pouco favorecidas, no entanto, poderá conseguir algum lucro através de pequenas empresas.

PROFISSÃO: Na actividade do dia-a-dia tudo decorrerá pouco animado. Se não usar de prudência em todos os seus actos, arrepender-se-à. Não aceite comparticipar em negócios ou empresas perigosas e incertas.

SAUDE: Durante o presente período terá tendências às enxaquecas e ao nervosismo.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: O imprevisto ameaça obscurecer a sua prudência e a adversidade destruirá os seus sonhos do porvir, se a sua vontade não puser um freio às suas paixões.

AMOR: Aproveite as boas influências para fazer aproximações e para expor os seus pontos de vista aos seus familiares. Este é um bom período para as sociedades conjugais e para os seus assuntos íntimos.

DINHEIRO: Aproximam-se boas oportunidades. Não dê largas aos seus desejos. Se solicitarem o seu auxílio, lembre-se de que não é oportuno concedê-lo.

PROFISSÃO: Mostre-se durante este tempo como nos seus melhores dias. Deixe que os seus associados tomem decisões e haverá bom entendimento mútuo.

SAUDE: Semana de boas influências no que diz respeito à saúde, que será portanto normal.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Marcha para a sua perda se não subjugar o seu orgulho e as suas imprudências!

AMOR: Corre o risco de os seus sentimentos serem mal interpretados. Evite as aventuras amorosas. Os assuntos familiares decorrerão normalmente. Aceite tudo com filosofia, conservando-se senhor de si.

DINHEIRO: Os assuntos financeiros atravessam um período de influências insignificantes. Tem todo o interesse em equilibrar convenientemente o seu orçamento, contrabalançando os ganhos com os gastos.

PROFISSÃO: Os interesses profissionais não darão satisfação. O actual aspecto adverso concede dificuldades. As ideias e projectos que trás em mente não é oportuno neste momento pô-los em prática. Não faça alterações nem se desloque nesta altura.

SAUDE: Estado um tanto excitado, motivado em grande parte pelos seus afazeres profissionais e a ânsia de obter bons resultados. São de temer infecções.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Serão transformadas as condições em que vive. Lembre-se que as coisas terrenas são transitórias e que as mais altas potências são cortadas como a erva dos campos!

AMOR: O período é de romance. Os seus sentimentos serão mais demonstrativos e inclinados para a afectuosidade. Porém, se o seu amor-próprio for tocado, responda arrebatadamente, domine-se.

DINHEIRO: Lentamente irá auferindo o que deseja. Não corra e seja comedido nas despesas. Observa-se uma forte tendência para desprezar os métodos de eficácia comprovada, para preferir outros apenas aparentemente mais eficazes.

PROFISSÃO: As viagens empreendidas em missão profissional, desde que sejam preparadas com calma, darão resultado. Não colabore ou trate de nada que seja duvidoso para não ter de debater-se com situações embaraçosas.

SAUDE: No capítulo físico o período será normal, apenas poderá ter momentos de excitação sem importância de maior, característica afinal do seu temperamento.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Será feliz e ninguém poderá roubar-lhe a felicidade, se a encerrar no círculo conjugal e no santuário do seu coração!

AMOR: Eleve os seus sentimentos e livre-se de tentações comprometedoras, ou sofrerá desgostos. Considere os desejos da família. Reflicta bem antes de exprimir os seus sentimentos, porque da escolha das suas relações depende a sua felicidade, futura.

DINHEIRO: A semana nem é má nem é auspiciosa em matéria de finanças, contudo, se agir com rapidez algo conseguirá realizar. Tudo depende, em parte de si.

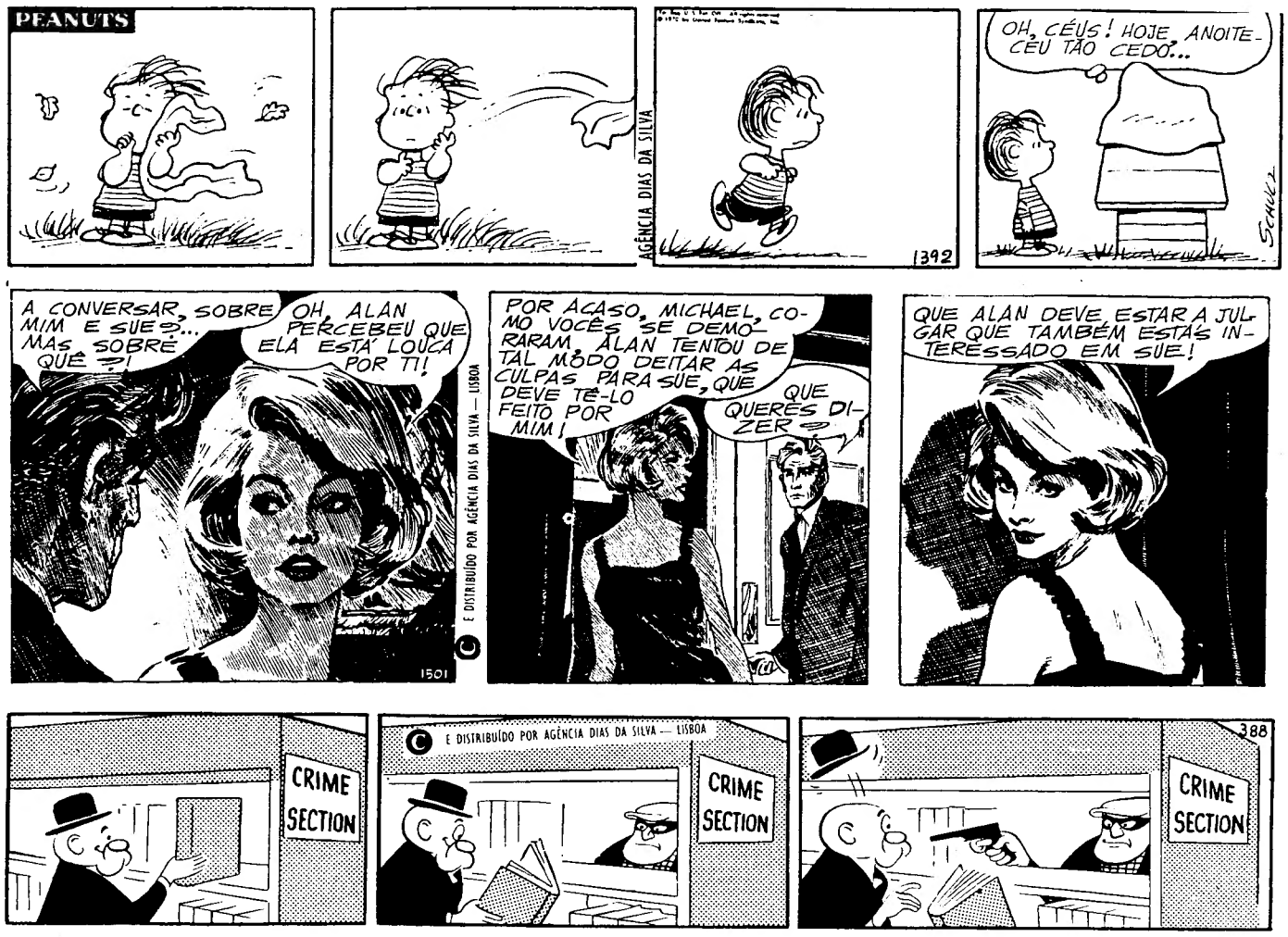
PROFISSÃO: Os seus assuntos profissionais reclamam maior vigor do que aquele que normalmente usa para os tratar. Mas não tire conclusões apressadas. É possível que sinta desejos de apressar-se, indispondo-se com os que não forem capazes de acompanhar o seu ritmo.

SAUDE: Será preciso muito cuidado para evitar desastres e ferimentos. Não se exceda e procure levar uma vida normal e calma, sobretudo durante os primeiros dias da semana.

EMÍLIA BRAVO

A PÉROLA E A VOZ

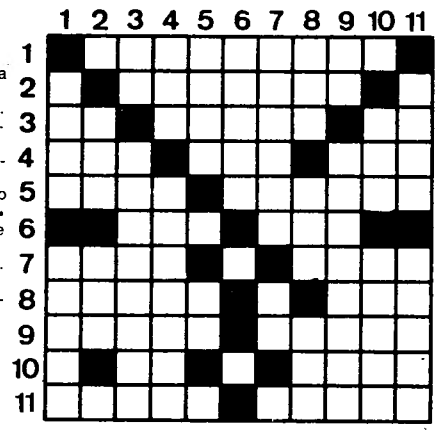
E de repente, há tempos, numa página de jornal, dei de caras — e um modo de dizer — com alguém que não sei onde mas à mesa, durante a refeição, abriu uma ostra e encontrou uma pérola. E a ostra não fora, claro está, metida em lata nem atravessara o mundo com a sua doençazinha de cultura para encantamento de um aventureiro qualquer, em sua casa, de pantufas. Não, ela fora uma ostra normal embora doente, e o mal de que sofrera era mesmo precioso. E digam lá que a sorte é uma história e que o nosso destino somos nós que o traçamos, digam lá uma coisa dessas. Aquele homem, sentado à mesa não sei em que cidade de que país acordou-me na memória a recordação de uma mulher que um dia, na minha infância, encontrou um diamante dentro dum peixe. Não, não é história, é que encontrou mesmo. Era uma mulher, por assim dizer, especializada em encontrar coisas inesperadas e importantes. Coisas e pessoas. Um brilhate no corpo dum peixe vulgaríssimo, uma nota grande aos seus pés, na rua, uma herança de alguém que havia vinte anos ela julgava morto e pobre, algures, nas Américas. Um dia, por acaso, achou também, ao telefone, uma voz. Levantara o auscultador para fazer uma ligação e a voz dissera não sei o quê. Conheceram-se, casaram, foram muito felizes. Ela não procurava, não caminhava, não olhava sequer em redor. As coisas e as pessoas vinham ter com ela. Seria o tão falado e anunciado magnetismo pessoal? E creio que sim, que era.



palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10184



HORIZONTAIS:

1 Fixariam.
2 Artigo definido. Rio da América do Norte.
3 Vê. Diminuta. Nota musical.
4 Pronome pessoal. Acrescentei. Sustento.
5 Suga o leite materno. Aconteça.
6 Mau cheiro. Festa do Ano Novo ou «festa de todos» para o qual os negros se cotizam.
7 Bebida usada no Perú. Rijo.
8 Içara. Chiste.
9 Defesa de elefante e de outros animais. Nivelem.
10 Basta. Letra grega.
11 Ateada. Safas-te.

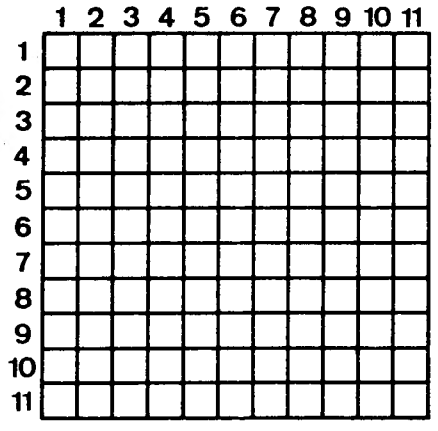
VERTICAIS:

1 Acolá. Sã.
2 Rei de Israel. Olá.
3 Prefixo de privação. Vila e sede de concelho (Porto).
4 Víscera dupla. O mesmo que acarretas.
5 Vá ao chão. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. (inv.º)
6 Afiado.
7 Cria raizes. Senhor.
8 Cólera. Distrito da Índia Portuguesa. (Inv.º?. Acrescentei.
9 Em partes iguais. Etnólogo alemão Director da secção da América setentrional e central do Museu de Folclore de Berlim (1869-1938).
10 Oceano. Vassourara o forno depois de aquecido.
11 O mesmo que pitorra (Prov.) Ulmos.

Resolveu completamente este problema?
Procure então como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6340



HORIZONTAIS

1 Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Passai. Cidade da Bélgica, junto ao rio Dendre.
2 Lavrais. Nome de mulher.
3 Fundador do Império Persa. Causa amuo a.
4 Doçura. Liga.
5 Viração. Bezerro ou burro de um ano. Título honorífico na Índia.
6 Pedra de moinho. Ente.
7 Apelido. Antepassados.
8 Fixo a vista en. Interjeição que serve para fazer recuar os bois.
9 Espaço de doze meses. Preposição. Rio da Suiça.
10 Radio (s.q.) Tingir. Fútil.
11 Equipar. Pinta na pele.

VERTICIAS:

1 Miriare, Cidade da Bélgica. Tempo do verbo fazer.
2 Donzela de Orleães. Remoer.
3 Irmão de Abel. Macaco americano.
4 Caminharem. Porco. Cálcio (s.q.)
ª Separara de outro. Preposição.
6 Pedra de moinho. Entre.
7 Metera em mala. Chefe etíope.
8 Bisnaga. Tempo do verbo ir. Zomba.
9 Espantadiço. Nome de flor.
10 Irmã da mãe. Comia a erva de.
11 Tempo do verbo haver. Rio do estado do Ceará (Bras.). Lago salgado do Turquestão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10183

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Manda. Carpa.	1 Manar. Acará.
2 Afie. A. Rurm.	2 Afilo. Lames.
3 Nin. Pia. Ala.	3 Nina. Aviara.
4 Alaca. CÉSAR.	4 DE. CÉSAR. Ar.
5 Ro. Eu. Os. Rã.	5 Pau. Sal.
6 Às. O. Ta.	6 Ai. Vê.
7 Alvas. Catas.	7 Aço. Cai.
8 Caira. Aramo.	8 AR. Esar. Só.
9 Ama. LVI. QUE.	9 Ruas. Ataque.
10 Rara. E. Suar.	10 Pilar, Amuar.
11 Asara. Moera.	11 Amara. Soera.

PROVÉRBIO: A César o que é de César.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6339

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Hamm. Gas. Cs.	1 Hamadã. Aras.
2 Aiara. Ave.	2 Além. Nó.
3 Matara, Pr.	3 Mata. Asaram.
4 Ara. Ciara.	4 Miara. Piela.
5 Dá. Farda.	5 Ara. Pena.
6 Ala. Pola. Ba.	6 Grã. Fora. Ra.
7 Esperam. Cãs.	7 Aa. Cala. Pé.
8 Amaina. Cu.	8 Pira. Casa.
9 Rea. Parco.	9 Arado. Curti.
10 Anal. Réstia.	10 Raba. Cia.
11 Somara. Aias.	11 Sela. Assoas.

O PENSAMENTO DE MAO

—Ele é formidável, mas esconde cuidadosamente o segredo das suas receitas.

●●●

—Sim, eu e a minha mulher estamos impregnados do pensamento de Mao.

DACTILÓGRAFAS

Admitem-se para empresa em Lisboa, possuindo como habilitações mínimas a secção de letras do 2.º ciclo liceal ou equivalente. Resposta a este jornal ao n.º 622

EXCURSÕES CP

VALE DO TÂMEGA

no «COMBOIO HISTÓRICO»

em 9 e 10 de Setembro de 1972

- Partida de Lisboa-St.ª Apolónia, no «Rápido», às 8.10, em 1.ª classe (modalidade 1) ou no «Foguete», ás 14.10 (modalidade 2).
- Almoço típico no Porto (modalidade 1) e tarde livre.
- Alojamento no Porto em Hotel de 1.ª classe.
- Viagem no «Comboio Histórico» de Livração a Celorico de Basto (via estreita), como nos bons velhos tempos... A sua pequena locomotiva e os seus pequenos e luxuosos salões, autênticas raridades de museu numa evocação encantadora do passado, através de paisagens de sonho...
- Almoço regional em AMARANTE.
- Regresso em autocarro de Celorico de Basto ao Porto por Fafe e Guimarães. Enlace ao rápido que chega a Lisboa às 23.40.

PREÇOS por pessoa

	Modalidade 1	*Mod. 2*
LISBOA	780S00	690S00
Faro/Lagos	980S00	890S00
Santarém	750S00	660S00
Tomar	730S00	640S00
Coimbra	690S00	600S00

Informações e folhetos descritivos:

Estação de Lisboa — Rossio
Estação de Santa Apolónia
Rua do Arsenal, 124-1.º — Lisboa

Organização Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

LEIA O JORNAL

A C. P. INFORMA:

Serviço especial para Viseu por ocasião da Feira Franca nos dias 2 de Setembro a 1 de Outubro de 1972

Bilhetes especiais de IDA e VOLTA a preços reduzidos.

Período de venda: de 1 de Setembro a 1 de Outubro.

Validade para regresso: de 2 de Setembro a 2 de Outubro.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros desde Pampilhosa até Guarda e até Vildemoinhos, desde Espinho e desde Aveiro até Abraveses e nas estações de Lisboa (Santa Apolónia), Santarém, Entroncamento, Pombal, Alfarelos, Coimbra, Gaia, Porto (Campanhã), Porto (São Bento), Figueira da Foz, Tomar, Abrantes, Alferrarede, Castelo Branco, Fundão, Tortosendo e Covilhã, bilhetes especiais, de IDA E VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de VISEU.

Sotavento*

na rota do sol

*serviço trissemanal Lisboa-Algarve e vice-versa.

CP24A72

Caminhos de Ferro Portugueses

Viaje para Madrid de comboio

...e leve o carro consigo.

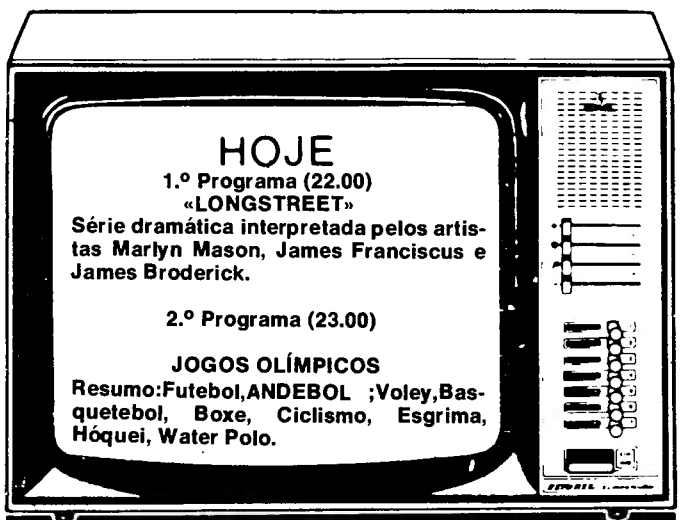
SERVIÇO **auto EXPRESSO**

até 9 de Outubro

CP15A72

Caminhos de Ferro Portugueses

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

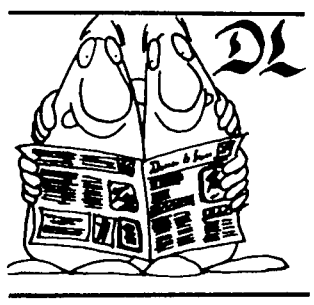
1.º Programa

1.º Período

12.15 Abertura e Missa
13.00 Eurovisão — Jogos Olímpicos Atletismo (Sumário) 100 m. bar. (eliminatórias), 200 m H (eliminatórias), Salto em Comp. (Pentatlo), Natação (Sumário), 200 m. estilos H (elim.), 4X100 m. estilos S, 1.500 m livres.
13.55 Hipismo Grande Prémio (2.ª Mão)
14.25 Atletismo 110 bar. (2.ª mão), 400 m. S (2.ª mão), Dardo H F 400 m. H (eliminatória) 200 m. (pentatlo) F, 10.000 m. F, 800 m S F.
18.15 Natação (Directo e VTR), 200 m. estilos H F, 800 m livres S F, 100 m livres H F, 4X100 estilos S F.
19.30 Hipismo Grande Prémio F
20.30 TV 7
21.30 Telejornal (2.ª edição)
22.00 Longstreet (Série Dramática)
22.50 Fados
23.15 DKOMINGO Desportivo
23.40 Telejornal. Últimas notícias
23.50 Meditação e Fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e DÓ, LÁ, SI.
21.00 O regresso de Lucy
21.30 Telejornal — 2.ª edição
22.00 Variedades
23.00 Jogos Olímpicos. Resumo: Futebol, Andebol, Voley, Basquetebol, Boxe, Ciclismo, Esgrima, Hóquei e Water Polo.
00.30 Fecho.



AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

09.55 Abertura — Eurovisão, Jogos Olímpicos, Atletismo 100 m barr. (eliminatória) 200 m S (eliminatória), 400 m H 2.ª mão.
12.00 Natação (Sumário) 200 m mariposa S (eliminatória) 200 m costas S (eliminatória), 4X100 m estilos H (eliminatória)
13.00 Feminino Singular
13.15 Série filmada Cara Alegre.
13.45 Telejornal — 1.ª edição.
14.00 Um dia com...
14.20 Logo à noite. Cartaz dos programas.
14.30 Robin dos Bosques. Série filmada.
14.55 Eurovisão — Jogos Olímpicos. Atletismo, 110 m barreira, SKANto em altura S F, 200 m H 1/2 F, 1500 m S elim., Triplo Salto F, 200 m S 2.ª mão, 3000 m obstáculos F, 400 m S 1/2 F, 400 m H 1/2 F, 200 m H F.
17.55 Natação, 200 m mariposa S F, 1500 m livres H F, 200 m costas S F, 4X100 m estilos H F.
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 Cartaz TV, Jorge Alves apresenta os programas da semana.
20.00 Porta Aberta, pelo dr. Artur Varatojo.
20.30 Povo que canta.
21.00 Aventuras na terra do arco-íris.
21.30 Telejornal — 3.ª edição. Inclui o noticiário do País e Estrangeiros e o B. Meteorológico.
22.00 Jogos Olímpicos. Halterofilia — «-) KG; Ciclismo, Judo.
23.00 Concurso «O Jogo do Galo». Apresentação de Artur AgostinhoeRKEALIZAÇÃODEVictorManuel.
23.50 Telejornal e últimas notícias.
00.00 Meditação e Fecho.

2.º Programa

20.00 Abertura e Jogos Olímpicos, Halterofilia — 110 kg.
20.30 Mergulhos H F, Ciclismo.
21.00 Tandem e pers. por equipas F Judo — 63 kg.
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Vingadores. Série de Aventuras.
23.00 Jogos Olímpicos. Resumo Esgrima, Hóquei, Boxe, Vela, Ciclismo.
00.30 Fecho.

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado, o vento era fraco e havia neblina em alguns locais no centro e sul.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	18.º
PENHAS DOURD	
COIMBRA	23.º
PORTALEGRE	20.º
LISBOA	19.º
FARO	22.º
FUNCHAL	

TEMPERATURAS EXTREMAS

Régua
Máxima 32.º

Penhas da Saúde
Mínima 5.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	16,8.º
Atmosfera	22 .º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
0.15	3,2 m	6.04	1,6 m
12.44	3,5 m	18.53	1,3 m

Dia 4

1.24	3,4 m	7.10	1,4 m
13.45	3,7 m	19.49	1,1 m

Dia 5

2.16	3,6 m	8.00	1,2 m
14.35	4 m	20.33	0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco condições favoráveis á ocorrência de aguaceiros e trovoadas dispersas em especial nas regiões do interior.

AMANHÃ

Nascer às 7.6
Ocaso às 20.6

Dia 7	Dia 15	Dia 23	Dia 29

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
17.00 Onda Musical
18.05 Música e cadência
19.00 Cartaz dos Espectáculos
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades no estúdio
22.00 Teatro das comédias: «Desmedida ambição», de Maria Amália Vale
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro — p/ Fernando Garcia
02.00 Fecho

PROGRAMA EM FM 1 DE LISBOA

23.00 Rádio Universidade
00.30 Junção — com o 1.º Programa)

2.º Programa

16.20 Concerto em Re Maior para trompete e orq.ª (Telemann)
16.30 Música de piano
17.00 Perspectivas da obra de Grieg
18.00 Concerto de Domingo — (1.ª Parte)
18.56 Intervalo: canções de Glinka, pelo baixo Boris Christoff
19.10 Concerto de Domingo — (2.ª Parte)
19.40 Suite n.º 1, em Re Maior (Marin Marais)
20.00 Diário sonoro
20.20 Adagio — (Albinoni)
20.30 As grandes figuras do mundo português — p/dr. Caldeira Pais
21.00 Recital de canto, por Yannulla Pappas
21.30 Que quer ouvir.
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO — FM 2

21.00 Resumo do programa Música ligeira variada
22.00 Oratória «Elias» (Mendelssohn)
00.25 Sinfonia n.º 5, em Mi Bemol Maior, op. 82 (Sibelius)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda média

15.45 Os ritmos da tarde
16.04 Tarde desportiva
17.00 Noticiário
18.02 Projecção
18.30 Meia hora depois
19.03 Formula 1
19.30 Vedetas e canções
20.15 Comentador desportivo
20.30 De 7 em 7 dias
20.45 A estreia da noite
21.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Leitura
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Canções ao acaso
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.04 Pêndulo
17.57 O nosso programa
19.00 Noticiário
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
00.02 Em Orbita-dois
01.02 Banda Sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Rádio Renascença

15.30 Onda desportiva
18.00 Automobilismo
18.30 Missa
20.00 Zona verde espaço ocupado pela família
20.35 Variedades
21.00 Meditando
21.03 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Na hora do regresso
23.00 A 23.ª hora
24.00 Tempo Zip

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Peninsular
6.00 às 8.00; 10.00 às 12.00 e 20.00 às 2.00

Clube Radiofónico de Portugal
8.00 às 10.00 e 17.00 às 19.30

Rádio Graça
12.00 às 14.30 e 19.30 às 22.00

Rádio Voz de Lisboa
14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **Boa Hora**, R. dos Quarteis, 25-27 (T. 637777).

ALFAMA
Arnali, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940).

ALVALADE
Neoterápia, Campo Grande, 138 (T. 774682); **Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 712070); **Paris**, R. Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Agua) (T. 710131); **Gasparinho**, R. Gama Barros, 54-A (T. 710465); **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 712803).

AREEIRO
Vera Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (T. 724941); **Onilda**, Av. João XXI, 13-A (T. 726848).

ARROIOS
Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (T. 45079).

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisostomo, 44-C (T. 40592); **Universal**, R. Actor Taborda, 5 (T. 44158).

BAIRRO ACTORES
Nobel, R. Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (T. 842152).

BAIRRO ALTO
Labor, R. Diário de Notícias, 81 (T. 323428).

BAIRRO AMÉRICA
Martins, R. Fernão de Magalhães, 33) T. 849448).

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (T. 841122).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (T. 310172).

BAIXA
Morão, R. das Assunção, 17 (T. 321289); **Estácio**, Rossio, 63 (T. 3270671324224).

BENFICA
Benfica, E. de Benfica, 678 (T. 702532); **Sousa**, E. de Benfica, 429 (T. 780027).

CAMPOLIDE
Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (T. 680304).

CAMPO DE OURIQUE
Portírio, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760).

CAMPO GRANDE
(Ver Alvalade e Luniar).

CAMPO PEQUENO
Miranda, C. Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (T. 770776).

CARNIDE
Leal de Matos, R. Neves Costa, 33 (T. 780181).

CONDE REDONDO
Davi, R. C. Redondo, 68 (T. 54342).

ESTRELA
Martins, C. da Estrela, 167 (T. 660823); **Paivas Parente**, R. de Santo António, 98 (T. 665196).

GRAÇA
Morão, L. da Graça, 63 (T. 960700).

INTENDENTE
Góis, L.da, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 940101).

LUMIAR
S. Tomé, E. do Desvio, 12-C (T. 790704(; **Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942).

MARVILA
Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (T. 381612).

OLIVAIS
S. Paulo, R. José Campos, Lote 823 (E. de Moscavide), (Olivais-Sul) (T. 310711); **Higiéne**, R. Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Olivais-Sul) (T. 310026).

PENHA DE FRANÇA
Nova Luz, R. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (T. 843439).

PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira, 140-B (T. 720703-728395).

RATO
Soares, Av. Alvares Cabral, 1 (T. 684282).

REGO
Prates Mota, R. da Beneficência, 91 (T. 773728).

RESTELO
Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **Tanara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (na enconta do Restelo) (T. 611814).

SALDANHA
(Ver Avenidas Novas).

SANTO AMARO
Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020).

SANTOS-O-VELHO
Fontoura de Carvalho, R. Santos-o-Velho, 12 (T. 662075).

S. PAULO
Central, R. de S. Paulo, 108)T. 320389).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luís Bivar, 69 (T. 47213); **Correia de Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B (T. 47385).

XABREGAS
Romana, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (T. 383800).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALAMADA
Magalhães R. Capitão Leitão, 8-A (Tel. 270242)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança Estrada Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO
Higiénica Rua D. Manuel I, 178 (Tel. 2273017)

COVA DA PIEDADE
Atlântico R. Padre Manuel Bernardes, I (Tel. 2764466)

MOITA
Silva Rocha P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO
Giraldes R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)

SESIMBRA
Leão Av. Salazar (Tel. 229471)

SETÚBAL
Soromenho P. Machado Santos (Tel. 22691); **Alice** P. do Quebedo (Tel. 23743)

SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo P. D. João I Lote 146 B.º Janeiro (Tel. 932756); **Central** Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja** P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **Jardim** Av. Conde de Oeiras, loja X, 1 Reboleira (Tel. 938424)

DAMAIA
D. João V Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)

VENDA NOVA
Nova R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)

QUELUZ
Queluz Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841); **André** Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043)

CACÉM
Garcia Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS
Quimia Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA
Simões R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)

COLARES
Colares Abreja (Tel. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores R. António Granjo, 2 (Tel. 213161)

CAXIAS
Nova R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Te. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS
Oeiras L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)

PAREDE
Brandão Av. da República, 77 C (Tel. 2471054)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Tel. 263052)

ESTORIL
Parque Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191)

CASCAIS
Misericórdia R. Regimento 19, n.º 41 (Tel. 280141); **Cascais** R. Conde de Monte Real, B.º Caixas (Tel. 282407)

PORTO

SUB-TURNO A

Alírio de Barros, Suc. R. de Costa Cabral, 240; **Central**, Rua Santo António, 203; **Gomes Carneiro**, Rua Cedofeita, 348; **Magalhães**, Rua Serralves, 566; **Nova de Monsanto**, Rua Monsanto, 148; **Ribeiro Júnior, Suca**, Rua Firmeza, 99-A

SUB-TURNO B

Correia, P. M. de Albuquerque, 50; **Corujeira (da)**, R. S. Roque Lameira, 1473; **Couto**, L. S. Domingos, 106; **Lapa (da)**, Rua Antero Quental, 211; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140

COIMBRA

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106 - 108 (tel 23738); **Rodrigues da Silva**, R. Ferreira Borges, 32 (tel. 24348); **S. José**, Arcos do Jardim, 41 (tel. 24697).

cinemas ● cinemas ● cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
Grupo B 10 anos
novamente ele resolve os problemas dos rapazes maus e das raparigas boas. «HARPER DETECTIVE PRIVADO» com Paul Newan e Lauren Bacael.

SATELITE (Tel. 562632)
4 Sessões - 15.00-17.00-19.00 21.45
(Grupo C - 14 anos) 2.ª semana Paul Scofield e John McEnery em «RESISTÊNCIA PASSIVA» (Bartleby) Premiado no Festival de San Sebastian

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo B - 10 anos)
O Pirata Vermelho com Burt LAncaster e Eva Bartok zcolorido

ROYAL (Tel. 855037)
15.00 - 21.00
Grupo D (18 anos)
«A comédia sensacional do ano! «A TRANSPLANTAÇÃO» Color com Renato Rascel e Sterling Hayden «TRAIDORES INFAMES»

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 18.30 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
A estranha epopeia de uma mulher sensual e rebelde... «RESGATE POR UM HOMEM MORTO» com Peter Folk e Patrícia Matlick Techinicolor

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor -
«Prémio Kolimer» - o melhor filme estrangeiro 1970 - 3.ª Semana «DJAMILIA» com Natalia Arimbassarova

LONDRES (Tel. 731313)
(Grupo C - 14 anos)
Sessões diárias - 14.15-16.30 18.45 e 21.45. Greta Garbo e Charles Bayer em «MARIA WALEWSKA»
Snack-bar, Pub «The Flag». O melhor encontro gastronómico. (Ar condicionado).

POLITEAMA
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
C. C. e C.ª OS SELVAGENS

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
32.ª semana. O filme do ano TRINITÁ (COW-BOY INSOLENTE, com Buel Spencer e Terence Hill.

ROMA (Tel. 727778)
Às 15.30 e 21.45 (Grupo D - 18 anos)
Um filme insólito! 2.ª Semana «MUNDO CÃO»
Realização de Jacopetti - Technicolor

IMPÉRIO (tel. 55134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
A famosa sátira de Mário Monicelli «MORTADELA»
Color

S. JORGE (Tel. 54152/4)
Às 15,15 - 18,15 - 21,30
(Grupo C 14 anos)
UNA JAMES BOND!
«007 contra Goldfinga» Com Sean Connery

CASINO ESTORIL
15.30-18.30 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Animado Western Catcow c/ Yul Brynner

CONDES (Tel. 322523-326710)
15.15-21.15
7.ª semana
Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser projectado 10 minutos depois do início das sessões.

TIVOLI (Tel. 717480)
14.30 - 18.00 - 21.30
(Grupo A-6 anos) 76.ª Semana
O maior êxito de sempre «MÚSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plumer 70 m/m Technicolor (Ar condicionado)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45 5.ª semana
(Grupo D - 18 anos)
O mais divertido filme de Claude Lelouch «SMIC, SMAC SMOC» com Catherine Allegret, Charles Gérard e Francis Lai

LYS (Tel. 48560)
15.00 - 21.00
(Grupo C - 14 anos)
Em continuação de estreia 11.ª semana Mark Lester e Jack Wild em «MELODY». Em complemento «O PERSEGUIDO»

ESTUDIO (Tel. 555134/5)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
Grupo D 18 anos)
Um belo conto de amor e morte AMARGA EXPERIÊNCIA com Catherine Jourdan Mathien Carrière
Nas sessões diurnas só se exibe o filme de fundo

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
Eastmancolor - Maiores de 21 anos um filme único «HELGA: O SEGREDO DA MATERNIDADE» com Ruth Gassman

ALVALADE (TEl. 717480)
15.15 e 21.45 2.ª semana
(Grupo D - 18 anos)
Tony Curtis, Natalie Wood, Henry Fonda, Lauren Bacall e Mel Ferrer «A SOLTEIRA E O ATREVIDO» (Metro Alvalade)

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«OS IMPOSTORES» com Bekim Fehmiu, Candice Bergen, Charles Aznavour, etc.
Imagens do Norte do País

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D (10 anos)
RonEly e «A Revolta de Tarzan»

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D 18 anos)
Um filme de Peter Yats O GRANDE GOLPE Com Robert Redford e George Segal Colorido (ar condicionado)

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
29.ª Semana de êxito
NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º, com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces.

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pra Frente Lisboa»

VILLARET
21.00 - 23.00 (14 anos)
«SUA EXCELÊNCIA, O PENDURA»

LISBOA/Cinemas

ARCO ÍRIS
21.00 (10 anos)
«Charro» e «Boa sorte Gringo»

RESTELO
21.30 (14 anos)
«A 25.ª Hora»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«O Magnífico Rebelde» e «Fantomas contra a Scotland Yard»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Quando elas tinham cauda» e «Os Intocáveis»

JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
«A noite das 8 badaladas»

OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«Cartago em chamas» e «James Tont operação dois»

MAYER
21.00 (14 anos)
«Às oito na cama» e «Cungala, a virgem da selva»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«A última fuga»

CASTANHEIRA ESPLANADA
21.30 (10 anos)
«O Homem orquestra»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (10 anos)
«Uma Pistola para Ringo»

PAREDE
Royal-cine
21.15 (10 anos)
«O Homem a quem chamavam Cavalo»

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30
«Catlow»

Palácio
21.30 (17 anos)
«Cerimónia secreta»

Esplanada
21.30 (14 anos)
«A parte de leão»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«O Facho e a Flecha»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«O Golpe»

BARREIRO
Cine-Barreirense
21.00 (18 anos)
«O Malandro»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Adeus Columbus»

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (10 anos)
«Longe da Multidão»

AMADORA
Recreios Desportivas
21.15 (10 anos)
«O Bom Pastor»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Noiva por um dia» e «O Chicote Diabólico»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (14 anos)
«Da Terra nascem os Homens»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Leito conjugal»

PORTO Cinemas

JULIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«002 entre polícias e ladrões»

PASSOS MANUEL
21.45 (18 anos)
«Amar e morte»

TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Encontro marcado»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Zorba, o Grego»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (14 anos)
«O parceiro do Diabo»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Águia negra o Cossaco» e «Roberto Carlos em ritmo de aventura»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Curvas na Zona»

OLÌMPIA
21.30 (10 anos)
«Quando os dinossauros dominavam a Terra»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Um jovem casal»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Traficantes de sonhos»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Quinto dedo»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«O Barão Vermelho»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

NUNO ÁLVARES
18 anos
«A parede do escândalo»

PORTO Teatros

SÁ DA BANDEIRA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Um anjo dos diabos»

ESPLANADA BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
21.45 (14 anos)
«O anjinho»

AVENIDA
21.45 (10 anos)
«A fuga de Tarzan»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (18 anos)
«Ontem, hoje e amanhã»

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Armando Hilário. Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Nova Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar; **fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.** Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natalina Bizarro Ana Horlense e Alcino de Carvalho Tocam António Luis Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diario de Notícias, 107. Telef. 328307.**

FORCADO
Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam: Carvalhinho e Julio Gomes. Os Arautos Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760**

VIELA
Rua das Taipas, 14. Tel. 327256
O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo
Encerrado ao domingo

ARREDA Fado amador, ouça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio Encerra às 3.ªs feiras Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô - Jô, Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila - Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anjos. **Travessa de S. Miguel, 22, Alfama - Tel. 868552**

SANZALA Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua **Gomes Freire, 145-B Aberto todos os dias até às 05.00 h**

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197**

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562)**

TAMILA Marão e s/conjunto Mainées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loule, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.

HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliveri **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 º2,ºE-4 º
TELEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

A MORTE DE UM TOUREIRO

Manolete

Todos os anos, no dia 29 de Agosto, a cidade de Córdova, na Espanha, é palco de uma estranha romaria. Apoderados, matadores, subalternos e aficionados — figuras do colorido mundo das touradas, — unidos a políticos, mulheres e crianças, recordam, discursam e choram à beira de um túmulo do Cemitério de Nossa Senhora da Saúde, que, ao fim da tarde, fica coberto por coroas, velas e flores.

O centro vivo dessa romaria é dona Angústias Sanches, talvez a moradora mais conhecida do lugar. Para ela são as centenas de cartas e telegramas que chegam de todas as partes do mundo, renovando as condolências que lhe foram apresentadas pela primeira vez em 1947. Nesse ano, no dia 29 de Agosto morria seu filho Manuel Rodriguez Sanches, o **Manolete**, que, na tarde anterior, tinha sido colhido pelo touro «Islero», da ganadaria de Miura, durante a primeira corrida da Feira de Linares.

Este ano — quando se comemoram 25 anos da morte de **Manolete** — a romaria de Córdova foi mais concorrida do que nunca. Por volta das nove horas da noite, como encerramento de um programa que incluía a visita ao túmulo do matador, missa solene pelo descanso de sua alma e até uma florida manifestação feminina junto ao monumento erguido à sua memória, dona Angústias Sanches, vestida de negro da cabeça aos pés, recebeu em sua casa da Calle Lagunilla, as condolências oficiais do governo espanhol.

Todos os anos, no dia 29 de Agosto, as corridas realizadas nas praças de touros do mundo inteiro apresentam uma nota particular. Este ano não foi diferente: os matadores entraram nas arenas trazendo sobre o **traje de luces** uma braçadeira negra, mostrando com o sinal de luto, que o mito de Manolete está mais vivo do que nunca. Em silêncio, todos os touros mortos nas lidas desta tarde foram brindados à sua memória. Talvez como uma desforra. Ou uma tardia vingança.

EL MONSTRUO DE CÓRDOBA

Manuel Rodriguez Sanches nasceu na madrugada de 5 de Julho de 1917. Sua família, desde o tio-avô José Rodriguez «Pepete» — morto como ele, por um touro de Miura, em 1862 — era composta, em sua grande maioria, por gente ligada aos touros. **Manolete** foi o apelido que usaram e seu avô, Manuel Rodriguez Y Rodriguez e seu pai, que também se chamava Manuel. Sua mãe, dona Angustias Sanchez, fôra antes casada com o toureiro Rafaelito «Lagartijo». Do seu primeiro matrimónio tinha duas filhas, Dolores e Angústias, que, junto aos filhos do segundo casamento — Teresa, Angel e Soledad — formavam a numerosa família, no meio da qual **Manolete** viveu os seus primeiros anos.

Texto: WANDERLEY DINIZ

A sua infância foi a de um menino classe-média, até que, em 1922, morreu o seu pai. A partir daí a família foi obrigada a levar uma vida modestíssima, o que não impediu o futuro toureiro de iniciar os seus estudos com os padres jesuítas, que o acolheram como aluno. Mais tarde, e até a idade de 11 anos, **Manolete** esteve internado num abrigo mantido pelos padres salesianos. Era uma criança de constituição débil — quando tinha um ano e meio sofreu uma pneumonia — e de carácter arredio, solitário. Seu passatempo predilecto, nessa época era a leitura. Gostava das aventuras de Dick Turpin e histórias de terror.

VINTE E CINCO PESETAS

Aos doze anos, já de volta à casa de sua mãe, passa a interessar-se pelos touros. Junto ao seu amigo Curro «Camará» e ao seu primo Manolo Rodriguez «Bebé Chico», sempre que podia escapava para os campos, improvisando os seus primeiros passes, capeando os touros das quintas dos arredores de Córdova. Mais tarde foi para a Escola Taurina de Montilla, onde conseguiu ganhar o seu primeiro dinheiro: 25 pesetas.

Com apenas 13 anos, em Venta de Vargas, matou pela primeira vez. Em 1930 e 31 começa sua carreira como novilheiro, participando de corridas em Bujalance e em Cabra. Em 1932 aparece em um filme de Julio Buchs, «Cartelera». Nos anos seguintes percorre toda a Espanha, fazendo a perte séria do espectáculo cómico realizado pelo grupo taurino — musical «Os Califas». Pouco a pouco vai amadurecendo a sua arte e consegue os seus primeiros administradores.

Foi em Córdova, sua cidade de natal, onde pela primeira vez **Manolete** vestiu o **traje de luces.** Foi no fim do ano de 1934 e ele voltaria a vesti-lo, na mesma praça, em 1935, assinalando aqui o seu primeiro triunfo: corta uma orelha e deixa patente, de uma vez por todas, o seu valor autêntico como toureiro fora de série.

Com a guerra civil a sua carreira é quase interrompida, limitando-se **Manolete a tourear em corridas e festivais beneficientes. Mesmo assim, consegue novo triunfo ao se apresentar-se na Maestranza** de Sevilha, alternando no programa com «Torerito de Triana» e Juan Belmonte. A sua consagração, porém, viria mais tarde, nesta mesma praça, numa tarde em que alternou com Pepe Luís. Também foi na **Maestranza** de Sevilha que **Manolete** recebeu, das mãos de «Chicuelo», a sua alternativa de matador. Isto foi no dia 2 de Julho de 1939 e, uma semana depois, esta alternativa era confirmada por Macial, na **Monumental** Madrid, numa corrida onde participava o já lendário Juan Belmonte. Porém, o nome de **Manolete só vai ser conhecido e admirado depois de finda a guerra civil, nos anos 40.**

Em 1941 realiza cinquenta e cinco corridas das sessenta e seis que estavam previstas em contrato, cortando cinquenta e uma orelhas, treze rabos e três patas. Em 1944 participa de aproximadamente cem espetáculos, deixando de aparecer e algumas corridas por causa do acidente automobilistíco que sofreu. O seu nome é agora conhecido em toda a Espanha. Em todas as reuniões tauromáquicas, as suas **faenas** e **estatuárias** são discutidas e comentadas. O seu estilo é considerado, não apenas difícil, mas único. Tem muitos imitadores.

Pouco depois **Manolete** é transformado em ídolo. É homenageado em sua terra natal, em Madrid e em toda a Andaluzia. A sua ultrapassa as fronteiras espanholas e, em 1945 é convidado para uma temporada no México onde é recebido de maneira espectacular e realiza suas melhores corridas. Na época, dizia-se que no México, Manolete era o espanhol mais conhecido depois de Hernan Cortez. Em 1946 volta àquele país, conhecendo novamente a Glória.

O COMEÇO DO FIM

Manolete regressa a Espanha em 1947. Está esgotado e chega mesmo a anunciar sua retirada, embora sem a concretizar. E realizado um balanço da sua carreira: já participou, desde a sua alternativa até o momento, em mais de quinhentas corridas, estoqueando aproximadamente mil touros.

Exigente consigo mesmo, ele procura sempre superar os estilos mais puros já registados na história do toureio apeado, procurando, não apenas uma satisfação própria, mas também a satisfação de seu público, cada vez mais exigente. Sensível, não suporta críticas à sua árte e corágem, expondo-se na maior parte das vezes em demasia, concedendo sempre o direito de prioridade de ataque ao touro.

Por causa disso, ao longo de sua vida, sofreu várias e perigosas colhidas. O seu baptismo de sangue aconteceu quando tinha 13 anos, quando participava de uma tenta na «Quinta Córdova Velha», ocasião em que foi ferido no braço esquerdo. Em 1937, na tarde de 24 de Setembro, quando fazia um «mano a mano» com Boni, na praça de Salamanca, foi outra vez apanhado pelo touro, sofrendo uma ferida do mesmo tipo daquela que, dez anos mais tarde viria a lhe causar a morte. Porém, uma de suas mais graves colhidas aconteceu em 1942, na praça de Ventas, em Madrid, quando foi atirado para o ar, atingido nas virilhas.

SANGUE E AREIA

O fim estava próximo. No dia 28 de Agosto de 1947, celebrava-se a primeira corrida da Feira de Linares. No programa, Manuel Rodriguez Sanches alternava com «Gitanillo de Triana» e Luis Miguel «Dominguin». A sua quadrilha era composta, como sempre, por Guilherme, e moço de estoques; «Camará», antigo companheiro de infância e agora o seu apoderado; Antonio Labrador «Pinturas», o peão; Bernardo Muñoz «Carnicerito de Málaga», subalterno; Gabriel Gonzales e Rafael Saco «Cantimplas», primo do toureiro. Como picadores actuavam Ramon Atienza e Barajas «Pimpi».

O primeiro touro de **Manolete**, o segundo da lide, é recebido com uma série de verónicas. Em seguida, passes por baixo e alguns naturais de grande efeito. Mata duas vezes, com um **pinchazo** seguido de uma estocada.

O seu segundo touro, o quinto da tarde, «Islero», vem da ganadaria de Miura. **Manolete** recebe-o com uma série de três verónicas superiores. Ovações. Naturais com desafio. Ovações. Manoletinas. Ovações. Passes pelo alto. Ovações ainda maiores.

Quando **Manolete**, com uma estocada, entra para matar é apanhado e derrubado pelo touro. Seus auxiliares correm para a arena e conduzem-no ràpidamente para a enfermaria. Ele sofreu uma cornada na perna direita, verificando-se a destruição do tecido muscular e dos vasos sanguíneos. Os médicos tentam paralisar a hemorragia.

Na enfermaria, a gravidade do ferimento é verificada. Pensa-se em transportá-lo para Madrid e a viagem chega mesmo a ser iniciada. Mas, tal é a perda de sangue que o regresso a Linares se torna imperioso.

Na tarde do dia 29 de Agosto, os vespertinos anunciam em grandes títulos: «No hospital de Linares, às cinco e quinze da manhã, depois de duas operações e cinco transfusões de sangue, morreu **Manolete**».

Na mesma tarde, o Governo de Franco outorga ao matador, postumamente, a **Cruz de Beneficiência** de 1.ª Classe.

Isso foi há vinte e cinco anos. Estava morto o homem. Nascia o mito.

SANTOS & NASCIMENTO

INFORMA OS SEUS PREZADOS CLIENTES E AMIGOS QUE INICIA OS SEUS SALDOS FIM DE ESTAÇÃO NO DIA 4/9/72

as suas férias 72
CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé, 47-A Tel. 560171

MUNIQUE
FESTA DA CERVEJA
(Oktoberfest)
8 dias 7.500$00
Incluindo:
Passagem aérea de ida e volta. Alojamento em quarto c/ banho e pequeno almoço em Hotel Turístico. Visita de Munique em autocarro com guia e breve tour de Franque-forte. Assistência e transfers à chegada e partida de Munique. Todas as taxas e serviços.

MUNIQUE E BERLIM
Pela OKTOBERFEST
8 dias 8.500$00
Incluindo:
Todos os serviços da viagem a Munique. E mais ainda: Transporte aéreo a Berlim e volta. Transfers à partida e chegada a Berlim. Visita de Berlim Ocidental em autocarro e guia
INSCRIÇÕES MUITO LIMITADAS. — PARTIDAS A 23 DE SETEMBRO
CONSULTE-NOS